

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Gilberta Ferreira da Costa

**LITERATURA E CINEMA:
a leitura dos jovens em diferentes linguagens**

Porto Alegre
2016

Gilberta Ferreira da Costa

**LITERATURA E CINEMA:
a leitura dos jovens em diferentes linguagens**

Monografia elaborada como requisito parcial da atividade Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientadora: Prof^a. Me. Martha Eddy
Krummenauer Kling Bonotto

Porto Alegre
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof^a. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rockembach

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Souza

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

Dados de Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383I Ferreira da Costa, Gilberta.

Literatura e cinema: a leitura dos jovens em diferentes linguagens / Gilberta Ferreira da Costa – 2016.

107 f.

Orientadora: Prof^a. Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, 2016.

1. Leitura 2. Literatura 3. Literatura juvenil 4. Cinema 5. Livros
6. Filmes 7. Motivação 8. Biblioteca Escolar I. Bonotto, Martha Eddy Krumenauer Kling. II. Título.

Elaborada por Gilberta Ferreira da Costa

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcellos, 2705 – Bairro Santana
CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3308.5067
Fax: 3308.5435
E-mail: fabico@ufrgs.br

Gilberta Ferreira da Costa

**LITERATURA E CINEMA:
a leitura dos jovens em diferentes linguagens**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em: ___ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
Examinadora

Aprovado em: ___ de _____ de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que de alguma forma contribuíram para a execução desse trabalho.

Agradeço à minha família pelo apoio, especialmente ao meu marido pela paciência, ao meu enteado por ter me inscrito no vestibular; à minha irmã Renata pelo incentivo para voltar à universidade e às minhas sobrinhas pelas muitas lições de informática.

Agradeço à uma grande amiga pelo incentivo e pelos esclarecimentos sobre o campo de trabalho da Biblioteconomia, sendo que ela não é bibliotecária.

Agradeço à bibliotecária da Biblioteca do TJM-RS e às bibliotecárias da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, os dois locais onde estagiei.

Agradeço aos amigos e colegas pelo apoio, pelas trocas de opiniões, conhecimentos e experiências.

Agradeço à professora Martha Bonotto por ter aceitado me orientar, pelas sugestões, contribuições, e por ter sido muito presente desde o projeto para a realização desse trabalho.

Agradeço à professora Eliane Moro e à professora Maria do Rocio Teixeira por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora.

Agradeço às duas escolas que consentiram que eu realizasse a coleta de dados em suas dependências, bem como aos coordenadores pedagógicos e professores.

Meu especial agradecimento aos 16 jovens que participaram da pesquisa, pela sua fundamental colaboração, sem a qual não poderia ter realizado esse trabalho.

A poesia, a necessidade de imaginar e de criar,
é tão fundamental quanto respirar.
Respirar é viver e não fugir da vida.

Eugène Ionesco

RESUMO

Apresenta a percepção dos jovens em relação às leituras de obras literárias e cinematográficas através de um estudo de caso múltiplo. Arrola os conceitos de leitura, a criação de sentidos e conexões proporcionadas pela leitura. Enfoca os diferentes níveis durante o processo de leitura. Aborda os conceitos e as funções da literatura, na vida pessoal e social do indivíduo, como fonte de conhecimento, como criadora de identidade e comunidade e ainda como fonte de reflexão sobre a humanidade. Contextualiza o surgimento do cinema, e as várias transformações sofridas desde os seus primórdios até sua consolidação como forma de arte voltada para todos os públicos. Aponta as afinidades e diferenças de linguagem entre o cinema e a literatura, e os processos relativos à adaptação da linguagem textual para a cinematográfica realizados com mais frequência. Esclarece as posições dos defensores e críticos das adaptações. Reafirma o papel da biblioteca como espaço social, de aprendizagem, criatividade e lazer dentro da escola. Utiliza como método de coleta de dados dois grupos focais, e como instrumento adicional, questionário objetivo e lista de obras literárias para cada um dos grupos focais. Examina as motivações para os jovens lerem obras literárias que já conhecem a partir de suas adaptações para o cinema ou ainda o contrário. Identifica se o jovem considera assistir filmes como uma forma de leitura. Aponta as escolhas dos jovens sobre a linguagem escrita e a cinematográfica como primeira opção de leitura. Conclui que o cinema pode incentivar a leitura e que a forma como o ensino de literatura é realizado na escola desmotiva os jovens a ler.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Literatura juvenil. Cinema. Livros. Filmes. Motivação. Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

It presents the perception of youngsters in relation to the reading of literary works and cinematographic through a multiple case study. It enumerates the concepts of reading, the creation of meanings and connections provided by reading. It focuses the different levels that occur during the reading process. It discusses the concepts and functions of literature in personal and social life, as a source of knowledge, as a means to make up identity and community, and as a source of reflection about humankind. It contextualizes the appearance of cinema, and the various transformations that have happened, since its beginning, until it was consolidated as an art form for any audience. It points out the similarities and differences of the language used in cinema and in literature, and the processes related to the adaptation of text to cinema, which often takes place. It clarifies the positions of advocates and detractors of adaptations. It reaffirms the role of the school library as a social space, where learning, creativity and leisure can take place. It uses as a method of data collection two focus groups, and as an additional instrument, an objective questionnaire and a list of literary works for each of the focus groups. It examines the motivations for youngsters to read literary works they already know from their film adaptations or the opposite. It identifies whether the youngster considers watching movies as a form of reading. It points out young people's choices about written language and film as the first reading option. It concludes that the cinema can encourage the reading and that the form that the teaching of literature is carried out in the school discourages the youth to read.

Keywords: Reading. Literature. Juvenile literature. Cinema. Books. Films. Motivation. School Library.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gêneros narrativos – GRUPO A	53
Gráfico 2 – Gêneros narrativos – GRUPO B	54
Gráfico 3 – Tipos de enredo – GRUPO A	55
Gráfico 4 – Tipos de enredo – GRUPO B	55
Gráfico 5 – Gênero de filmes – GRUPO A	56
Gráfico 6 – Gênero de filmes – GRUPO B	57
Gráfico 7 – Suportes de leitura – GRUPO A	61
Gráfico 8 – Suportes de leitura – GRUPO B	61
Gráfico 9 – Meios utilizados para assistir filmes – GRUPO A	62
Gráfico 10 – Meios utilizados para assistir filmes – GRUPO B	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LEITURA E SEUS CONCEITOS	13
2.1	Níveis de leitura	17
2.2	Motivação e interesses de leitura.....	20
3	LITERATURA: CONCEITOS E FUNÇÕES	25
4	CINEMA	31
4.1	As origens do cinema	31
4.2	Adaptação cinematográfica de obras literárias	34
5	A BIBLIOTECA ESCOLAR	40
6	METODOLOGIA	44
6.1	TIPO DE ESTUDO	44
6.2	PROCEDIMENTO E INSTRUMENTOS DE PESQUISA	45
6.3	ANÁLISE DOS DADOS	47
6.4	O UNIVERSO DA PESQUISA	47
6.5	OS SUJEITOS DA PESQUISA	49
7	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	51
7.1	OS JOVENS E A LEITURA DO LIVRO	52
7.1.1	Gêneros literários.....	53
7.1.2	Tipos de enredos	54
7.2	OS JOVENS E A LEITURA DE FILMES	55
7.3	LIVRO <i>VERSUS</i> FILME	57
7.4	O FILME COMO LEITURA	58
7.5	SUPORTES DE LEITURA DE LIVROS E FILMES.....	60
7.6	IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LIVROS E FILMES	63
7.7	ADAPTAÇÕES	65
7.8	A BIBLIOTECA DA ESCOLA	69
7.9	AS ATIVIDADES NA ESCOLA DESPERTAM INTERESSE PELA LEITURA?	70
7.10	MOTIVAÇÃO	72
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	87

APÊNDICE A – Questionário para os jovens	91
APÊNDICE B – Roteiro para o grupo focal	93
APÊNDICE C – Lista de obras apresentada aos jovens	94
APÊNDICE D – Levantamento de livros lidos e filme vistos pelos jovens do GRUPO A	97
APÊNDICE E – Levantamento de livros lidos e filme vistos pelos jovens do GRUPO B	99
APÊNDICE F – Livros acrescentados pelos jovens do GRUPO A à lista distribuída	100
APÊNDICE G – Livros acrescentados pelos jovens do GRUPO B à lista distribuída	101
APÊNDICE H – Filmes citados no questionário pelos jovens do GRUPO A	102
APÊNDICE I – Filmes citados no questionário pelos jovens do GRUPO B	103
APÊNDICE J – Carta de apresentação à direção da escola	104
APÊNDICE K – Termo de esclarecimento aos pais	105
APÊNDICE L – Termo de consentimento	106
ANEXO A – Carta de apresentação de aluno	107

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar deve ser um ambiente de integração dentro da escola, um lugar onde os alunos e demais membros da comunidade escolar possam exercitar a leitura, assim como diversas outras atividades. Ao se pensar em leitura para adolescentes na escola, a primeira associação feita é com o ensino da literatura, que nos currículos escolares brasileiros acabam tendo uma relação direta com as leituras de literatura voltadas para o exame de vestibular.

Devemos considerar a biblioteca escolar como um espaço onde é realizado um trabalho conjunto entre bibliotecários e professores, para promover a leitura, podendo o cinema ser utilizado como uma atividade que aproxime o aluno da literatura.

O estudo realizado bem como os resultados obtidos, agregam subsídios para a discussão acerca da literatura, do cinema e da leitura na vida dos jovens. Espera-se ainda que os resultados desta pesquisa possam colaborar positivamente com o trabalho interdisciplinar entre os bibliotecários e professores utilizando todos os meios, recursos e potencial disponíveis na biblioteca escolar.

A escolha pelo tema, a relação entre cinema e literatura, ocorreu devido ao gosto pessoal por filmes e por ter trabalhado treze anos no ramo de locadoras de vídeo. O questionamento principal surgiu a partir de uma indagação puramente pessoal, pois após assistir aos filmes da trilogia O Senhor dos Anéis, fui inspirada a ler a obra de J. R. R. Tolkien, que deu origem aos filmes. Li suas mais de mil páginas em cerca de dez dias; posteriormente li mais duas obras de Tolkien, ainda movida pela curiosidade despertada pelo universo criado pelo autor.

No entanto, esta não foi a única vez que tive despertado o desejo de ler um livro, após assistir a um filme; além disso, outras pessoas também mencionavam este mesmo interesse pela leitura da obra em linguagem escrita. Como consequência do despertar desse interesse de leitura, pensei em investigar se tal fato poderia ocorrer em um universo diferente, transpondo este questionamento para o contexto de uma biblioteca escolar.

Uma vez que o apelo audiovisual do filme, por vezes pode ser mais forte que o da leitura de um livro, principalmente se este for uma obra mais antiga, ou de linguagem mais erudita ou ainda composto por um grande número de páginas. Outro fator a ser mencionado em relação às obras literárias, é que os jovens principalmente, mas não exclusivamente, tendem a mostrar certa resistência a determinados autores

ou obras, em especial aquelas com caráter de leitura obrigatória, seja para tarefas escolares ou para o vestibular.

A literatura, o cinema e a arte em geral possuem em comum o fato de nos permitirem sonhar; viver outras vidas ou mesmo ser um observador dessas; e fazer com que possamos ser transportados para outros mundos, seja uma realidade fantástica, ou uma época diferente da atual; ou ainda vivenciar situações cotidianas que poderiam ocorrer com qualquer pessoa. Um contato inicial com uma obra literária adaptada para o cinema pode fazer com que o espectador tenha vontade de conhecer a obra no formato original, a linguagem escrita.

Devemos refletir sobre o impacto que a obra terá no leitor, independente da linguagem em que estiver sendo apresentada. Serão leituras diferentes, se considerarmos uma obra em linguagem escrita ou sua adaptação para o cinema, por isso devem ser pensadas, não como uma substituindo a outra, e sim como linguagens diferentes que podem se complementar. Assim elas podem atrair diferentes pessoas em diferentes momentos. Ao se estabelecer uma relação entre o cinema e a leitura em bibliotecas escolares, torna-se possível pensar em incentivar a leitura do texto escrito, a partir de filmes.

Cotidianamente os jovens usam as tecnologias para se comunicar, para se manter informados, para se divertir, para estudar, entre outras atividades. Tais tecnologias de informação utilizam diversas linguagens além da linguagem escrita, e os jovens se expressam e se relacionam com bastante desenvoltura através dessas. Então considerando que o cinema é uma forma de entretenimento com grande acesso pelos jovens, em que medida as adaptações literárias para o cinema podem ser um convite à leitura da linguagem escrita?

A partir do problema proposto, essa pesquisa tem como objetivos geral: verificar se a motivação dos jovens para a leitura do texto escrito ocorre a partir da adaptação cinematográfica ou vice-versa. Os objetivos específicos do trabalho pretendem identificar os interesses dos jovens para ler obras literárias que já assistiram em adaptações para o cinema; identificar os interesses dos jovens para assistir adaptações para o cinema de obras literárias que já leram; verificar se os jovens consideram assistir filmes como uma forma de leitura; analisar como o leitor percebe a transposição entre as obras em linguagem escrita e cinematográfica; e avaliar se o jovem efetua uma escolha intencional com relação à linguagem, escrita ou cinematográfica, como sua primeira opção de leitura.

Para realização desse trabalho, foi necessário a elaboração de um referencial teórico de modo a compreender e analisar, como os temas aqui apresentados são abordados pela literatura a partir de diversos autores. Com esse fim são apresentados os temas leitura, motivação e interesses dos jovens, literatura, cinema, adaptações literárias para o cinema e biblioteca escolar.

2 LEITURA E SEUS CONCEITOS

Podemos considerar uma variedade de conceitos para leitura, e estes podem tender para uma perspectiva mais instrumental, ou seja, voltada à alfabetização e à decodificação, ou para um caráter social, de inserção e compreensão do mundo, visto que a leitura nos é exigida o tempo todo, desde uma mera decodificação dos símbolos até uma leitura com efetiva compreensão e assimilação do conteúdo.

Dentre os vários conceitos de leitura podemos considerar primeiramente a perspectiva de Freire (1992), de que a leitura não se restringe a uma mera decodificação de letras ou símbolos, antes disso é uma percepção do mundo, de vivências. Ao ler ou decodificar os símbolos, o leitor usará seus conhecimentos anteriores para interpretar o significado do texto escrito.

Paulo Freire nos esclarece que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade a prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1992, p. 11-12).

Mas também podemos mencionar alguns outros conceitos de leitura, como os elencados por Almeida Junior (2007): a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos da humanidade; ler é nutrir-se da tradição e da memória do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; a leitura é predominantemente prazer; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios, até mesmo os mais reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados.

A posição defendida por Almeida Júnior (2007) é que a leitura está no cerne da apropriação da informação. Por ser intangível, a informação precisa do documento para ser apropriada, e este permite a comunicação da informação. De maneira que a leitura, ou seja, a decodificação deste documento, é que possibilitará sua apropriação.

O conceito de leitura com frequência está relacionado à parte técnica de decodificação da escrita, porém sua aprendizagem, tradicionalmente, liga-se ao processo de formação global do indivíduo, tornando-o apto ao convívio social, cultural, político e econômico.

Dentre as várias concepções vigentes de leitura, é possível resumi-las de forma genérica em duas caracterizações, conforme Martins (1983). Primeiramente “[...] como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);”. Ou ainda, “[...] como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).” (MARTINS, 1983, p. 31).

Esta segunda concepção dá condições a uma abordagem mais ampla, e mais profunda da leitura, permitindo uma troca de informações e experiências, um trabalho interdisciplinar. Ambos os aspectos são necessários à leitura, porém, “[...] decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível.” (MARTINS, 1983, p. 32).

De acordo com Goulemot (1996) a leitura é sempre produção de sentido, independente de seu tipo, popular, erudita ou letrada. Para o autor não existe uma leitura ingênua, ou seja, sem nenhuma referência exterior a ela. “Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário.” (GOULEMOT, 1996, p. 108). A leitura, fará manifestar-se a memória de leituras anteriores e de dados culturais, sendo raro que leiamos algo totalmente desconhecido.

Para a maioria dos educandos, aprender a ler se resume a decorar os códigos. E os educadores, ao propagarem uma prática formalista de ensino, somente perpetuam uma aprendizagem pelo sacrifício, de aprender como obrigação sem dar um sentido para a leitura. Ainda segundo Martins (1983), uma aprendizagem da leitura onde não existe um *porquê*, um *como* ou um *para quê*, acaba fazendo com que não seja compreendida a verdadeira função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. A leitura é uma forma de se conhecer o mundo, de conquistar autonomia e deixar de “[...] ler pelos olhos de outrem [...].” (MARTINS, 1983, p. 23).

Ao lermos superficialmente, e frequentemente nos contentamos com isto, não acrescentamos a este ato nada além de uma atividade mecânica, de decodificação. E se tal gesto não permite uma ligação imediata com alguma experiência, a reação será de desinteresse, não havendo uma produção de sentidos (MARTINS, 1983).

A leitura vai além do texto, e seu início principia antes do contato com ele; o leitor que assume seu papel como protagonista da leitura deixa de ser um mero receptor passivo.

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, [...], distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá leva-lo. (PETIT, 2008, p. 28-29).

Ao pensar em leitura, Martins (1983, p. 10) amplia a sua concepção para um horizonte além do texto escrito:

Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos. Quer dizer: não o lemos, não o compreendemos, impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada para nós.

Como forma de proporcionar perspectivas de minimizar alguns problemas da atualidade, como a cultura de massa, sua manipulação e consumo, muitos educadores defendem a necessidade de uma constituição de gosto pela leitura como meio para um processo educacional eficiente, propiciando a formação integral do indivíduo.

No entanto, a leitura em geral está ligada à escola e aos livros didáticos, que são meros manuais e oferecem um conteúdo fracionado e muitas vezes adaptado, proporcionando uma visão limitada e frequentemente conservadora do mundo (MARTINS, 1983). Ou seja, na prática, muito do que se percebe é a repetição de velhas fórmulas, ainda que às vezes com ares de modernidade, na realização da leitura na escola ou do ensino em geral.

Os leitores podem ser diferentes, no entanto, algo que deve ser enfatizado no ato de ler é a interação entre as condições subjetivas e as objetivas. Para Martins (1983), essas condições são fundamentais no desprendimento e desenvolvimento da leitura. Independente do tipo de leitor, o ato de ler estará sempre ligado a essas condições, sejam elas precárias ou ideais.

Aprender a ler significa ler o mundo, dar um sentido a ele, cabendo aos bibliotecários junto com os professores, na função de educadores, proporcionar condições para que o aluno ou leitor construa sua própria aprendizagem, de acordo

com suas expectativas, anseios e desejos, ou ainda conforme sua necessidade e realidade à sua volta.

Conforme anteriormente mencionado, nas visões de Freire (1992), Martins (1983) e Yunes (2003), a leitura do mundo precede a escrita e ao mesmo tempo é sua matéria prima. Sem uma leitura do mundo não podemos ler o escrito, assim como não podemos escrever sem termos algo para dizer; ou seja, para que exista a escrita, anteriormente precisamos ter realizado uma leitura do mundo.

Anteriormente ao surgimento da escrita, o homem realizava seus relatos a partir de desenhos, rituais, costumes e através das narrativas orais. Tais costumes permitiram ao ser humano, manter sua identidade, não somente como indivíduo, mas também como membro de uma comunidade, e partilhar suas experiências e conhecimentos acerca do mundo através de outras linguagens que não a escrita (YUNES, 2003).

A cada leitura, o que já foi lido cria um novo sentido, se modifica, constitui uma forma de troca de acordo com Goulemot (1996). Ou seja, a leitura vai se modificando à medida que é realizada, pois quem a realiza faz suas conexões e apreende o conteúdo lido de acordo com suas vivências. Ao mesmo tempo, o que foi lido e interiorizado possivelmente será de algum modo transmitido a outras pessoas, e isso independe da linguagem em que o conteúdo foi apreendido, se foi através de uma leitura do mundo, de um texto escrito ou ainda de um filme.

Se antes o mundo era dado a ler conforme Yunes (2003), agora o texto, o relato do mundo é que é para ser lido e isso pode ser feito através de diversas linguagens, a oral, a escrita e a visual. Tais linguagens, por sua vez podem ser transmitidas em vários suportes, como livros, obras de arte, discos, filmes, *tablets*, computadores, a tecnologia, possibilitando que várias destas linguagens conversem entre si, em um só *texto* que pode ser, lido, visto e ouvido ao mesmo tempo.

Ao transpormos a leitura do mundo para o texto escrito, perdemos a memória das nossas vivências, havendo a necessidade de recorrermos a ele para resgatá-las. “A leitura do mundo, da vida, do cotidiano – paradoxalmente – obliterou-se, e só um exercício exaustivo de leitura dos textos passou a poder nos devolver ao entendimento do mundo.” (YUNES, 2003, p. 9). O ser humano garantiu com a escrita um meio de reler os acontecimentos e as histórias do passado, mas ao mesmo tempo ela fez com que pouco a pouco fosse sendo perdido o senso de comunidade e memorização que era trazido pela oralidade.

Conforme Yunes (2003, p. 10):

Se as palavras dependem de quem as diz para terem este ou aquele sentido, é importante conhecer o sujeito que as controla, escolhe, usa. Do mesmo modo, quem lê o faz com toda carga pessoal de vida e experiência, consciente ou não dela, e atribui ao lido as marcas pessoais de memória, intelectual e emocional. Para ler, portanto, é necessário que estejamos minimamente dispostos a desvelar o sujeito que somos – ou seja, lugar do qual nos pronunciamos – ou que desejamos construir pela tomada de consciência da linguagem e de nossa história, nos traços deixados pelas memórias particulares, coletivas e institucionais.

2.1 NÍVEIS DE LEITURA

Segundo Martins (1983), o leitor não se detém na atividade do ato de ler, nas inter-relações estabelecidas neste. Ao se propor refletir sobre a leitura, a autora aborda os três níveis básicos de leitura: o nível sensorial, o emocional e o racional. Cada um destes três níveis corresponde a uma forma de aproximação com o objeto lido. Como a leitura é dinâmica, tais níveis são simultâneos, ainda que se possa privilegiar um ou outro, em determinados momentos, ou de acordo com expectativas, experiências ou interesse do leitor, dentre outros fatores.

Ao abordar esses níveis do processo de leitura, Martins (1983) afirma que há inúmeras maneiras e concepções ao abordá-los e que o faz da maneira como o faz por serem os aspectos que lhe parecem mais evidentes; entretanto, acrescenta que pensar sob diversas perspectivas aumenta as possibilidades de sua compreensão. A seguir serão apresentados os níveis de leitura denominados, conforme Martins (1983), como: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional.

Leitura sensorial, de acordo com Martins (1983) é a primeira que efetuamos e nos acompanha ao longo da vida, sem importar se mais ou menos minuciosa e simultânea à emocional e ou à racional. Ainda que transmita um aspecto de gratuidade por seu espírito lúdico, incita a procura pelo que agrada, concomitantemente com a descoberta e rejeição do que desagradar, revelando ao leitor um conhecimento sobre si mesmo.

A leitura sensorial oferece ao leitor o que ele gosta ou não, sem necessidade de racionalizações, apenas porque impressiona aos seus sentidos. Parece mais fácil associar a leitura sensorial, a uma música, um quadro, ou uma narração oral; no

entanto, o livro “[...] antes de ser um texto escrito é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro.” (MARTINS, 1983, p. 42).

Na leitura sensorial, ainda conforme Martins (1983), em um primeiro momento o que terá importância será a resposta física diante do que cerca o leitor, a percepção através dos seus sentidos; porém, por estes serem ligados à emoção e à razão, podem surpreender e modificar o percurso da leitura. Então, quando uma leitura, independente de qual seja, despertar emoções, como tristeza, curiosidade, lembranças entre outras, a leitura passará a um outro nível que é o emocional.

A leitura emocional, por se tratar de sentimentos, pode ser tratada como menor do ponto de vista da cultura letrada, como se, por lidar com sentimentos, lhe faltasse objetividade. Esse tipo de leitura normalmente é a mais comum entre as pessoas que dizem gostar de ler, pois talvez seja a que lhes traga mais prazer. A leitura emocional permite a empatia, tendência de sentir como se estivéssemos no lugar ou na situação experimentada pelo outro, um processo de participação afetiva numa realidade que não é a do leitor (MARTINS, 1983).

Neste tipo de leitura convém pensar no texto mais como um acontecimento, como o que ele provoca no leitor e menos no que o texto consiste. O leitor pode ter consciência de estar lendo um texto medíocre – um texto que pode ser considerado como sem grande valor literário, tanto pelo próprio leitor como pelos críticos e professores entre outros – mas ainda assim, se sentir de algum modo ligado a ele, o que faz com que prossiga aquela leitura. O mesmo pode ocorrer em uma situação inversa, reconhecer o valor de um texto, mas ainda assim rejeitá-lo.

Roland Barthes, afirma que “[...] para ler, senão voluptuosamente, pelo menos gulosamente, é preciso ler fora de toda a responsabilidade crítica;” (BARTHES¹, 1981 *apud* MARTINS, 1983 p. 58). Este tipo de leitura pode ser caracterizada como literatura de evasão, segundo Martins (1983), onde o leitor se envolve com o texto desligando-se da realidade concreta à sua volta. Porém não devemos rotular tal situação como escapista, pois ela pode servir para elaborar sentimentos difíceis de compreender objetivamente.

O leitor extrairá do texto o que lhe interessar, o mesmo texto poderá ser lido de modo diferente por diferentes leitores. Conforme Bamberger (1995, p. 60), “Cada leitor

¹ BARTHES, R. **Le Grain de la voix**: entretiens (1962-1980). Paris, Éditions du Seuil, 1981.

lê de modo diferente e tira do livro especialmente aquilo que o atrai e o que corresponde aos seus interesses.".

De modo geral, é preciso salientar o quanto a leitura emocional tende a ser reprimida ou desconsiderada. As pessoas, no entanto, ao serem questionadas sobre quais motivos as levam a ler, com frequência revelam ser para entretenimento, não significando por isso que são leitores desatentos ou incapazes de refletir sobre um texto. (MARTINS, 1983).

A leitura racional é certamente intelectual, de acordo com Martins (1983), pois é elaborada pelo intelecto. "Importa na leitura racional salientar seu caráter reflexivo e dinâmico." (MARTINS, 1983 p. 65-66). No entanto, ao mesmo tempo que o leitor se desliga de si, para adentrar à realidade do texto lido, sua percepção requer um retorno a sua experiência pessoal; há então um diálogo entre o texto e leitor, dentro do contexto em que a leitura é realizada (MARTINS, 1983).

O leitor é sempre convidado, a participar da constituição do texto, e a cada participação novas experiências e reações advêm de sua experiência e imaginação (ZILBERMAN, 2010).

A leitura racional ou crítica pode ser importante pelo processo que desencadeia no leitor, alargando seus horizontes, expectativas e possibilidades de leitura do texto e ainda de sua realidade social.

Ao realizar uma leitura crítica, ou leitura em segundo nível conforme ECO (2003), é que o leitor decide se o texto tem um ou mais sentidos, se vale a pena ir em uma busca de um sentido alegórico por exemplo. "Neste segundo nível de leitura é que é permitido ao leitor decidir se é difícil desenredar o sentido literal do sentido moral, que é possível desvendar se existe uma pluralidade de sentidos." (ECO, 2003, p. 211).

Assim como existem tantas leituras quantos são os leitores, haverá uma nova leitura quando se retornar a um texto anteriormente lido. Ainda de acordo com Martins (2003), será nessas ocasiões, que possivelmente ocorrerão mudanças de nível de leitura, pois sendo este um processo dinâmico, é pouco provável que refaça a mesma leitura anterior, algo leva o leitor à releitura, e tal fato torna possível a ele uma percepção diferente do texto.

Para ler de modo crítico, uma leitura pode ser refeita várias vezes. "Para saber como a história acaba, geralmente basta ler uma única vez. Para se tornar um leitor de segundo nível é preciso ler muitas vezes, e certas histórias deve-se ler ao infinito."

(ECO, 2003, p. 208). Ou seja, uma leitura será crítica quando o leitor buscar além do que há na superfície do texto, os múltiplos significados presentes nesse, que podem ser: as relações entre este e outros textos, as intenções do autor, ou ainda vários outros significados que lhe façam sentido.

2.2 MOTIVAÇÃO E INTERESSES DE LEITURA

Diversos estudos acerca da leitura concordam que a motivação e o interesse pela leitura devem ser despertados ainda na infância, e que se estes costumam ser consolidados durante a juventude.

De acordo com Bamberger (1995), não é o reconhecimento da importância da leitura que leva o jovem a ler, mas várias motivações e interesses ligados ao seu desenvolvimento intelectual, e à sua personalidade. Sendo a função do professor e do bibliotecário apresentar material de leitura adequado, que não só desenvolva boas habilidades de leitura, mas também desenvolva um interesse duradouro por leitura. Ao trabalhar a leitura de acordo com o interesse dos jovens, o mediador seja bibliotecário ou professor, fará com que se sintam motivados a ler, pois haverá uma simpatia pelo assunto, forma ou tipo de obra.

Motivação e interesse são conceitos utilizados em geral como tendo o mesmo significado, no entanto segundo Bamberger (1995) a motivação tem uma relação mais estreita com os impulsos e intenções lógicas que orientam o comportamento, enquanto as atitudes e experiências emocionais determinam os interesses. Porém interesse não pode ser definido como preferência, pois esta pode ser considerada passiva, uma escolha entre várias possibilidades, já o interesse é dinâmico e ativo.

As motivações e os interesses para ler se misturam, então: “[...] o professor deve tentar descobrir os impulsos e interesses dominantes do jovem leitor.” (BAMBERGER, 1995, p. 33). Além disso as motivações e interesses de leitura variam não somente de acordo com as idades, mas também conforme o tipo de leitor, na intenção de leitura ou preferência por determinado material de leitura.

Uma questão a ser pensada sobre o estudo de literatura na escola, é se ao invés aproximar os leitores dos livros, a escola não acaba os afastando. A respeito da descoberta dos métodos pessoais de leitura Bamberger (1995, p. 42) afirma:

Se quisermos cultivar a leitura literária precisamos lembrar de que a literatura oferece possibilidades suficientes para cada leitor desfrutá-la de acordo com suas necessidades e seus métodos, e que devemos ser cautelosos ao ajudar o leitor a descobrir seu método.

As dificuldades encontradas no texto, uma linguagem ou vocabulário muito distantes da realidade do leitor, também devem ser considerados como fatores que podem afastar as crianças ou os jovens da leitura. E mesmo em se tratando de adolescentes, não podemos deixar de pensar em habilidades e dificuldades de leitura que podem ter se perpetuado durante a vida escolar, podendo ainda se estender por toda a vida.

A separação feita entre a leitura obrigatória para a escola e a leitura de lazer, pode fazer com que os alunos associem as leituras realizadas para escola à nota que lhe será atribuída, podendo ainda considerá-la enfadonha e sem nenhuma relação com seus interesses (BAMBERGER, 1995). A atitude do professor, em relação a esse aspecto, é fundamental, pois somente um educador que encare as leituras do aluno de forma global será capaz de formar leitores. É preciso ir além, mais que descobrir os interesses do leitor, é preciso oferecer opções, abrir possibilidades, pois não será desejado aquilo que se desconhece a existência.

Conforme Bamberger (1995, p.58) os interesses existentes podem ser um ponto de partida para a expansão dos horizontes de leitura:

Se os interesses são considerados de apenas um ponto de vista, isso pode conduzir a uma inclinação permanente para uma única espécie de livros [...]. Só se atinge o objetivo do ensino da leitura quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir-lhes o horizonte.

Os interesses e hábitos de leitura desenvolvidos na juventude terão influência por toda sua vida. Uma ligação regular com os livros, iniciará pela satisfação de interesses pessoais, para posteriormente serem percebidos os benefícios da leitura, e finalmente os livros garantirão uma posição firme e permanente na vida tanto dos jovens como do leitor em geral.

Os livros que apresentarem temáticas que preocupam os jovens na adolescência, especialmente durante os últimos anos de escola, como autoconhecimento, conhecimento de mundo, responsabilidades sociais, serão alvos possíveis de interesses, no entanto nos jovens que ainda não leram muitos livros, os

interesses ainda se mostrarão primitivos, com enredos simples como acontecia na infância (BAMBERGER, 1995).

A proposta de Jobim (2009) é que inicialmente sejam trabalhadas as expectativas do aluno, ou seja, selecionando textos mais próximos da linguagem reconhecida pelo jovem, e em termos de conteúdo, os temas selecionados devem pertencer ao universo de interesse dos alunos.

De acordo com Jobim (2009), fazer uma *gradação textual* em classe pode ser interessante, ou seja, oferecendo ao aluno textos mais próximos de seu registro linguístico, será menos provável a criação de bloqueio no aluno, do que através de textos difíceis de entender, e que o aluno poderá considerar chatos. A introdução de um texto literário em classe ou na biblioteca deve levar em conta o universo dos jovens, se for necessário apresentando-se primeiramente o que for mais fácil e gradativamente chegar ao mais difícil. Sendo que o bibliotecário pode ter acesso mais fácil ao aluno que o professor, através da função recreativa da biblioteca.

A alternativa proposta por Sanfelici e Silva (2015) seria rever ao menos parcialmente o que a escola exige, buscando um diálogo entre o tradicional e o novo, o clássico e o desconhecido, sem desconsiderar totalmente o que é feito, mas procurar um diálogo entre o texto mais tradicional e o alternativo.

Na medida em que for despertado o interesse do jovem para os textos mais fáceis, podem ser introduzidos textos mais complexos, ou ainda temas que não fazem ainda parte de seu universo. Segundo Jobim (2009), a distinção entre textos mais fáceis e textos mais difíceis, pode ser relacionada com a proximidade do vocabulário com o leitor ou ainda a distância proporcionada por palavras em desuso ou preciosismo do vocabulário, ou até mesmo por uma forma mais estética de apresentação do texto.

De acordo com Jobim (2009, p.118),

[...]por mais próximos que estejam da vivência do aluno, textos literários dificilmente corresponderão de maneira total às expectativas do universo linguístico do educando. [...] acreditamos que esta não correspondência pode ser também positiva. O trabalho com a literatura na escola, além de possibilitar uma conscientização de diferenças entre o espaço oral e escrito, enseja também uma modelização textual ao aluno, incluindo em seu repertório novos gêneros e modalidades de escrever e proporcionando-lhe o contato com uma realidade linguística diferente daquela com que normalmente está habituado a lidar. Dessa maneira, quando produzir seu próprio

texto, o aluno partirá também de uma experiência com outros já produzidos, o que enriquecerá seu potencial.

Os livros podem não somente se relacionar com assuntos que interessem a juventude, como ainda serem utilizados como base em discussões, com relação a outras atividades escolares (BAMBERGER, 1995). Para Sanfelici e Silva (2015), o desafio é aproximar os interesses opostos dos jovens e do currículo escolar, para que se estabeleça uma relação mais equilibrada entre esses; na biblioteca escolar deveria estar centrada a mediação desses interesses.

Sanfelici e Silva (2015), falam em diálogo entre textos tradicionais e alternativos, este segundo pode ser pensado ainda como linguagens alternativas. A leitura da linguagem do cinema interagindo com a leitura do texto escrito. Entre as atividades, possíveis de proporcionar esse diálogo entre a literatura e o cinema seria a análise de filmes e livros através da comparação de suas linguagens, buscando semelhanças assim como as diferenças ou ainda questões relacionadas à fidelidade das adaptações, ou outras.

Há um domínio, para os jovens, “em que o livro supera o audiovisual: o domínio que se abre para o sonho e que permite construir-se a si mesmo. A leitura pode até mesmo tornar-se vital quando sentem que alguma coisa os singulariza.” (PETIT, 2009, p. 56).

De acordo com Bamberger (1995), os modelos de leitura são representados pelos pais, professores e sobretudo pelo grupo que o jovem frequenta. Failla (2011, p. 43) reitera o papel do professor como modelo, “[...] o professor como o principal agente na formação de leitores ou como mediador de leitura no processo de constituição do aluno como sujeito leitor.”, precisamos incluir ainda o bibliotecário como agente formador de leitores na biblioteca escolar.

Rastelli (2013), entende a mediação como a aproximação entre os sujeitos e os produtos culturais, como um processo que ao mesmo tempo torna possível o encontro e o acesso, entre o sujeito: o leitor e o produto: o *texto*, independente de sua linguagem ou suporte. Essa aproximação entre o leitor e *texto* deve ter como base o trabalho de mediação realizado pelo bibliotecário.

Através de seu trabalho como mediador de leitura o bibliotecário estará atuando, em sua função educativa, mas também na social, como um agente que opera

diretamente na transformação da realidade dos jovens, na sua constituição como leitores, como cidadãos e como seres humanos.

Bamberger (1995) salienta a importância da *leitura em si*, mas afirma que outras linguagens não devem ser vistas como adversárias da leitura do texto escrito, e sim como meios que podem interagir com esta. A troca proporcionada por diferentes linguagens pode gerar discussão, trazendo contribuições para significativas para o leitor. Através da discussão a reflexão pode se tornar mais fácil, possibilitando relacionar mais de um texto literário, seja com as concepções culturais da época em que os textos foram produzidos, ou ainda com textos em uma linguagem diversa como o cinema.

A identificação do jovem com os temas que lhe são relevantes torna possível a esse refletir sobre sua vida e sobre contexto ao qual se insere, partindo da problematização de temas que lhe dizem respeito. É necessário estimular a percepção de multiplicidade, a partir da interação entre aluno e texto, e ainda com a atividade em aula, superando a resistência oferecida pelo aluno à leitura por sua identificação como tarefa.

3 LITERATURA: CONCEITOS E FUNÇÕES

A seguir serão apresentadas considerações sobre literatura, sua conceituação e funções.

A obra literária é um objeto social, sendo para isso necessário primeiramente que alguém a escreva e, em um segundo momento, que alguém a leia, criando assim uma interação entre o autor e o leitor.

Na sociedade atual, os moldes capitalistas impõem uma série de intermediários entre o autor e o leitor, como editores e distribuidores. No entanto, além destes, para que uma obra seja considerada literatura é preciso que ela receba o endosso dos canais especializados, como: críticos, intelectuais, academias, que referendem a sua literariedade, e estabeleçam o seu valor artístico ou literário. A escola também exerce o papel de avalista da natureza e valor literário dos livros em circulação (LAJOLO, 1995).

Inúmeras são as tentativas elaboradas, com o propósito de definir o que é literatura. Sendo para isto, considerados vários critérios que definam o que torna um texto literário ou não, como seu tipo de linguagem ou as intenções do autor. De acordo com Lajolo (1995), todas essas definições são parciais, no entanto, complementam umas às outras.

Tavares (1981, p. 34) afirma ser necessário “[...] basear-se tanto no estudo do conteúdo como os problemas ensejados pela forma.”. A partir dessas considerações, ele conceitua literatura como: “A arte literária é a ficção ou criação de uma suprarrealidade do artista, mediante a palavra expressivamente estilizada.” (TAVARES, 1981, p. 34).

Os textos, que ganham o *status* de literatura, ainda que criados por e dirigidos às elites, não se restringem a elas. Eles ganham o mundo, e as inquietações que podem provocar, repercutem não só nas camadas periféricas dos círculos oficiais da cultura, mas também nas mais marginalizadas. Segundo Lajolo (1995), é do cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura com a realidade diária dos homens, que a literatura assume seu extremo poder transformador.

O mundo representado na literatura surge em decorrência da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social bem delimitada. Como proposto a seguir:

O universo que o autor e o leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – do aqui e agora que se vive. (LAJOLO, 1995, p. 65).

Segundo Tavares (1981) o horizonte da literatura e sua conceituação se ampliaram a partir do romantismo, em decorrência das múltiplas atitudes subjetivas surgidas desde então. Os critérios deixaram de ser estáticos, devendo ser revistos através de conceitos dinâmicos, impossibilitando assim, a proposição de um conceito uniforme de literatura.

Castagnino² (1954, *apud* Tavares, 1981, p. 35), elabora cinco soluções consideradas por ele como fundamentais, para responder a questão: o que é literatura? O autor afirma, no entanto, que suas propostas não são as únicas possíveis. São elas:

- a) literatura é sinfronismo;
- b) literatura, função lúdica do espírito;
- c) literatura é evasão;
- d) literatura é compromisso;
- e) literatura é ânsia de imortalidade.

Tavares (1981) examina cada uma das soluções mencionadas acima, partindo de suas reflexões podemos então considerar que literatura é sinfronismo, pois através do sinfronismo estabelece-se uma simpatia entre autor e leitor que independe do tempo e do espaço. Podendo ainda, o sinfronismo, por seu universalismo e atemporalidade, ser considerado como prova da autenticidade clássica de uma obra, visto que estas são características intrínsecas ao clássico, ao menos no sentido amplo da palavra.

Literatura pode ser percebida como função lúdica do espírito, sendo que para desenvolver uma analogia entre a arte e o jogo, Castagnino (1954, *apud* Tavares, 1981 p. 36) busca apoio em vários autores, entre eles Kant, para quem a arte assemelha-se a um jogo com finalidade em si própria. Podemos então considerar que

² CASTAGNINO, R. H. **Qué es literatura?**: natureza y función de lo literario. Buenos Aires: Nova, 1954.

a literatura encerra em si a função de alimento do espírito. Sendo ainda que a ideia de jogo e atividade artística estão relacionadas semanticamente em diversas línguas.

É possível que a literatura seja usada como evasão, pois a arte funciona como uma compensação, a arte é uma outra vida, a vida subjetiva, compensadora das decepções da existência real.

A palavra compromisso relacionada a literatura envolve o sentido de literatura engajada, comprometida com a consciência de seu criador para com o mundo. Mas compromisso em literatura, envolve também empenho com temas universais, com os sonhos do poeta, decepções, constância, felicidade, liberdade, entre outros. E por fim, a literatura é ânsia de imortalidade, pois na arte, a sobrevivência implica permanência. (TAVARES, 1981).

A função em literatura é complexa, abrindo possibilidade para várias interpretações, e as respostas então serão sempre parciais.

Podemos considerar que a literatura ou a tradição literária, é um bem imaterial, mas à que serve este bem que é a literatura. Segundo Eco (2003), não deve servir para nada, ou seja, não deve ser lida com algum propósito específico, Ordine (2016) em seu manifesto em defesa dos *saberes inúteis*, confirma que a literatura não deve ter uma utilidade prática. Os *ditos saberes inúteis* são todos os saberes que não possuem uma utilidade prática na sociedade capitalista, entre eles as línguas clássicas, a literatura, e demais artes em geral (ORDINE, 2016).

A literatura faz parte dos saberes que possuem um fim em si mesmos, podendo desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e crescimento civil e cultural da humanidade. Nesse sentido, tudo o que nos ajuda a nos tornar seres humanos melhores é útil. No entanto, é muito mais fácil compreender a utilidade de um utensílio, do que compreender para o que servem a arte, a literatura ou o cinema. (ORDINE, 2016).

A literatura pode exercer uma função social. No entanto, ao ser criada, ela não possui este fim, ela existe para ser apreciada, ou odiada, lida ou relegada ao esquecimento. Ela surge como resultado de uma necessidade criativa de seu autor. Ionesco afirma que:

A obra de arte pode ou não cumprir uma função social, mas ela não é esta função social. [E se] é absolutamente necessário que a arte sirva para alguma coisa, eu direi que deve servir para ensinar as pessoas

que existem atividades que não servem para nada e é indispensável que elas existam. (IONESCO³, 1965 *apud* ORDINE, 2016 p. 21).

Os textos literários são produzidos pela humanidade e desprovidos de uma função prática, sua função se encerra em si. Estes textos são lidos para a apreciação humana, ampliação de conhecimentos, elevação espiritual, prazer, mas sem nada que nos obrigue a fazê-lo (ECO, 2003).

De acordo com Jobim (2009) uma das qualidades mais assinaladas pela literatura é sua capacidade de criar novos horizontes, de permitir que seja acessada uma versão de mundo diferente da que conhecemos.

A função social da literatura só se manifesta em sua possibilidade, onde a experiência literária do leitor entra no horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-forma sua compreensão do mundo e, com isso, repercute também em suas formas de comportamento social (JAUSS⁴, 1975 *apud* ZILBERMAN, 2010, p. 41).

Uma outra função abordada por Eco (2003) diz respeito ao papel que a literatura assume na vida social e individual das pessoas. A literatura mantém a língua como patrimônio coletivo, e a língua, por sua vez, não aceita imposições, sejam vindas do alto, ou acadêmicas; no entanto, é suscetível às sugestões advindas da literatura. Ainda segundo Eco (2003), o idioma italiano como língua unificada, por exemplo, teve como ponto de partida, a Divina Comédia de Dante. Mesmo tendo levado séculos para se consolidar, se a comunidade que acreditava na literatura não continuasse a se inspirar naquele modelo, isso não ocorreria. Neste sentido podemos considerar a literatura como criadora de identidade e comunidade.

Precisamos compreender que exatamente as atividades que parecem não servir para nada, como as artes, são as que podem nos ajudar a salvar-nos da asfixia, e nos resgatar de uma não vida e transformá-la em uma vida orientada pelo interesse em relação ao espírito e as coisas humanas, conforme Ordine (2016).

Para Vargas Llosa, a literatura é o que nos torna humanos,

[...] um mundo sem literatura se transformaria num mundo sem desejos, sem ideais, sem desobediência, um mundo de autômatos privados daquilo que torna humano um ser humano: a capacidade de sair de si mesmo e de se transformar em outro, em outros, modelados

³ IONESCO, E. Relazione per una riunione di scrittori. In: **Note e contronote: scritti sul teatro**. Turim: Einaudi, 1965, p. 140-142.

⁴ JAUSS, H. R. Literaturgeschichte als provokation der literaturwissenschaft. In: WARNING, R. **Rezeptionsästhetik: theorie und praxis**. München: Fink, 1975, p. 154.

pela argila dos nossos sonhos. (VARGAS LLOSA, 2010, doc. eletrônico, tradução nossa).

A leitura de literatura, permite reflexões sobre questões consideradas inquietantes à humanidade, através do universo literário. “A leitura das obras literárias nos convida a um exercício de interpretação pois propõe um discurso com muitos planos de leitura e nos coloca diante das ambiguidades, e da linguagem e da vida.” (ECO, 2003, p. 12).

Os significados da obra só podem ser constituídos a partir da imaginação do leitor, após serem absorvidas por este as diferentes perspectivas, decidir iludir-se com a ficção ou observá-la criticamente. Ao realizar isto o leitor apreende e incorpora vivências que lhes eram desconhecidas (ZILBERMAN, 2010).

De acordo com Eco (2003), podemos dizer que alguns personagens migram de um texto para outro e, ao tornarem-se coletivamente verdadeiros, estes personagens *vivem* e determinam nossos comportamentos, tornam-se modelos, seja nosso ou de outrem. As entidades da literatura estão entre nós, talvez não desde sempre, mas após sua criação, elas se fazem presentes e são abastecidas por nossa passionalidade, sendo até mesmo possível dizer que existem como hábitos culturais ou disposições sociais. Como ocorre quando comparamos alguém ou uma determinada situação a determinados personagens ou atitudes características destes.

O universo do texto é como um mundo aberto, no entanto, o texto literário diz aquilo que nunca poderá ser refutado; diferentemente do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que deve ser assumido como relevante e ainda o que não poderá ser passível de interpretação livre. E são essas proposições que nos inspiram confiança, a ponto de não poderem ser postas em dúvida de que, nos é oferecido um modelo imaginário de verdade. E dentro desse modelo, é possível ter noção de que o leitor tem ou não o sentido da realidade.

Eco, referindo-se à inevitabilidade do destino, afirma:

A dolorosa maravilha que nos proporciona cada releitura dos grandes trágicos é que seus heróis, que poderiam fugir de um fardo atroz, por debilidade ou cegueira não compreendem ao encontro de que estão indo, e precipitam-se no abismo que cavaram com as próprias mãos. (ECO, 2003, p. 20).

E a função educativa da literatura, de acordo com Eco (2003), não pode ser reduzida a uma mera transmissão de ideias morais, e sim pela descoberta de que os acontecimentos ocorrem independentemente do desejo do leitor, e que este precisa aceitar sua frustração, e principalmente a morte. “A função dos contos imodificáveis é precisamente esta: contra qualquer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo.” (ECO, 2003, p. 21).

A utilização da internet, tornou possível o surgimento da escrita inventiva livre, que pode ser modificada tanto quanto se desejar. Neste tipo de literatura é permitido que os personagens percam seu *status* fixo. Anteriormente tal *status* não permitia negar os seus destinos, possibilidade que agora é oferecida pelo hipertexto. Tais mecanismos hipertextuais permitem este exercício criativo, que poderia ser incorporado às práticas escolares (ECO, 2003).

Podemos considerar que a leitura, a literatura e o cinema são fontes de conhecimento, através dos quais podemos compartilhar nossos saberes sem nos desfazermos deles. O conhecimento não tem preço, tudo o mais é passível de compra, mas o preço a ser pago pelo conhecimento é de outra natureza, conforme Ordine (2016), e nada poderá nos dar a permissão de adquirir mecanicamente aquilo que é fruto exclusivo de esforço individual; ou seja, ninguém além de nós mesmos poderá realizar o percurso que nos permite aprender.

Vargas Llosa (2010) diz que é preciso convencer as novas gerações que mais que um entretenimento, ou um exercício intelectual que aguça a sensibilidade e desperta espírito crítico, a literatura é uma necessidade, para que a civilização continue existindo, preservando e ainda renovando, o melhor que existe nos seres humanos.

4 CINEMA

Muitas definições podem ser dadas para a *sétima arte*, ou o cinema. Já foi dito que é arte realista, janela para o mundo, moldura e até mesmo que pode ser considerada como um instrumento do humanismo (MERTEN, 2010). Muitos críticos, teóricos e historiadores vem tentando colocar o cinema dentro de fórmulas e definições, no entanto precisamos lembrar que em arte não há um caminho único, sendo por isto tão difícil defini-la.

4.1 AS ORIGENS DO CINEMA

Nos fins do século XIX, os aparelhos que projetavam filmes surgiram como mais uma, entre as muitas invenções que ocorriam na época. A história do cinema não engloba apenas as práticas de projeção de imagens, mas também, outras experiências usadas como entretenimento. Os instrumentos óticos e as projeções de lanterna mágica, foram alguns dos precursores do cinema como forma de diversão popular.

Ao surgir, o cinema não possuía um código próprio, misturava-se a várias outras formas culturais. E em seus primeiros 20 anos caracterizou-se por transformações constantes, tanto em termos de produção, como distribuição e exibição, levando o cinema consolidar-se como arte e ao desenvolvimento de uma linguagem própria (COSTA, 2012).

A invenção do cinema não pode ser atribuída a um inventor único, mas sim a vários, que ao final do século XIX, começaram a mostrar os resultados de suas pesquisas e inventos relacionados à projeção de imagens em movimento, influenciados por fatores como o aperfeiçoamento das técnicas fotográficas, a invenção da celuloide e a aplicação de técnicas mais precisas para a construção de aparatos de projeção (COSTA, 2012).

Costuma-se dizer que o cinema é a única forma de arte que possui um registro de seu surgimento, ocorrido em 1895, quando os irmãos Lumière apresentaram o seu cinematógrafo, em um salão localizado no subsolo do Grand Café em Paris, mediante pagamento de ingressos. No entanto, existem registros de exibições anteriores, e inclusive pagas, mas sem dúvida, a que ficou mais conhecida foi a de Auguste e Louis Lumière (MERTEN, 2010).

Em 1889, o empresário Thomas A. Edison, após trocar informações com Étienne-Jules Marey, fisiologista interessado por fotografia, em Paris, encarregou uma equipe de técnicos de construir máquinas que produzissem e mostrassem fotografias em movimento, substituiu o cilindro para fixar as imagens por uma película perfurada. Em 1891, os equipamentos de Edison estavam prontos para ser patenteados, o kinetógrafo, e o kinetoscópio, o primeiro era o equipamento que produzia os filmes, o segundo utilizado para reprodução dos filmes, possuía um visor individual no qual se podia assistir a um filme em *looping*, mediante a inserção de uma moeda. Estes equipamentos tinham como desvantagens, a necessidade de eletricidade e seu peso, em relação ao cinematógrafo portátil dos Lumière. (MERTEN, 2010; COSTA, 2012).

Ainda que inicialmente não acreditassem no potencial comercial de seu aparelho os irmãos Lumière souberam tornar seu invento conhecido no mundo e ainda fazer do cinema uma atividade lucrativa, através da venda de câmeras e filmes. O êxito dos Lumière deve-se em parte ao *design*, leve e funcional do seu cinematógrafo construído em 1894. Seu aparelho utilizava um filme de 35 mm, que havia sido criado por Edison, cuja diferença ocorria apenas no número de furos de cada lado do fotograma. O cinematógrafo possuía um mecanismo semelhante ao das máquinas de costura, acionado por uma manivela, dispensando assim o uso da eletricidade; capturava as imagens, projetava e ainda fazia cópia a partir dos negativos. (MERTEN, 2010; COSTA, 2012).

Os cafés em Paris eram espaços onde se podia beber, encontrar os amigos e assistir à apresentação de artistas. Nos Estados Unidos os *vaudevilles*, espécie de teatro de variedades, eram a forma de diversão de uma parcela relevante da classe média ao final do século XIX. Estes locais eram o palco de atrações variadas sem nenhuma conexão entre si; sendo assim, os primeiros filmes, por terem como característica o fato de serem atrações autônomas, se encaixavam perfeitamente nas programações destes teatros e cafés.

Segundo Costa (2012), os irmãos Lumière ofereciam um produto de *marketing* completo, que eram projetores, filmes, e ainda os operadores para suas máquinas, tornando seu produto muito interessante para os teatros de variedades. Nos Estados Unidos concorriam com os franceses Lumière além de Edison, as produtoras Biograph e Vitagraph, criadas por ex-colaboradores de Edison.

Os irmãos Lumière possuíam na França dois concorrentes, o mágico Georges Méliès, que já na primeira apresentação no Grand Café, percebeu o potencial artístico

e comercial da invenção; e a Companhia Pathé, que posteriormente comprou a patente do cinematógrafo dos Lumière e o aperfeiçoou, expandindo rapidamente, e dominando o mercado até a primeira guerra mundial. Sendo que esta companhia continua em atividade até os dias atuais (MERTEN, 2010; COSTA, 2012).

Se aos Lumière coube a criação do cinema, e dos filmes realísticos, ainda que nestes filmes primitivos possa se perceber uma matriz dos gêneros cinematográficos, coube a Meliès introduzir a magia à sétima arte. Com Georges Meliès, o cinema desenvolveu características cujo impacto perdura até hoje: ele foi o criador do gênero de ficção, e dominou sua produção durante cerca de uma década (MERTEN, 2010).

O cinema surgiu como uma atração voltada para a classe média, exibido nos teatros de variedades, passando logo em seguida a ser uma atração voltada para as classes trabalhadoras. Popularizado pela ampliação dos espaços usados para exibir os filmes, improvisados em galpões ou armazéns, o ingresso cobrado era uma moeda de níquel, por isto estes espaços eram chamados de *nickelodeons* (COSTA, 2012).

Devido à explosão da demanda houve necessidade de reorganização da produção. Os produtores norte-americanos criam uma associação e, com o objetivo de transformar a atividade em indústria com sólida base financeira, precisavam atrair o interesse das classes médias novamente. Transformaram então o cinema em um divertimento para todas as classes sociais, possibilitando assim aumentar o valor dos ingressos, e os alugueis dos filmes (COSTA, 2010).

Conforme Gaudreault⁵ (1989, *apud* Costa, 2012, p. 24), existem dois modos de comunicação de um relato, a mostração e a narração. A primeira envolve a encenação direta dos acontecimentos, enquanto a segunda diz respeito a manipulação destes acontecimentos através da atividade do narrador.

Pode-se dizer que o cinema dos primeiros dez anos está ligado à mostração. A respeito desta primeira fase do cinema, Gunning⁶ (1984, *apud* Costa, 2012, p. 24) a configura como cinema de atrações, onde o objetivo é maravilhar o espectador, não sendo primordial contar uma história. No entanto Musser⁷ (1982, *apud* Costa, 2012,

⁵ GAUDREULT, A. **Du littéraire au filmique système du récit**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1989.

⁶ GUNNING, T. De la fumerie d'opium au théâtre de la moralité: Discours moral et conception du septième art dans le cinema primitive américain. In: MOTTET, J. (Org.). **D. W. Griffith**: Colloque international. Paris: Sorbonne/L'Harmattan, 1984, p.72-90.

⁷ MUSSER, C. Symposium: Cinema 1900-1906, session 3. In: HOLMANN, R. (Org.). **Cinema 1900-1906**, v. 1. Brighton Symposium 1978. Bruxelas: Fiaf, 1982.

p.25) salienta que a falta de elementos narrativos não era uma deficiência dos filmes da primeira fase do cinema e sim indicava que eram formas abertas de relato, onde a coerência narrativa não pertencia ao filme, era dada no ato da apresentação e recepção.

De acordo com Merten (2010), foi com David W. Griffith que o cinema começou a ganhar as formas que exhibe ainda hoje. Existe discussão a respeito de ele ter sido realmente o criador de tudo o que lhe foi atribuído, ou apenas ter se beneficiado do trabalho alheio para desenvolver seu próprio mito. Seu mérito então seria a sistematização dessas criações, dispersas em rolos de filmes, produzidos às centenas naqueles primeiros vinte anos desde a criação do cinema.

Griffith desenvolveu técnicas narrativas que são utilizadas até hoje, tanto no cinema quanto na televisão. Mais até do que com Meliès, é com Griffith que o cinema se transforma em um espetáculo. Tendo como objetivo a narrativa, percebeu que para contar uma história precisava dominar a linguagem e até mesmo propor coisas novas ao espectador, percebeu “[...] que a diferença de planos, a câmera ora próxima, ora distante dos atores podia conferir intensidade dramática ao relato.” (MERTEN, 2010, p. 26).

Enquanto a literatura acompanha a história da humanidade, o cinema é uma arte recente. No entanto sua função básica, a de contar histórias, continua sendo o principal motivo de aproximação com o público. Se há pouco mais de um século as pessoas se reuniam em lugares improvisados, para assistir a imagem de um trem que vinha em direção à tela, provocando comoção nos espectadores, ainda hoje é possível perceber a mesma reação e emoção diante de uma tela de cinema. Ou seja, o cinema arrebatava seu público, como a literatura o faz há séculos (MODRO, 2011).

4.2 ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DE OBRAS LITERÁRIAS

Ao se falar em adaptação de obras literárias para o cinema, é preciso levar em conta as possíveis afinidades e divergências de linguagem.

Para Brito (2006), o romance do século XIX foi fundamental, para o cinema, arte que surgiu quando todas as outras já estavam consolidadas, vivendo inclusive um momento onde vários movimentos de vanguarda se estabeleciam ao final do século XIX e início do século XX. O cinema, no entanto, ao invés de seguir esta vertente vanguardista, seguiu o modelo convencional do romance, contando uma

história com início, meio e fim e assumindo ser três coisas ao mesmo tempo: ficcional, narrativo e representativo.

Vannoye⁸ (1989 *apud* BRITO, 2006, p. 10) propõe questões relacionadas à ordem estético-históricográfica com relação aos filmes adaptados da literatura, que advêm da dicotomia entre modernidade e classicismo, e à forma como estas duas categorias estilísticas se revezam no momento da adaptação, um romance clássico transformado em filme moderno, ou ainda o contrário.

Com relação à passagem da estrutura do texto literário para o cinema, mais especificamente duas categorias são básicas, a redução e a adição, conforme Vannoye⁹ (1989, *apud* BRITO, 2006, p. 11). No entanto, Brito (2006) acrescenta mais duas categorias que considera igualmente importantes, que são o deslocamento e a transformação, sendo ainda que estas operações podem ser consideradas em relação a diversos níveis, como enredo, personagens e linguagem.

A seguir serão abordadas as quatro categorias elencadas anteriormente. Em primeiro lugar, a redução, que é o procedimento mais frequente no processo de adaptação, uma vez que a linguagem verbal é mais extensa, prolixa e analítica que a do cinema. Além disso, o aspecto abstrato e conceitual da linguagem escrita é inviável na linguagem cinematográfica. O corte inicia no processo de elaboração do roteiro e, durante as filmagens e a montagem, o diretor fará outros cortes necessários para a viabilidade do filme. Em alguns casos, os cortes não são tão extensos, ou são efetuados de maneira menos demarcável em termos de quantidade (BRITO, 2006).

O processo inverso da redução, a adição, ocorre quando ao invés de cortar, o diretor acrescenta elementos que não existiam na obra que está sendo adaptada. Ainda que menos frequente que a redução, a adição, de acordo com Brito (2006), tem uma função decisiva no processo de adaptação, contribuindo para dar ao filme sua essência de obra específica. Um exemplo disto são elementos inexistentes na obra literária e adicionados no roteiro como forma de compensar efeitos verbais perdidos em outras instâncias.

O deslocamento é aplicado quando existem os elementos em ambas as obras literária e cinematográfica, porém tais elementos aparecem em ordem diferente. O deslocamento pode acontecer em apenas alguns diálogos, ou uma imagem. O

⁸ VANNOYE, F. **L'Adaptation in scénarios modeèles, modèles de scénarios**. Paris: Nathan, 1991.

⁹ Id., 1991.

desenvolvimento dos acontecimentos pode ser invertido completamente, ou seja, a história pode desenvolver-se a partir do final. Essas mudanças poderão influir bastante na composição do filme e na sua significação final (BRITO, 2006).

A transformação é um elemento mais difícil de ser caracterizado, dentre as categorias abordadas anteriormente, segundo Brito (2006). A transformação procura compensar os recursos verbais, ou linguísticos da literatura, com recursos substitutivos, como expressões faciais, sonoplastia entre outros. Essa transformação, no entanto, pode ser mais abrangente, como quando com intenção de atualizar a história esta é deslocada não somente no tempo, mas também pode ser deslocada no espaço, ou há troca de sexo de personagens, ou uma paisagem de rural passa à urbana. Estes são apenas alguns tipos de transformações possíveis.

Em relação à categoria transformação, essa pode ainda ser desdobrada em duas que são: simplificação, quando dois ambientes são transformados em um ou dois personagens são fundidos durante a adaptação, passando a ter as qualidades semânticas dos que lhe deram origem; e ampliação, quando um elemento complexo no texto literário é desdobrado na adaptação, sendo válido para diversos aspectos e níveis: personagens, roteiro ou linguagem (BRITO, 2006).

De forma a ilustrar melhor as categorias de análise comparativa entre obras literárias e suas adaptações cinematográficas, podemos observar de forma esquemática no Quadro 1:

Quadro 1 – Operações possíveis na adaptação do texto escrito para o cinema

OPERAÇÃO	DESCRIÇÃO
Redução	Elementos que estão no texto literário e que não estão no filme.
Adição	Elementos que estão no filme sem estar no texto literário.
Deslocamento	Elementos que estão em ambos, mas não na mesma ordem cronológica ou espacial.
Transformação	Elementos que no texto literário e no filme, possuem significados equivalentes, mas tem configurações diferentes.
Simplificação	Uma transformação que consiste em diminuir no filme a dimensão de um elemento que no texto literário era maior.
Ampliação	Uma transformação que consiste em aumentar no filme a dimensão de um ou mais elementos do texto literário.

Adaptado de Brito, 2006.

Embora amplamente realizada, a adaptação de obras literárias para o cinema tem opiniões bem dissonantes. Este procedimento provoca discussões segundo Brito (2006), por parte dos emissores, por parte dos receptores, e principalmente dos

literatos. O argumento pode ser a traição do original, ou a distância semiótica entre as linguagens, ou ainda o desnível qualitativo entre as obras, ou seja, os argumentos contrariando este tipo de obra não são poucos.

Astre¹⁰ (1958, *apud* BRITO, 2006 p. 145) considera que, apesar de o tempo e o espaço receberem tratamentos opostos na literatura e no cinema, ambas as formas narrativas possuem a mesma capacidade de representação do real e de mostrar o homem em seu confronto com o mundo. Por outro lado, Mitry (1965) diz que ao escolher exprimir a mesma coisa que o romancista, o adaptador deturpa a forma; e ao tentar respeitá-la, ele transforma em imagens um mundo significado, ao invés de criar suas próprias significações (MITRY¹¹, 1965, *apud* BRITO, 2006 p. 146).

Johnson (2005) considera irrelevante a preocupação com fidelidade da adaptação cinematográfica para com a obra que lhe deu origem, pois primeiramente deve ser julgada pelos valores do seu campo de atuação. Logo o filme não deve ser comparado à literatura visto que são campos artísticos diversos, com os códigos próprios. Curado (2007, doc. eletrônico) com relação a afirmação de Johnson, diz que:

[...] ao se verificar as relações existentes entre o texto literário e o cinematográfico, merecem respeito às características peculiares de cada um deles, uma vez que, ao escrever um romance, o autor não o faz pensando em termos de roteiros cinematográficos seu objetivo é, evidentemente, literário.

Entre os defensores das adaptações, Durand¹² (19-- , *apud* BRITO, 2006, p. 147) julga não haver obstáculos no processo de adaptação e ainda a considera aconselhável uma vez que romance e filme possuem uma mesma vocação. Enquanto Bazin¹³ (1987 *apud* BRITO, 2006, p.147-148) apresenta dois argumentos favoráveis a adaptação, sendo o primeiro deles, que o cinema teria realizado no século XX o que nenhuma outra atividade artística conseguiu durante toda a era moderna, que foi reascender a popularidade da arte. Brito (2006) comenta o primeiro argumento de André Bazin, afirmando que:

¹⁰ ASTRE, G. A. (Org.) **Cinéma et roman: elements d'appréciation**. Paris: La revue des lettres modernes, n.36-38, 1958.

¹¹ MITRY, J. **Esthétique et psychologie du cinema**: les forms. Paris: Editions Universitaire, 1965.

¹² C.f. ASTRE, *Op. Cit.*

¹³ BAZIN, A. **Qu'est-ce le cinéma?**. Paris: Les Éditions du Gerf, 1987.

[...] se os grandes escritores estão sendo adaptados pelo cinema, o público em geral está tendo acesso indireto a eles, [...] no que Bazin alerta para o dado estatístico de que, depois das exibições de filmes adaptantes, cresce o número de edições das obras literárias adaptadas, ou seja, de alguma forma o cinema estaria não apenas dialogando com a literatura, mas também a ela remetendo novas camadas de leitores. (BRITO, 2006, p. 148).

No sentido de apresentar obras clássicas ou não a novos leitores, e ainda trazer contribuições para a literatura, Idrusiak (2013, p. 113), afirma que é preciso,

[...] apontar o quanto a literatura também tem sido beneficiada pelas práticas tradutórias e adaptativas produzidas pelo cinema. [...]. Como todas as formas de tradução, as adaptações têm no mínimo, o mérito de renovar o legado literário e de reapresentá-lo a novas gerações de leitores[...]. Mais do que isso, [...] a prática adaptativa e seu estudo estimulam o pensar transdisciplinar, alimentando discussões quanto a processos [...], estruturas narrativas, constituição de personagens entre outros.

O segundo argumento de Bazin (1987) a respeito do problema da adaptação, diz que cabe ao cineasta encontrar os equivalentes cinematográficos ao original, pois uma vez que o filme pode ser considerado como uma tradução estética de uma obra literária para outra linguagem, ao respeitar o espírito da obra adaptada, a fidelidade ao autor consiste em articular elementos audiovisuais que ele não desautorizaria. (BAZIN¹⁴, 1987, *apud* BRITO, 2006).

No entanto, o que se perde na adaptação de uma linguagem para a outra é a possibilidade de imaginar,

O cinema impede o texto, atinge mortalmente sua descendência: o imaginário. Nisso reside sua própria virtude: fechar. Impedir o imaginário. Esse impedimento, esse fechamento chama-se: filme. Bom ou ruim, sublime ou execrável, o filme representa esse impedimento definitivo. A fixação da representação uma vez por todas e para sempre. O cinema sabe disso: ele jamais conseguiu substituir o texto [...]. Ele sabe que apenas o texto é o portador ilimitado de imagens. (DURAS¹⁵, 1977, *apud* VIEIRA, 2016, p. 26).

De acordo com Eco (2003), na adaptação da obra escrita para o cinema, é perdida a leitura intertextual, ou as referências a outros textos, ou ainda revela ao leitor tais nuances fazendo com que ele não faça esta descoberta sozinho e sim seja

¹⁴ BAZIN, A. **Qu'est-ce le cinéma?**. Paris: Les Éditions du Gerf, 1987.

¹⁵ DURAS, M. **O Caminhão**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

auxiliado pela interpretação do adaptador pelo fato destas nuances aparecerem de forma mais explícita na linguagem cinematográfica que no texto escrito.

O que é preciso se ter em mente é que a adaptação oferece uma ideia geral da obra literária, mas é uma nova obra gerada a partir de um texto pré-existente, onde os autores, diretor e roteirista fazem uma ressignificação do lido através da imagem e da linguagem cinematográfica.

5 A BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar deve ser um ambiente onde o aluno possa desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, e que ao mesmo tempo lhe ofereça subsídios de pesquisa e acesso à informação, que é a matéria prima do conhecimento. Ao mesmo a biblioteca escolar deve auxiliar em seu processo de aprendizagem, seja fornecendo material de consulta em diversos formatos, ou auxiliando no uso de ferramentas tecnológicas.

O aluno precisa ter a percepção que a biblioteca é para ser utilizada pela comunidade escolar, e ele é parte desta. Ao conhecer os recursos disponíveis, ter familiaridade com o espaço físico e ao mesmo tempo compreendendo quais são os objetivos da biblioteca escolar, o aluno poderá dispor dos recursos e serviços que ela proporciona de forma plena.

Segundo Targino (1987), a educação não deve ser privilégio de uma classe social, sendo preciso ampliar o acesso ao texto de maneira abrangente a todas as camadas sociais. E para que isso ocorra, é preciso um trabalho conjunto, que envolva educadores, pais, bibliotecários e autoridades governamentais. A necessidade de educação gera necessidade de ler; a leitura, é um instrumento básico para expansão do pensamento crítico, ou seja, o acesso ao texto e ao estímulo à leitura dizem respeito a toda comunidade educacional.

De acordo com Neves (2007), a finalidade da biblioteca escolar é servir à educação formal, e também à informal, através da disseminação do conhecimento e promoção da leitura. Ler e escrever na biblioteca, para Neves (2007, p. 223),

[...] compreende a implementação do processo de ensino e aprendizagem, iniciado em sala de aula, e estendido pela vida afora do indivíduo. [...] espaço de recepção e produção de ideias, de fatos e de outras manifestações culturais, estendendo, complementado, suplementado outros espaços ou momentos de ensino e de aprendizagem formal e/ou informal.

De acordo com o Manifesto IFLA/UNESCO:

A biblioteca escolar propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. (MANIFESTO..., 1999, p.1).

Um dos papéis da biblioteca escolar é servir como um instrumento de apoio didático-pedagógico. Dessa forma, a cooperação entre professores e bibliotecários, é de fundamental importância, visto que a missão deste tipo de biblioteca é a formação de pensadores críticos e efetivos usuários (COUTINHO, XERXENESKY, 2011).

Para que uma proposta pedagógica que vise o livre acesso à informação, tanto pelos os estudantes, quanto para os educadores tenha êxito há necessidade de uma participação ativa da biblioteca escolar. A biblioteca deve preocupar-se com a transmissão de informação ao aluno, para que este a internalize e a ela agregue significados, visto que a informação constitui o núcleo do conhecimento (NEVES, 2007).

A biblioteca escolar, conforme Bonotto (2007, p. 162) é,

[...] um espaço em que o aprendizado acontece, a cultura se socializa e cresce, além de ser o espaço onde o lazer se concretiza de forma alternativa. [...] Por sua natureza está intimamente ligada à ação pedagógica dos professores e não pode ser vista como um simples apêndice ou anexo da escola.

A missão da biblioteca escolar é promover “[...] serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.” (MANIFESTO..., 1999, p.1).

Segundo Neves (2007), é na biblioteca escolar que a leitura e a escrita, habilidades fundamentais para a aprendizagem, encontram as melhores condições para o seu desenvolvimento, principalmente se forem realizadas de forma conjunta às atividades de sala de aula, a partir de um planejamento realizado entre a biblioteca e os professores.

Segundo Berg (2011, p. 96), o conceito de biblioteca escolar deve,

[...] partir de um princípio abrangente de prazer, alegria, satisfação e aprendizagem e criar boas lembranças que acompanhem a vida dos alunos. É neste espaço, único dentro da instituição, que o aprendiz encontra uma liberdade intelectual e a oportunidade de saciar sua curiosidade pessoal, construindo realmente seu próprio conhecimento. Ali, ele pode acessar e usar, criar e comunicar. Repito para frisar a sua importância, a biblioteca escolar assemelha-se a um laboratório de ciência, onde os experimentos com a informação constituem a sua função principal.

Neste sentido, Moro e Estabel (2011) afirmam que a biblioteca escolar deve ser o centro de mediação entre a vida e a leitura, proporcionando um local onde a aprendizagem ocorre de forma espontânea e prazerosa. Ao propiciar um ambiente onde o aluno tem liberdade para exercer sua criatividade, satisfazer sua curiosidade, a biblioteca poderá exercer um papel mais ativo no ensino e na vida dos alunos.

A biblioteca e a escola possuem a mesma função social, logo, a biblioteca enquanto parte da escola possui, segundo Berg (2011, p. 92), “[...] uma função preestabelecida dentro de seu projeto pedagógico: ela não somente deve disponibilizar acesso à informação, mas também introduzir transdisciplinarmente as competências da informação.”

Em relação à função social da biblioteca escolar, esta deve, “[...] prover subsídios à comunidade escolar para que formem cidadãos que se prezem a serem consumidores conscientes e criteriosos da informação e hábeis construtores de seu conhecimento.” (BERG, 2011, p. 93). Sendo ainda que este consumo crítico e responsável da informação deve ser relacionado, independente do formato em que a mesma se apresente.

A promoção da leitura deve estar inserida nas ações da biblioteca escolar, pois através do incentivo à pesquisa, e da formação do gosto literário é que os alunos encontram os meios e a capacitação necessários para a produção textual ao longo da vida (COUTINHO, XERXENESKY, 2011).

Apenas uma boa biblioteca poderá satisfazer as necessidades do leitor, sendo uma das metas do ensino da leitura acostumar os alunos a utilizarem a biblioteca da escola, podendo também ser uma forma de preparação para posteriormente utilizarem as bibliotecas públicas (BAMBERGER, 1995).

Independente do caráter ou tipo da biblioteca, a leitura é um dos seus objetivos, embora por vezes pareça que a leitura seja quase relegada a um segundo plano. (ALMEIDA JUNIOR, 2007).

Além das funções educacional e social, a biblioteca escolar possui mais uma função, que é a recreativa, onde o aluno ou os demais usuários possam efetuar “[...] a leitura e a pesquisa de forma prazerosa, não por obrigação.” (BONOTTO, 2007, p. 167). No momento em que é oferecido ao usuário um espaço lúdico, onde esse possa utilizar seu tempo livre, com atividades voltadas ao lazer, a biblioteca estará exercendo a função recreativa.

Dentre os objetivos da biblioteca escolar elencados pelo Manifesto IFLA/UNESCO (MANIFESTO..., 1999), podemos destacar:

- a) apoiar os objetivos definidos no currículo escolar;
- b) desenvolver e manter o hábito e prazer da leitura e da aprendizagem;
- c) oportunizar o uso e a produção de informação, voltadas ao conhecimento, compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- d) apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, e suportes.
- e) prover acesso em todos os níveis aos recursos existentes, oportunizando a diversidade de ideias, experiências e opiniões;
- f) promover a leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade e ao seu redor.

A partir dos objetivos destacados acima, é possível afirmar que a biblioteca escolar deve fazer parte de um processo educativo abrangente, através de um trabalho conjunto entre os integrantes da comunidade escolar: alunos, professores, bibliotecários e pais.

Diante do que foi exposto anteriormente, é possível resumir conforme Bonotto (2007) que, para cumprir seu papel, a biblioteca escolar precisa ser compreendida como um espaço democrático, onde a comunidade escolar possa interagir com a informação, a cultura e o lazer.

6 METODOLOGIA

Nesta seção é apresentada a metodologia utilizada na realização da pesquisa, bem como os procedimentos utilizados para coleta e análise dos dados do estudo.

6.1 TIPO DE ESTUDO

Segundo sua natureza, a pesquisa pode ser caracterizada como aplicada, pois deseja conhecer uma realidade local, a percepção de alunos do ensino médio, acerca do problema de pesquisa anteriormente caracterizado.

Em relação à abordagem, a pesquisa está caracterizada como qualitativa. Tal abordagem se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, tornando possível desta maneira a percepção sobre as particularidades do comportamento dos indivíduos.

A pesquisa qualitativa tem sido bastante utilizada em situações onde o que importa são as reações e percepções dos investigados, acerca do fenômeno que está sendo verificado. Para Godoy (1995, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.”.

Esse tipo de pesquisa leva em conta também as relações sociais estabelecidas pelas pessoas que fazem parte do estudo, no ambiente onde está ocorrendo a análise. De acordo com Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é interpretativa, ocorrendo um envolvimento intenso entre o pesquisador e o grupo pesquisado. Ressalta ainda o importante o papel pesquisador, pois será ele a coletar diretamente os dados para pesquisa, através de entrevistas com os participantes, ou ainda observação destes.

Segundo Godoy (1995, p. 21),

[...] o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

O estudo, de acordo com seu objetivo, possui caráter exploratório, visto que deseja verificar se a motivação dos jovens para a leitura do texto escrito parte da adaptação cinematográfica ou vice-versa, como forma de ampliar o conhecimento sobre esta questão.

6.2 PROCEDIMENTO E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O procedimento adotado nesta pesquisa foi estudo de caso, que de acordo com Gil (2002, p. 54) “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Além disso o estudo de caso,

[...] é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência. (YIN, 1989 *apud* GODOY, 1995 p. 25).

O estudo aborda duas realidades, caracterizando-o um como estudo de casos múltiplos, estabelecendo uma comparação entre ambas. Segundo Godoy (1995), ao optar pelo estudo de caso, o pesquisador deve estar aberto a descobertas, pois novos elementos podem surgir no decorrer do trabalho. Este tipo de procedimento pode ainda mostrar as várias dimensões de uma determinada situação, devido à complexidade da realidade. Os conflitos e opiniões divergentes, uma vez que são características dos grupos sociais, devem estar presentes no estudo.

O grupo focal, técnica que consiste em uma entrevista coletiva com a mediação do pesquisador foi utilizada como forma de coletar os dados, as reuniões foram gravadas em áudio. Morgan¹⁶ (1997, *apud* GONDIM, 2003 p. 151) define grupos focais, “[...] como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.”.

O grupo focal é caracterizado por Barbour (2009) como uma discussão em grupo, onde os participantes além de interagirem com o pesquisador, o fazem entre si. Para que exista uma interação entre o grupo, será necessário um roteiro previamente preparado, que estimule a troca de opiniões entre os participantes, que

¹⁶ MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. London: Sage Publications, 1997. (Qualitative Research Methods Series, v. 16).

devem possuir pontos em comum, para que a discussão flua, mas que tenham também perspectivas ou experiências diferentes que estimule algum debate, uma troca de opiniões.

De acordo com Gondim (2003, p. 151), “[...] o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema.”. A interação entre os participantes permite um aprofundamento das questões pesquisadas, seja através do compartilhamento de opiniões, ou de reflexão individual que ocorra durante o processo.

De acordo com Barbour (2009), é preciso examinar as vozes individuais na discussão. Ou seja, o pesquisador pode aproveitar a diversidade de opiniões, oriundas das experiências individuais dos participantes, e que podem emergir tanto pelas características que aproximam ou distanciam os participantes dentro do grupo.

Conforme Fern¹⁷ (2001, *apud* GONDIM, 2003 p. 152) grupos focais “[...] exploratórios, estão centrados na produção de conteúdos; a sua orientação teórica está voltada para a geração de hipóteses, o desenvolvimento de modelos e teorias, enquanto que a prática tem como alvo a produção de novas ideias”.

A composição do grupo participante da pesquisa, não tenciona se caracterizar como uma amostra representativa de uma população, pois pesquisas qualitativas não permitem uma generalização de seus resultados.

O foco está na transcrição literal da discussão, através da exploração profunda dos significados e perspectivas construídos pelos participantes, sistematicamente detalhada e analisada. Desta maneira, precisa-se restringir o número de participantes do grupo focal a um limite de oito participantes. (BARBOUR, 2009).

Como forma de definir o perfil dos participantes, foi utilizado um questionário de múltipla escolha, com 12 perguntas, além disso foi oferecida uma lista com obras literárias e cinematográficas para que os jovens indicassem quais já havia lido ou assistido, como instrumentos adicionais de coleta de dados, apresentados nos APÊNDICE A e APÊNDICE C, respectivamente.

¹⁷ FERN, E.F. **Advanced focus group research**. California: Thousand Oaks, 2001.

Foram enviados convites a escolas públicas e privadas consideradas referência em Porto Alegre, para participarem da pesquisa, incluindo cartas de apresentação esclarecendo o propósito da pesquisa. Além disso foi informado às escolas e aos participantes que o uso de todos os dados obtidos tem fins exclusivamente acadêmicos e que a identidade dos participantes seria preservada.

A participação dos alunos foi voluntária, e autorizada por escrito pelos pais ou responsáveis, de todos os alunos menores de dezoito anos, através de um termo de esclarecimento e consentimento livre. De forma que não somente os alunos, mas os seus pais foram informados sobre os objetivos da pesquisa podendo ainda solicitar maiores esclarecimentos, ou mesmo desistir da participação da pesquisa a qualquer tempo.

6.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados em áudio durante as reuniões do grupo focal foram transcritos integralmente para a análise. Sendo seu conteúdo analisado conforme Edwards e Potter (1992, *apud* Flick, 2004, p. 212), para os quais a análise das conversas enfoca, “o conteúdo da fala, seu tema, e sua organização social, e não linguística.”.

De acordo com Lüdke e André (2012), a primeira etapa para a análise dos dados é constituída pela elaboração de um conjunto de categorias descritivas. As bases dos conceitos, extraídos do referencial teórico foram utilizadas para as primeiras classificações dos dados.

Para formar estas categorias iniciais, foi preciso ler e internalizar todo o conteúdo, considerando todos os componentes. Permitindo dessa forma realizar uma profunda análise dos dados e sob os diversos aspectos possíveis. “É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente *silenciados*.” (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p.48, grifo do autor).

6.4 O UNIVERSO DA PESQUISA

Para efetuar o estudo foram contatas sete escolas, sendo três escolas privadas, sendo uma delas confessional, duas escolas públicas estaduais e duas escolas

públicas federais. Os primeiros contatos foram efetuados por telefone e correio eletrônico, enviando convite à escola para participação do estudo, carta de apresentação da universidade, cópia dos termos de esclarecimento e consentimento para os responsáveis, cópias das questões que seriam abordadas durante a realização da coleta de dados com os jovens.

Duas escolas, sendo uma pública estadual e uma pública federal, enviaram respostas negativas logo após o envio do convite de participação via correio eletrônico; uma delas ressaltou que, caso desejasse realizar a entrevista com o bibliotecário, seria possível. Uma escola privada laica não deu nenhum tipo de resposta. A bibliotecária da escola privada confessional, comunicou que encaminharia as cartas de apresentação e questões à coordenação pedagógica para análise. A escola pública federal solicitou cópia do projeto de pesquisa para a comissão de pesquisa da escola analisar, no entanto até o presente momento nenhuma dessas escolas deu qualquer resposta.

Entre as escolas contatadas apenas uma *escola privada de caráter laico* e uma *escola pública estadual* consentiram na realização da pesquisa em suas dependências, com a permissão dos responsáveis pelos alunos. Nestas escolas, além de contato telefônico e via *e-mail*, com coordenadores pedagógicos, e envio dos materiais descritos anteriormente, realizei visita às escolas. Durante a visita às escolas, reuni-me com uma das coordenadoras pedagógicas na escola pública e com as professoras de literatura, em ambas as escolas, esclarecendo os objetivos da pesquisa, a idade e o número de jovens necessários para a execução do grupo focal. Nessa ocasião foram entregues cópias impressas e assinadas dos termos de consentimento e da carta de apresentação da universidade.

Na escola privada a escolha dos alunos e contato com os responsáveis foram efetuados pela própria escola, apenas no dia da realização do grupo focal conheci os participantes. Na escola pública fui à sala de aula, me apresentei, expliquei os objetivos da pesquisa e convidei os alunos a participarem, deixando claro que sua participação era voluntária. Entreguei autorizações para todos os alunos e deixei cópias com a professora, esclarecendo que quem desejasse participar deveria trazer os termos de consentimento assinados na data combinada para a realização da coleta dos dados.

6.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização deste estudo, participaram dois grupos de estudantes com oito alunos cada, e idades entre 13 e 17 anos. O primeiro grupo, denominado GRUPO A, constitui-se de estudantes de uma escola privada, considerada referência em Porto Alegre, localizada no bairro Três Figueiras. Do segundo grupo, denominado GRUPO B, fazem parte alunos de uma escola pública estadual localizada no bairro Itu Sabará. O Quadro 2 ilustra a composição dos grupos por idade:

Quadro 2 – Idade dos alunos participantes

GRUPO A		GRUPO B	
Idade	N. de alunos	Idade	N. de alunos
13 anos	1	-	-
16 anos	6	-	-
17 anos	1	17 anos	8

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Embora próximas em termos geográficos, pois as duas escolas estão localizadas na região leste da cidade, apresentam realidades bem diferentes. Se de um lado está uma escola de um bairro nobre da cidade, frequentada por alunos de classe alta, em contraposição está uma escola pública de um bairro de classe média-baixa. Tendo isso em vista, destacamos que as instalações, os recursos sejam materiais ou de pessoas oferecidos pelas escolas são bem diferentes, assim como o perfil socioeconômico de seus estudantes.

Como forma de definir o perfil dos participantes, antes da realização da entrevista em grupo focal foi aplicado aos estudantes um questionário, constante no APÊNDICE A, contendo doze perguntas, cujas respostas serão descritas e analisadas em conjunto com o relato do grupo focal. O questionário era de múltipla escolha. Em algumas questões era possível assinalar mais de uma opção, outras permitiam respostas explicativas, e sempre que os alunos acrescentaram algum comentário, estes foram considerados na análise. Os jovens receberam ainda uma listagem de obras de literatura, apresentada no APÊNDICE C.

O objetivo de utilizar um questionário como forma suplementar de obtenção de subsídios para a pesquisa, foi que os alunos tivessem a oportunidade de escrever, de forma a evitar que a inibição pudesse comprometer suas respostas, quando questionados oralmente.

Embora esse questionário tenha trazido conhecimento mais detalhado sobre as preferências dos jovens, algumas questões não estão diretamente ligadas aos objetivos do trabalho. Porém ao realizar a análise do grupo focal, percebi que alguns temas importantes terminaram sendo abordados apenas tangencialmente, tornando alguns dados obtidos através do questionário fundamentais.

7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após explicar os objetivos da pesquisa aos alunos participantes, foi exposto que essa se dividiria em dois momentos. Primeiramente eles responderiam a um questionário objetivo; receberiam também uma lista de obras de literatura, onde deveriam assinalar os livros lidos ou os filmes adaptados assistidos. Concluída esta etapa, ocorreria a discussão.

Foi solicitado aos participantes que se apresentassem, informando sua idade e o ano que cursam na escola; a seguir, foi dada sequência às etapas anteriormente descritas. Tal procedimento foi adotado nos dois grupos de participantes.

Entre os alunos da escola privada, havia uma menina com 13 anos de idade, do oitavo ano do Ensino Fundamental; os demais participantes eram do segundo ano do Ensino Médio, sendo duas meninas e quatro meninos com 16 anos e um menino com 17 anos de idade. Denominei este como GRUPO A e seus participantes são identificados pela palavra ALUNO; para efetuar a diferenciação são numerados sequencialmente de 1 a 8.

Os participantes da escola pública cursam o terceiro ano do Ensino Médio sendo três meninas e cinco meninos, todos com 17 anos de idade. Denominarei este de GRUPO B. A identificação dos alunos deste grupo ocorre da mesma maneira, pela palavra ALUNO, acrescida de numeração sequencial de 9 a 16.

Para o GRUPO A, como forma de introduzir a discussão, havia, exposto em uma mesa livros e filmes adaptados de obras de literatura, com obras clássicas e atuais, constantes na lista oferecida a eles, para que pudessem manusear, caso desejassem. No entanto eles não tiveram iniciativa de manipulá-los, mesmo quando incentivados. Havia previamente selecionado o trecho inicial de “O Velho e o Mar”, para efetuar uma leitura em voz alta, e ao perceber que não houve interesse por parte dos alunos em pegar os livros ou filmes em exposição, perguntei se poderia efetuar uma leitura para eles. Com seu consentimento, foi efetuada a leitura do trecho a seguir:

Ele era um velho que pescava sozinho em seu barco na *Gulf Stream*. Havia oitenta e quatro dias que não apanhava nenhum peixe. Nos primeiros quarenta, levava um garoto para auxiliá-lo. Depois disso os pais do garoto, convencidos de que o velho se tornara um *salao*, isto é um azarento da pior espécie [...] – Mas lembre-se daquela vez que passamos mais de oitenta dias sem apanhar coisa alguma e depois

pescamos dos grandes, todos os dias, durante três semanas. (HEMINGWAY, 2003, p. 7-8).

Uma das alunas do GRUPO A disse já ter lido esse livro, porém não gostou por considerá-lo triste.

No GRUPO B, modifiquei a forma de mostrar os livros e filmes por dois motivos: primeiro por que havia percebido pouco ou nenhum interesse na forma que os havia exposto para o GRUPO A, em uma grande mesa com muitos títulos de exemplo; e segundo, por não ter tido acesso prévio à sala onde foi realizado o Grupo Focal. Então, após as apresentações, entreguei alguns livros e capas de filmes para eles manusearem, trocando entre si, o que gerou um interesse maior nos alunos do GRUPO B, pois alguns folhearam os livros, outros leram a sinopse dos filmes. A leitura escolhida para o GRUPO B, foi extraída da obra “20.000 Léguas Submarinas”, de Júlio Verne:

O ano de 1866 foi marcado por um estranho acontecimento, e as pessoas que o viveram certamente jamais o esquecerão. As populações que moravam perto dos portos, os armadores, os capitães dos navios, os marinheiros e os governos de diversos países ficaram seriamente preocupados com o que estava ocorrendo. [...] Em todos os grandes centros o monstro ficou na moda: ele passou a ser o tema de conversas nos cafés, de colunas e artigos dos jornais e dos encontros nas ruas. (VERNE, 2008, p. 5-7).

7.1 OS JOVENS E A LEITURA DO LIVRO

No que diz respeito ao gosto pela leitura, todos os jovens dos dois grupos responderam afirmativamente. Quanto aos materiais de leitura que recebem a preferência dos jovens, alguns alunos indicaram mais de um material.

No GRUPO A seis jovens preferem livros, dois jovens mencionaram ler *blogs* e dois alunos mencionaram também outros tipos de leitura como quadrinhos e notícias. Entre os alunos do GRUPO B, os materiais preferidos foram *blogs* opção escolhida por cinco jovens e revistas indicado por quatro jovens. Apenas dois jovens citaram livros como sua leitura preferida, sendo que outros dois jovens elencaram também outros materiais de leitura como: resenhas, redações, artigos científicos e *sites* sobre jogos.

A partir de suas respostas, percebe-se que os jovens do GRUPO A leem uma maior quantidade de livros, sejam para tarefas escolares ou lazer, quando

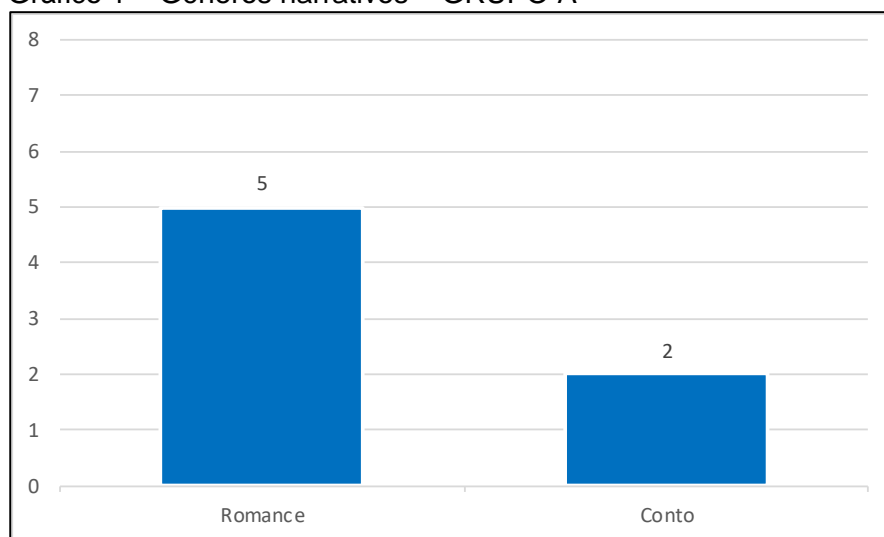
comparados aos do GRUPO B. Os jovens do GRUPO B dão preferência para outros tipos de materiais de leitura, poucos lendo livros, sejam de literatura ou não.

Quanto à questão se costumam ler, os jovens responderam da seguinte maneira: no GRUPO A, sete alunos afirmaram costumar ler, e um disse que não costuma ler. Enquanto no GRUPO B ocorreu o inverso, apenas uma aluna disse costumar ler, enquanto os outros negaram ter o costume de ler.

7.1.1 Gêneros literários

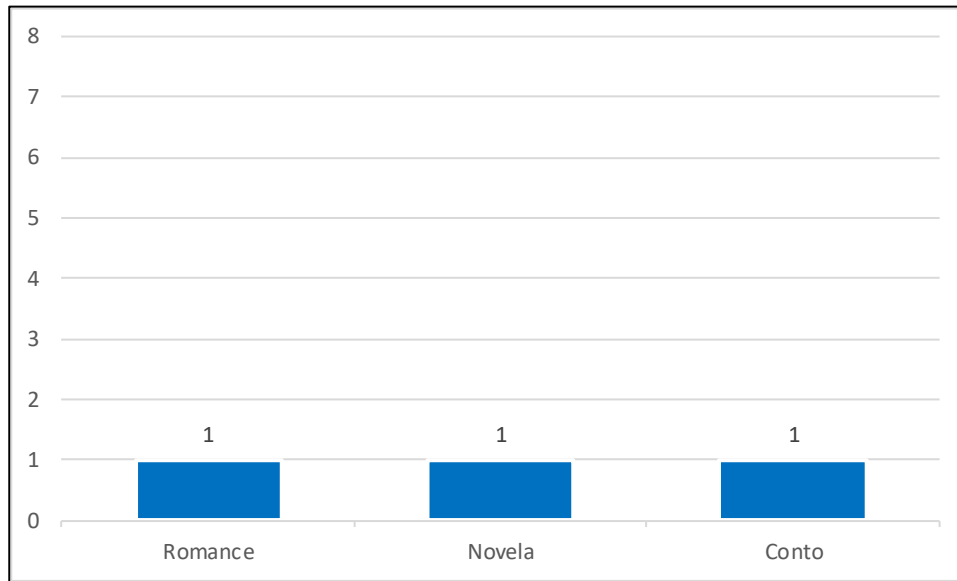
Foi solicitado que indicassem os gêneros narrativos lidos, romance, novela e conto, como forma de verificar a preferência dos jovens em termos de extensão da narrativa. Entre os participantes do GRUPO A cinco alunos costumam ler romances, dois alunos costumam ler contos e dois alunos não assinalaram nenhum dos três gêneros, sendo que um desses alunos afirmou não costumar ler, e outro aluno costuma ler livros de não ficção. No GRUPO B, uma aluna respondeu costumar ler romance, com a observação “se acho bacana”, mas não definiu o que considerava ‘bacana’, um aluno assinalou novela, e uma aluna assinalou conto, os outros cinco alunos não responderam à questão, o que parece justificável, pois afirmaram anteriormente não ter o costume de ler. Os Gráficos 1 e 2 ilustram os gêneros indicados pelos jovens dos GRUPOS A e B respectivamente:

Gráfico 1 – Gêneros narrativos – GRUPO A



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Gráfico 2 – Gêneros narrativos – GRUPO B



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

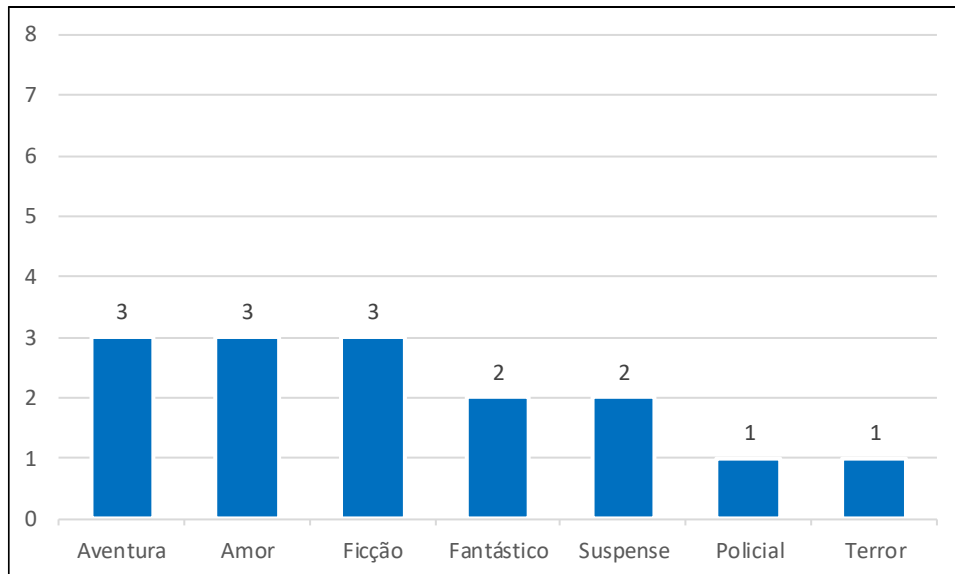
7.1.2 Tipos de enredos

De maneira a complementar suas preferências solicitou-se que arrolassem os tipos de enredo lidos. As preferências de enredo do GRUPO A: aventura, amor e ficção científica, foram indicados por três alunos cada. Já os enredos: fantástico, suspense, policial e terror, foram indicados por dois alunos cada. Sendo que entre os jovens que responderam, três alunos marcaram três tipos de enredo, dois alunos marcaram apenas um tipo, e um aluno marcou quatro tipos de enredo. Houve dois alunos do grupo que não responderam essa questão, os mesmos que não assinalaram nenhum gênero literário.

No GRUPO B, as preferências de tipo de enredo: aventura, ficção científica, fantástico e policial foram marcados por dois alunos cada; os enredos de amor e suspense, foram indicados por um aluno cada. Apenas quatro alunos responderam esta questão, sendo que dois alunos escolheram três tipos de enredo, uma aluna escolheu dois tipos, e um aluno escolheu apenas um tipo de enredo.

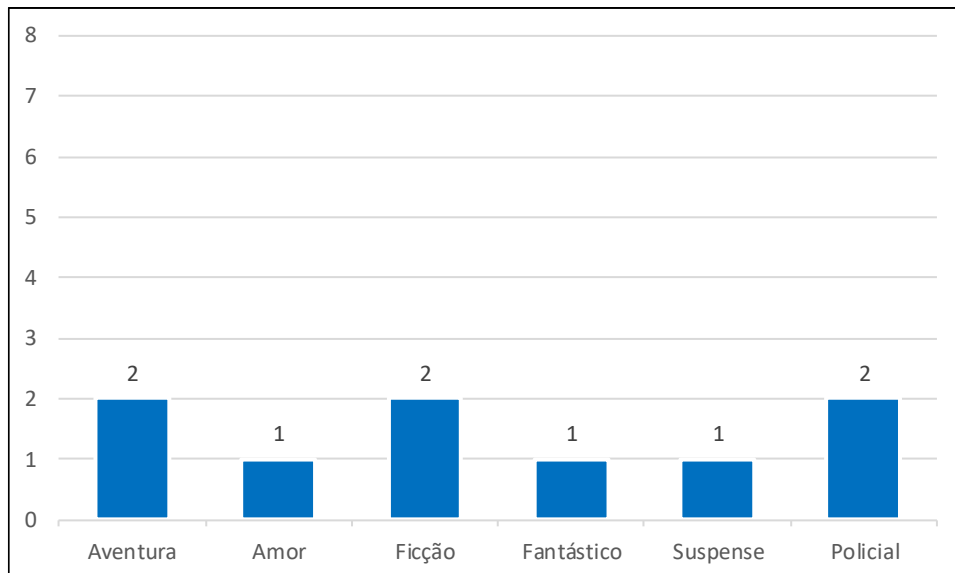
Os Gráficos 3 e 4 ilustram as preferências dos jovens do GRUPO A e B respectivamente:

Gráfico 3 – Tipos de enredo – GRUPO A



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Gráfico 4 – Tipos de enredo – GRUPO B



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

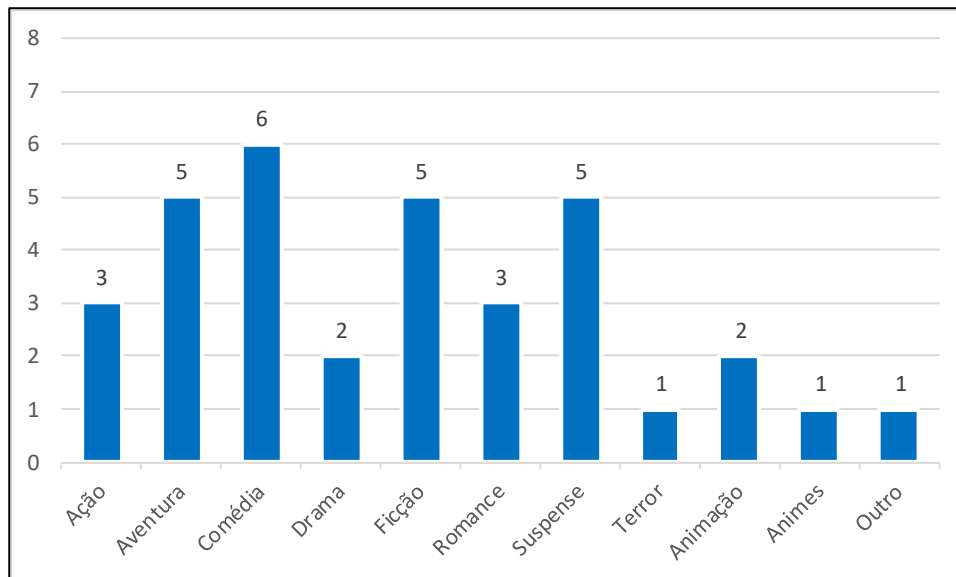
7.2 OS JOVENS E A LEITURA DE FILMES

Primeiramente buscava saber se os jovens gostam de assistir filmes. Todos os jovens dos dois grupos, disseram gostar de assistir filmes, o que já era esperado, uma vez que os jovens de maneira geral tendem a se interessar por cinema não só pelo

apelo visual, mas também pelo fato do cinema ser um tipo de arte que atrai um público muito diversificado, seja em termos de idade, gosto e outros. Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de que assistir filmes é uma atividade social, ou seja permite ao jovem realizá-la grupo.

No que diz respeito aos gêneros de filmes assistidos pelos jovens, entre os alunos do GRUPO A o gênero comédia foi apontado pelo maior número de alunos: seis. Os gêneros aventura, ficção científica e suspense foram indicados por cinco alunos cada; terror foi assinalado por quatro alunos, ação e romance foram escolhidos por três alunos cada; drama e animação foram indicados por dois alunos; *anime* foi marcado por apenas um aluno. Houve um aluno que elencou um outro gênero de filmes, o policial. O Gráfico 5 ilustra os gêneros de filmes elencados pelo GRUPO A:

Gráfico 5 – Gênero de filmes – GRUPO A

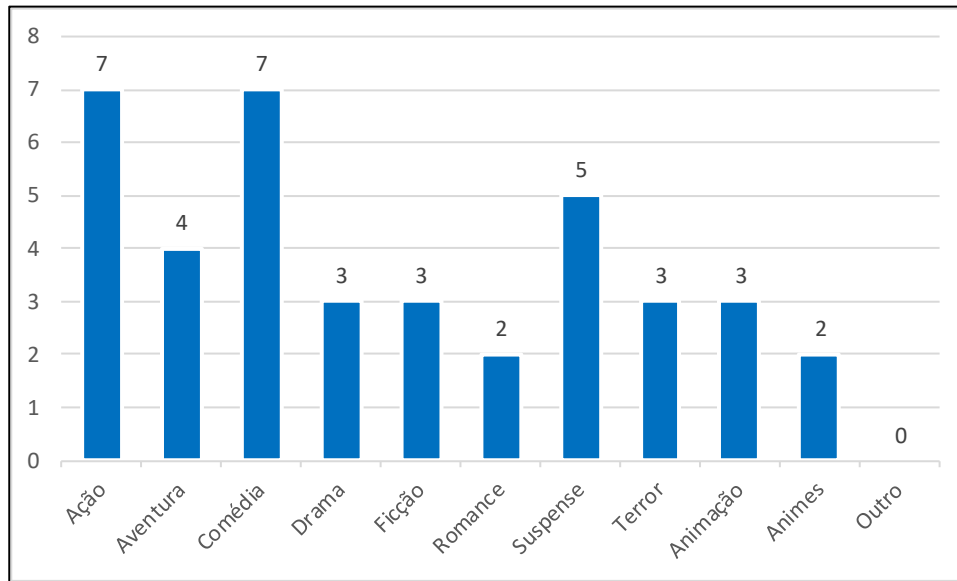


Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Entre os alunos do GRUPO B, os gêneros ação e comédia foram assinalados pela maior parte dos alunos: sete; suspense foi indicado por cinco alunos; aventura e ficção científica foram assinalados por quatro alunos cada; animação, drama e terror foram apontados por três alunos; *animes* e romance foram indicados por dois alunos cada, nenhum gênero de filmes foi acrescentado aos apresentados.

O Gráfico 6 ilustra os gêneros de filmes assistidos pelos jovens do GRUPO B:

Gráfico 6 – Gênero de filmes – GRUPO B



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

A partir desses dados, percebe-se que os jovens possuem um gosto bem variado para filmes. Dos alunos pertencentes ao GRUPO A que responderam esta questão, apenas um aluno escolheu dois gêneros, os demais escolheram ao menos quatro gêneros sendo que um dos jovens assinalou todos os gêneros elencados. No GRUPO B, todos responderam essa questão e cada um deles assinalou pelo menos três gêneros, mas houve quem assinalasse sete dos dez gêneros listados.

Os gêneros mais assinalados entre os dois grupos, foram comédia e suspense, seguidos por ação e aventura. Isso indica um perfil semelhante entre os jovens de ambos grupos, independente do contexto a que estão associados, escola particular ou pública.

Com relação à questão que solicitava elencarem um gênero favorito, vários jovens não responderam. O gênero comédia foi mencionado como favorito por alunos dos dois grupos, no GRUPO A o suspense foi considerado um dos favoritos, enquanto no GRUPO B ação foi segundo gênero considerado favorito, demonstrando coerência em relação à questão anterior, que apontava estes dois gêneros entre os mais assistidos.

7.3 LIVRO VERSUS FILME

Em ambos os grupos perguntei se preferiam conhecer uma história através de um livro ou de um filme, a maioria dos alunos do GRUPO A preferem ler o livro, apenas

dois alunos preferem assistir filme a ler. A ALUNA 7 afirmou gostar de ler um livro para conhecer uma história, “primeiro porque a maioria dos filmes se baseia em livros e a maioria dos filmes muda alguma coisa do livro”, o ALUNO 8, disse que depende do livro e depende do filme, “se for uma história que eu acho mais ou menos eu vejo o filme, se tem uma história que dá para aprofundar, eu vou para o livro [...]”, no entanto o jovem não explicou em que sentido de aprofundamento ele se referia. Há consenso entre o GRUPO A que o livro é melhor que sua adaptação para o cinema.

Todos os integrantes do GRUPO B, preferem conhecer uma história através de filmes, a justificativa do ALUNO 10 foi que “o filme é mais fácil, no livro tu tem que imaginar a história”. O ALUNO 14 mencionou que “no livro tu tem que ter mais criatividade” este mesmo aluno declarou que para assistir um filme não é preciso criatividade, e que este é mais resumido também. A ALUNA 9 diz que “no filme tá tudo ilustrado, o mais importante é entender o contexto, [...] depois de ver o filme tu já tem as imagens de como são os personagens, tudo na cabeça, [...]”.

Enquanto os jovens do GRUPO A, preferem livros, pois atribuem a ele uma possibilidade de aprofundamento e, possuem ciência de que uma adaptação pode realizar modificações na história, assim como corte de partes que eles consideram importantes. Os jovens do GRUPO B tem preferência pelos filmes, mencionam o resumo da história no filme e a necessidade de imaginar os personagens no texto escrito, demonstrando certa dificuldade de abstração, mesmo aqueles alunos que em momento posterior indicaram percepção de modificações significativas em determinadas adaptações de obras literárias para o cinema.

7.4 O FILME COMO LEITURA

Sobre a percepção do cinema como uma forma de leitura, os alunos do GRUPO A teceram muitos comentários. Enquanto entre os alunos do GRUPO B, apenas três alunos opinaram sobre o assunto e uma das respostas foi quase integralmente perdida, devido a ruídos vindos da área externa da escola, que impediram a transcrição da gravação em áudio que fez o registro.

Devido ao que foi dito anteriormente, apresento primeiramente as respostas dos alunos do GRUPO B. Um aluno não identificado falou: “acho que sim”, o ALUNO 13 disse: “depende do conceito que tu usar para a leitura, se for um conceito de algo

te passar uma mensagem, algo te dar uma mensagem que tu tem que interpretar ela, sim, tem muito disso”, a ALUNA 9 concorda dizendo “Tem muito disso [...]”.

Entre os alunos do GRUPO A, houve um que negou que fosse leitura, mas não justificou; a Aluna 7 teve dúvida e terminou seu comentário dizendo que achava que não é leitura, sua explicação foi uma das transcritas. Os demais deram respostas afirmativas e justificaram estas respostas em suas falas. A Aluna 4 disse: “Também, porque da mesma forma que eu que aprendo um monte com os livros, eu acho que eu aprendo muito com o cinema.”. Ela ainda exemplificou com o filme O Patriota, de Roland Emmerich, “Tu começa a conhecer a história, como aconteceu, [...]. Eu acho isso fantástico, porque eu aprendi muito. ”.

O ALUNO 2 disse: “Eu prefiro o cinema como leitura do que os livros, porque geralmente eu acho [que tem] muito detalhe. Me deixa com tédio, entende? Eu prefiro o cinema que é mais dinâmico. [...] por exemplo se eu perdi uma aula, eu procuro um filme”. A ALUNA 7, iniciou sua resposta dizendo, “Mais ou menos, porque para mim o cinema é tipo plágio do livro, mas não que seja. Tipo eu não sei explicar, mas talvez não, eu acho que não.”. Um momento depois ela complementa, “só se for uma releitura, porque as vezes mudam bastante. Daí até pode ser.”

Abaixo a transcrição integral da fala do ALUNO 8:

Porque é que nem literatura, se tu não sabe ler como a literatura, se tu não sabe ler o cinema, tu assiste um filme e é como se não tivesse fazendo nada, porque não te acrescenta nada. Eu acho que é um hábito tu ler filme e tu tem que aprimorar que nem a leitura, começar a ver um filme, sei lá um desenho, aí tu começa a te aprimorar e termina vendo [o filme] Minhas tardes com Marguerite, que se uma pessoa assiste mas não lê o filme, ela vai pegar muito menos que uma pessoa que lê.

A resposta desse aluno impressionou pela profundidade, me levando questioná-lo novamente, sobre o que ele chamou ‘ler o filme’, para confirmar o que havia sido dito por anteriormente. Foi respondida dessa forma: “Não sei, tu tem que ler as entrelinhas, tu tem que ler tudo aquilo e atribuir um significado para a tua vida, não só tu assistir e terminou, não mudou nada. Tu só gastou duas horas assistindo o negócio”.

A justificativa do jovem compara a leitura de filmes com a leitura de literatura, dando indicativo de que possui consciência de que a leitura pode ser realizada em diversos níveis, como proposto por Martins (1983), que subdivide a leitura em níveis

sensorial, emocional e racional. Já Eco (2003), propõe dois tipos de leitor, em primeiro nível: o leitor semântico, aquele que deseja saber o que acontece na história e em segundo nível: o leitor estético ou semiótico, que ao realizar sua leitura, quer saber como aquilo que foi narrado acontece, deseja saber as intenções do autor. Acredito que apesar de os autores utilizarem uma nomenclatura diferente, a leitura crítica ou em segundo nível mencionada por Eco (2003) corresponde a leitura racional proposta por Martins (1983).

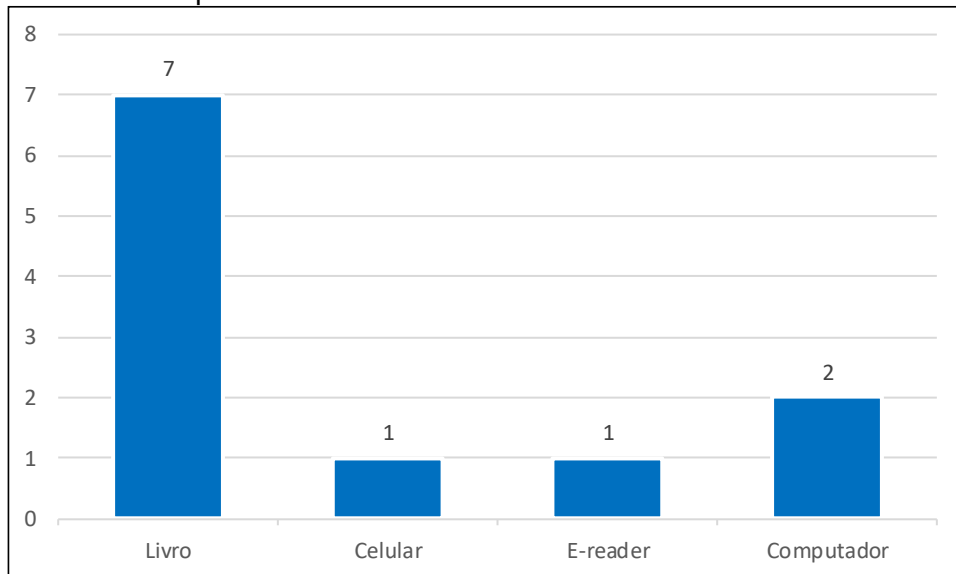
O jovem também fala em atribuição de significados a partir da leitura. Somente podemos considerar leitura, na medida em esta gerar significados para quem lê. De acordo com Martins (1983, p. 31) “a leitura é um processo de compreensão abrangente”. Para Goulemot (1996) cada leitura proporciona uma nova uma criação de sentidos. Segundo Martins (1983), através do diálogo entre o texto e o leitor é ocorrem as atribuições de sentido, ou seja, a partir da troca de experiências, o leitor deixa de ser um receptor passivo.

7.5 SUPORTES DE LEITURA DE LIVROS E FILMES

Com relação aos suportes utilizados para leitura de livros, entre os jovens do GRUPO A, sete apontaram preferência pelo livro impresso, destes dois alunos utilizam também o computador e dois alunos assinalaram também o *tablet* ou *e-reader* para leitura. Somente um aluno apontou o celular como suporte único utilizado para leitura.

O Gráfico 7 indica os suportes de leitura utilizados pelos jovens do GRUPO A:

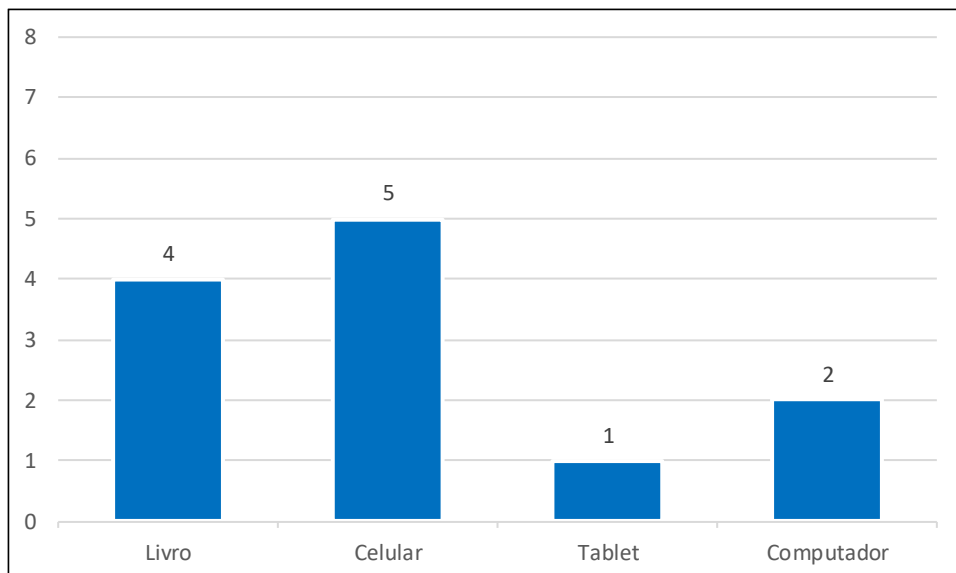
Gráfico 7 – Suportes de leitura – GRUPO A



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Quanto aos participantes do GRUPO B, quatro alunos preferem o livro impresso, cinco alunos preferem o celular, um aluno usa *tablet* para leitura e dois alunos usam o computador como suporte de leitura. O Gráfico 8 demonstra os suportes de leitura utilizados pelos jovens do GRUPO B:

Gráfico 8 – Suportes de leitura – GRUPO B



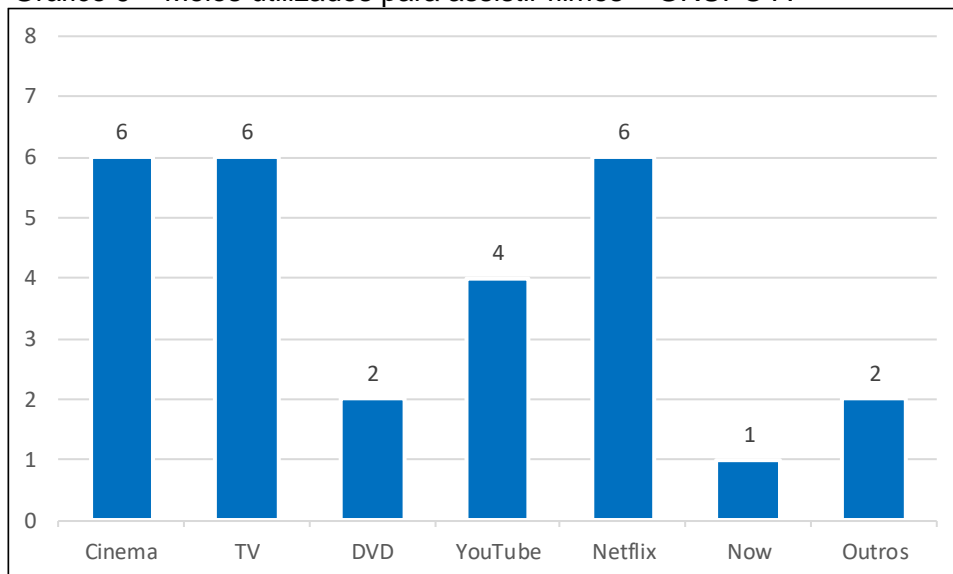
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

O livro impresso é o preferido entre os jovens do GRUPO A, ao contrário do que se poderia esperar, os formatos digitais apareceram quase sempre como

alternativos. As preferências dos jovens do GRUPO B dividem-se entre o livro impresso e os formatos digitais, com uma ligeira preferência por estes últimos.

Com relação aos meios utilizados para assistir filmes, entre os participantes do GRUPO A, cinema, televisão e *Netflix*¹⁸ foram escolhidos por seis alunos cada; o *site YouTube*¹⁹, foi assinalado por quatro alunos; DVD, e outros *sites* são utilizados por dois alunos cada; o *Now*²⁰ foi indicado por um aluno e houve um aluno não respondeu esta questão. O Gráfico 9 demonstra os meios utilizados pelo GRUPO A:

Gráfico 9 – Meios utilizados para assistir filmes – GRUPO A



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

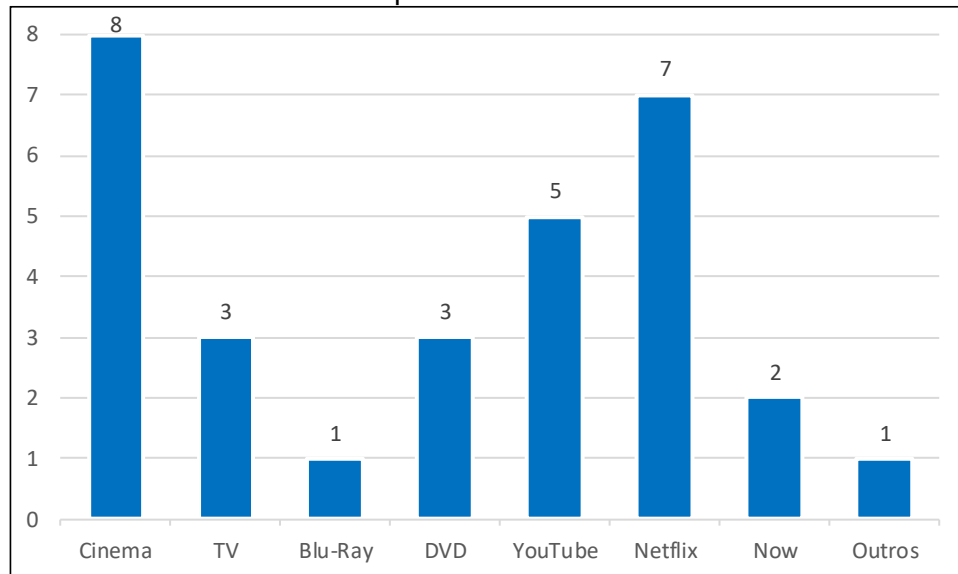
Entre os participantes do GRUPO B, todos afirmam assistir filmes em cinema; o *Netflix* é utilizado por sete alunos; o *site YouTube* foi assinalado por cinco alunos; televisão e DVD são usados por três alunos; o *Now*, é usado por dois alunos; Blu-ray, e outros dois *sites* foram indicados por um aluno cada. O Gráfico 10 indica os meios utilizados pelos jovens do GRUPO B para assistir filmes:

¹⁸ Serviço de vídeo sob demanda fornecido através da internet, mediante assinatura mensal.

¹⁹ Site e rede social de compartilhamento de vídeos.

²⁰ Serviço de vídeo sob demanda disponível para assinantes, pela empresa de televisão à Cabo NET, mediante pagamento por filme solicitado.

Gráfico 10 – Meios utilizados para assistir filmes – GRUPO B



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Os dois grupos apresentam bastante semelhança neste aspecto, quase todos vão ao cinema, mas também utilizam outros meios para assistir filmes, principalmente os meios conectados à internet, como o *site YouTube* e o serviço por assinatura *Netflix*.

7.6 IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LIVROS E FILMES

No que diz respeito à importância da leitura livros, todos os jovens em ambos os grupos afirmaram considerar importante ler. No GRUPO A, foram apontadas como justificativa: ampliação do vocabulário; aquisição de conhecimento; visão de mundo; “relação entre língua, conhecimento e criatividade” de acordo com um dos alunos; um outro aluno disse que “aprimora o intelecto e desenvolve psicologicamente”. Todos os jovens do GRUPO A deram uma justificativa. Já entre os jovens do GRUPO B, três alunos não justificaram, os outros alunos citaram, aprendizagem; conhecimento; desenvolvimento da fala e da escrita; para um dos jovens, “a literatura além de ativar a imaginação e as emoções, ajuda o leitor a adquirir um melhor vocabulário e conhecimentos diversos”.

Considerando que esta seja realmente a opinião deles e não a mera repetição da opinião de outras pessoas como professores e pais, se os jovens reconhecem a importância da leitura, devemos então refletir a respeito das motivações de não lerem

ou lerem pouco, ou ainda, eventualmente, se identificarem como não-leitores, principalmente os alunos do GRUPO B.

Sobre a importância dos filmes, apenas um aluno do GRUPO A, não considerou importante ver filmes, no entanto em sua justificativa, o jovem disse ser o cinema um tipo de interação diferente, salientando que se o filme fosse em um idioma estrangeiro, isso poderia auxiliar no aprendizado da língua. Apesar deste aluno, negar a importância, ele destacou um aspecto que pode ser considerado relevante no cinema, que é a aprendizagem ou aprimoramento de uma língua estrangeira. Os demais alunos dos dois grupos consideraram ver filmes importante.

Entre os outros alunos do GRUPO A, foram citados motivos como, aprendizagem, conhecimento, entretenimento, conhecer eventos históricos. A seguir a justificativa de dois alunos desse grupo, “pois assim como a literatura, desperta aprofundadamente outras partes do nosso ser, mas sendo a visual/figurativa a mais aprimorada”; e “apesar de não ser vital para o intelecto, é uma das formas artísticas mais completas [...]”.

No GRUPO B, somente dois alunos justificaram a importância, e destacaram que filmes são uma forma de aprendizagem, e “filmes são importantes pelos mesmos motivos que a leitura, exceto pela parte do vocabulário”, os demais não responderam ou disseram que não sabiam porque era importante.

A importância da literatura e do cinema pode ser resumida nas palavras de Ordine (2016, p. 9) “[...] há saberes que tem um fim em si mesmos e que [...] podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento [...] cultural da humanidade.”. Ou ainda nas de Eco (2003 p. 9) “[...] complexo de textos que a humanidade produziu e produz, não para fins práticos, [...] mas antes *gratia sui*, por amor de si mesma [...]”.

Se por um lado, em ambos os grupos, alguém comparou a importância do cinema com a da literatura, a diferença entre os grupos ocorreu pela ausência de justificativa da maioria dos jovens do GRUPO B. Um silêncio bem significativo, que demonstra não somente os *déficits* no ensino público, mas também o descaso da sociedade atual com os conhecimentos que não possuem fins práticos.

Segundo Ordine (2016, p. 12) “é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que podem servir a música a literatura e a arte”; a resposta dos alunos considerando o cinema ou assistir filmes

importante, pode ter surgido de forma automática, mas para explicar o motivo de sua importância se faz necessário uma reflexão.

7.7 ADAPTAÇÕES

A temática a seguir diz respeito às adaptações literárias para o cinema. Esta temática é uma das centrais, visto ser um dos objetivos específicos e estar intimamente ligada ao problema de pesquisa.

Perguntei aos jovens de ambos os grupos quais filmes os motivaram a ler a obra que lhes deu origem, e justificarem. No GRUPO A, foram mencionados os filmes Harry Potter, As Crônicas de Nárnia, *Maze Runner*, Cidade de Papel, Jogos Vorazes. A ALUNA 7, citou: “Divergente, teve uma amiga que conheci esse ano, e ela me falou dessa série, daí eu vi o filme, e me interessei, daí eu fui atrás ler o livro.”, perguntei qual a opinião após a leitura e aluna respondeu “[...] parece que no filme eles cortaram várias partes, então não sei, depois de ter visto o filme, eu preferia ter lido o livro antes, mas não deu tempo.”.

O ALUNO 8, em sua justificativa disse que,

No caso do Harry Potter, por causa da magia da história, eu me encantei, [...] e queria buscar o livro para ter mais daquela história. No caso do Jogos Vorazes, eu vi o primeiro filme, daí me interessei e fui ler, aí eu li o segundo [livro] e assisti ao filme, li o terceiro livro²¹ e assisti os filmes. Foi a mesma coisa, eu gostei da história, achei muito interessante, nunca tinha visto nada parecido, [...] eu nem conhecia os livros antes do filme.

Todos os filmes que os motivaram a ler as obras mencionados por eles, são baseados em literatura ou infanto-juvenil como Harry Potter e As Crônicas de Nárnia, ou juvenil no caso dos demais. Tendo como temáticas principais o fantástico, a aventura, ou ficção científica, personagens adolescentes, a descoberta do amor e outros temas da adolescência aparecem em quase todas as histórias.

Algumas obras mencionadas são coleções com três ou mais livros, que deram origem a um número igual ou superior de filmes, como por exemplo, os sete livros da saga Harry Potter deram origem a oito filmes; e os três livros da série Jogos Vorazes

²¹ O terceiro livro da coleção Jogos Vorazes, intitulado A Esperança ao ser adaptado para o cinema foi subdividido em duas partes.

originaram quatro filmes, gerando uma expectativa sobre o desfecho da história, a medida em que essa se desenvolve, os personagens amadurecem e vai sendo criada uma empatia junto ao seu público.

Durante a entrevista com os jovens do GRUPO B, o ALUNO 14, falou “eu acho que o único que eu li o livro depois que eu vi o filme foi Percy Jackson [e o Ladrão de Raios]²², [achei] bem melhor do que o filme, o primeiro que eu vi, porque o filme foi bem fraco comparado ao livro”. Os ALUNOS 15 e 16 dizem que só viram o filme, um deles complementa ainda que, como não leu o livro não tem uma ideia de como é. Enquanto para o ALUNO 13,

Eu diria que a saga do O Senhor dos Anéis [...] eu sempre achei interessante os mundos fantasiosos, vários elementos, fico tentando imaginar os motivos para aquele personagem estar participando daquela história, [...] quando eu me interessei pelos acontecimentos do filme, eu gosto de ler os livros, justamente para saber mais detalhes, aquele universo expandido, e o livro te entrega aquilo que não pode faltar. Ele [Tolkien] detalha muito bem.

Somente esses dois alunos do GRUPO B compartilharam suas experiências, talvez pelo fato deste grupo de jovens não praticar a leitura, os outros ou não possuíam o que compartilhar, ou não desejaram fazê-lo.

Na sequência, perguntei qual a opinião dos jovens sobre as adaptações literárias para o cinema, no GRUPO A, a ALUNA 4 diz que “no livro é muito mais detalhado, o filme é quase sem detalhes, é muito chato”, o ALUNO 6 diz “compacto”, e a Aluna 5 complementa “é exatamente, eles não explicam tanto quanto no livro, por ter um certo limite de tempo.”.

A ALUNA 5 fala que “ao ver o filme eu entendo melhor que no livro, dependendo da época [em] que se passa, se é alguma coisa que me interessa, ou se é para o colégio.”. Ao que a ALUNA 4 acrescenta, “o que eu já fiz para entender os livros do colégio, foi ler o livro e depois assistir ao filme para eu captar as coisas que eu não tinha [conseguido lendo]”.

O ALUNO 2 diz que prefere “olhar o filme para ter uma ideia geral da história e depois eu leio” e justifica sua preferência a seguir, “daí eu dou uma geral já, se eu vou direto no livro, tem muito detalhe, [então] se eu não quero muito os detalhes...”

²² Percy Jackson e o Ladrão de Raios é o primeiro volume da coleção Percy Jackson e os Olimpianos de Rick Riordan.

O ALUNO 8 diz não gostar da maioria das adaptações,

[...] porque é muito infiel ao livro, no enredo inteiro, eles cortam ou põem coisas a mais, e eu sempre sei as coisas que eles vão cortar. A gente lê o livro já, eu leio o livro, por exemplo o Jogos Vorazes, eu sabia, isso aqui eu tenho certeza que eles vão cortar, mas é uma coisa que era interessante, que a gente espera para ver no cinema e depois não vê. Eu sei que vão ter mais coisas e também para comparar, para ver se a atuação coincidiu com o psicológico dos personagens, que foi descrito, ou se a história, se o cinegrafista conseguiu transmitir todo o clima, toda a essência que a gente vê que vai florescendo desde o início.

No GRUPO B, o ALUNO 13 menciona a mudança temporal realizada durante a adaptação de algumas histórias,

[...] as adaptações tentam trazer toda aquela história do livro de um jeito mais moderno, [...] para a época atual, tipo livros que são muito datados, livros que são muito antigos, e eles têm que fazer adaptações. A adaptação desses livros tem que ser de uma forma que dê interesse para as pessoas assistir. Daí eles acabam tendo que mudar alguns detalhes ou outros para poder despertar essa...[esse público, e] às vezes eles mudam quase completamente uma história antiga, para poder até ficar de uma forma que as pessoas de hoje em dia queiram assistir. Por exemplo o Frankenstein, que teve uma ..., ele foi refeito né?

O ALUNO 15 diz “achei um lixo”, o ALUNO 14 concorda “é muito ruim”. O ALUNO 13 conclui sua fala, “tentaram adaptar aquela história antiga para a atualidade e acabou não bombando”. O ALUNO 16 diz que teve interesse pelo trailer, mas quando viu as críticas, não quis assistir ao filme. A Aluna 11 observa,

Eu acho que vai muito daquela parte que a gente falou de detalhes. Eles não conseguem, não sei se eles fazem isso de [para] deixar o livro com mais detalhes ou não. Ou se [...] quando vão fazer essa adaptação, eles têm que tirarem um pouco desses detalhes para o filme não ficar tão longo.

A ALUNA12 concorda com a colega, “é acho que tem um pouco disso”, o ALUNO 14 replica dizendo, “e o orçamento né, alguns cenários acabam custando demais para poder fazer.”.

Então a ALUNA 9 finaliza:

É mais para poder chamar a atenção para os telespectadores mesmo, porque dificilmente tu vai querer ver um filme de época, pelo menos jovens, que é a maior parte do pessoal que vai ao cinema. Não vai querer ver um filme de 3 horas e meia, e... [ruídos] tem que ser...[não conclui].

Os jovens dos dois grupos concordam que as adaptações realizam várias modificações nas obras originais. Assinalaram mudanças tais como deslocamento temporal da história, transformações dos personagens e na história em si. As reduções efetuadas no momento da adaptação, sejam feitas por necessidade imposta pelo orçamento, ou pelo limite de tempo de duração do filme, ou outros motivos, foi consenso entre os alunos dos dois grupos.

Também é visível que os jovens utilizam o cinema como uma forma complementar de leitura da obra, ainda que considerem a linguagem escrita melhor. A grande crítica a respeito das adaptações se refere a modificações efetuadas na história, sem que necessariamente sejam indispensáveis. Modificações que descaracterizam a obra original, fazendo com que a adaptação não seja fiel à essência da obra.

Conforme Bazin²³ (1987 *apud* BRITO, 2006, p. 147), o cineasta deve encontrar elementos visuais que respeitem o espírito da obra adaptada ao realizar essa tradução da linguagem escrita à cinematográfica. Para Johnson (2005), a questão da fidelidade da adaptação cinematográfica à obra literária é irrelevante pois a obra artística, no caso o filme, deve ser julgado pelos valores do seu campo de atuação. Logo o filme não deve ser comparado à literatura visto que são campos artísticos diversos, com códigos próprios. Cada um dos campos artísticos com sua linguagem ainda que essas se conversem frequentemente.

Houve uma aluna do GRUPO B que explicitou várias ideias preconcebidas em relação às adaptações cinematográficas de obras da literatura. Tais como: filmes de época, duração superior a três horas e ainda que os jovens são a maioria dos frequentadores de cinema. Talvez esse comentário tenha surgido porque os colegas citaram a obra *O Senhor dos Anéis*, que foi adaptada em três filmes cada um deles com cerca de três horas e *Frankenstein*, que é uma obra do XIX; mas em outros momentos da discussão foram mencionadas *A Última Música* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, obras escritas nos anos 2000.

²³ BAZIN, A. **Qu'est-ce le cinéma?**. Paris: Les Éditions du Gerf, 1987.

Em algum momento da discussão, essa aluna mencionou gostar de filmes atuais, então talvez o comentário tenha ocorrido devido ao fato dela não gostar desse tipo de obra, fazendo ainda com que associe adaptações literárias para o cinema, exclusivamente com literatura clássica, longa, e talvez implicitamente desinteressante.

Os jovens do GRUPO A, dizem ficar sabendo que os filmes são adaptações da literatura através da internet, *trailer* de filmes, conversas com amigos ou outras pessoas, cartazes publicitários. Os alunos do GRUPO B, não fizeram comentários a este respeito durante o grupo focal.

7.8 A BIBLIOTECA DA ESCOLA

Em relação ao acervo da biblioteca da escola, perguntei se havia livros que foram adaptados para o cinema na biblioteca. No GRUPO A, seis alunos afirmaram que a biblioteca possui livros que foram adaptados ao cinema; os dois alunos restantes mencionaram não saber; e pelo menos três alunos mencionaram utilizar ou visitar a biblioteca escolar em outros momentos da discussão.

No GRUPO B, três alunos disseram que a biblioteca possui livros que tiveram adaptação cinematográfica, os demais disseram que não sabiam, o que parece indicar não serem frequentadores da biblioteca da escola. Ainda que não tenha havido uma pergunta direta a este respeito, apenas um aluno explicitou frequentar a biblioteca escolar.

Perguntei se a biblioteca da escola faz algum tipo de divulgação dos livros através da relação com o cinema, como é feito nas livrarias como por exemplo, ‘o livro que deu origem ao filme’. Todos os alunos do Grupo A responderam que não, o ALUNO 8 falou “relação com cinema não, só de livro com livro mesmo” e a Aluna 5, disse, “eles têm adaptações as vezes, mas não divulgam”, acredito que ela pretendia dizer que eles possuem livros que foram adaptados para filmes, mas não divulgam esse fato.

Quanto à composição do acervo da biblioteca os alunos, as ALUNAS 4 e 5 disseram que “tem bastante variedade”, os outros jovens concordaram; segundo o ALUNO 6, “tem tanto [literatura] atual quanto antiga”. O ALUNO 8, disse que a biblioteca é boa, “mas eu não pego livros da biblioteca porque quando eu gosto mesmo da história, eu gosto de ter o livro”. A ALUNA 7 disse, “tem vezes que a gente consegue pegar livros até em inglês. Acho que é bem diversificado”, então perguntei

se ela costumava pegar livros na biblioteca, ela respondeu, “quase sempre, eu conheço as moças, elas até me indicam livros”.

7.9 AS ATIVIDADES NA ESCOLA DESPERTAM INTERESSE PELA LEITURA?

Perguntei aos alunos se ocorrem atividades ligadas ao cinema na escola ou na biblioteca, se as consideram importantes ou ainda se a existência delas, influenciaria no seu interesse por cinema ou literatura.

Dentre os jovens do GRUPO A, a ALUNA 7, disse que os professores recomendam filmes as vezes, “mas nem tanto”, e que não costumam passar filmes em aula. Os demais alunos falaram sobre um festival de cinema, um trabalho que teve caráter obrigatório até o ano passado, mas que atualmente participa quem desejar. Este trabalho era realizado em grupos, ocorrendo desde o início do ano letivo, segundo o ALUNO 1, “os temas variavam, eram tanto a respeito de geopolítica quanto de literatura.”. A ALUNA 4 disse que quando a temática é relacionada à literatura, são feitas adaptações de contos, completando que “é um trabalho bem tenso e complicado de fazer.” O ALUNO 1 falou “tem pessoas que [...] tem maior vontade e facilidade de fazer”.

Quanto à influência, do festival ou outras atividades relacionadas ao cinema na escola, o ALUNO 8, disse, “eu acho que não, porque as pessoas que eu conheço que não gostam de ler e que não gostam de cinema, continuaram sem gostar, e as pessoas que já gostam, gostaram mais ainda, como eu”.

Perguntei se achavam que isso motivaria os jovens que não gostam de ler a ler, a ALUNA 7, respondeu “não sei [...], pelo menos na minha turma, a maioria dos meus colegas não lê, os livros da escola ou qualquer outro livro, [...] vão procurar o filme para ver [...] para se basear no filme ao invés do livro no trabalho”. Ela relata que a turma precisou ler o Senhor das Moscas para um trabalho escolar, mas que alguns dos colegas não leram, “mas viu [viram] o filme, só que o filme tem muita coisa diferente do livro [...] não tinha quase nada do livro”.

O Aluno 8 acrescenta,

Eu acho que gostar de cinema e gostar de livros não [se] aprende. Sinceramente acho que não, até na escola, tu pode crescer... lá em casa o pai e mãe sempre leram muito, eu também e o ... [irmão menor] não gosta. [...] só o tempo, mas acho que não muda muito, ainda mais que [a escola] faz do jeito errado, escolhendo livros que as pessoas

não querem ler, se deixassem as pessoas escolherem, talvez gerasse mais interesse.

[...] eu sempre vi filmes franceses com a mãe e o pai, desde pequeno, e eu sempre pegava tudo, sabe as entrelinhas, sobre a mente humana, estudos de psicanálise que eles às vezes fazem com os personagens, eu sempre entendia tudo isso, então eu acho que depende da pessoa. Eu conheço pessoas da minha idade e mais velhas que não conseguem pegar absolutamente nada, que pega só o óbvio.

No GRUPO B, os jovens disseram que não existem atividades ligadas ao cinema na escola ou biblioteca. Mas “a gente tem que ler os livros, e a gente tem que interpretar também as vezes” explicou a Aluna 12. A professora de literatura havia mencionado isso, então comentei, vocês fizeram a adaptação e interpretação do Macunaíma para o teatro, o ALUNO 16 completa, “cada grupo fez de um jeito, daí tinha que decorar, não podia ler, daí teve grupo até de fantasias”.

Perguntei se eles acabavam que a existência de atividades envolvendo cinema na biblioteca ou na escola, os incentivaria a ver mais filmes ou a ler mais. O ALUNO 14 disse “eu acho que vai de cada pessoa”. A ALUNA 11 diz:

Eu acho que vai de cada gosto, eu por exemplo gosto muito da área do cinema. Só que eu acho que tem muita gente que não faz nem questão, entendeu? Que olham filmes porque é lançamento, porque gostam e tal, mas não pela parte da cultura ou pela parte da literatura, mas por olhar mesmo.

De acordo com o ALUNO 13 “provavelmente incentivaria as pessoas que já gostam disso, de ler, as que não gostam não”, ele continua, “algumas poucas pessoas, uma pequena parcela até poderia ser incentivada a ler”. A ALUNA 9, fala: “a não ser que incentivasse desde os cinco anos de idade. A menos que incentivasse as crianças a ler e ver filmes, aí sim, agora na nossa idade...”. O ALUNO 15 diz “aí cada um vai formar uma opinião” e o ALUNO 16 conclui “quem tá aqui, desta sala, aqui provavelmente seria incentivado sim, até porque nós nos voluntariamos”.

No GRUPO A os jovens acham que atividades sobre cinema ou literatura não incentivariam aqueles que não gostam dessas atividades, mas que serviria como estímulo para aqueles que já possuem um certo interesse por elas. Quanto ao GRUPO B, os jovens passaram a impressão que lhes falta incentivo, que talvez não leiam e não vejam muito além do cinema comercial por falta de exemplos, pois eles indicaram isto em algumas de suas falas, que deveria haver estímulo na escola desde criança,

eles também me pareceram um pouco de carentes de atenção. O GRUPO B era bem mais agitado que o GRUPO A, mas quando falei que efetuaría uma leitura para eles, houve mais entusiasmo, achei que talvez não prestassem atenção, ou ficassem olhando o celular, mas isso não ocorreu.

7.10 MOTIVAÇÃO

Na sequência da discussão indaguei sobre o que os motivava a ler um livro após ter assistido ao filme adaptado a partir da obra escrita. Para os alunos do GRUPO A, não ocorre esta motivação, pois de modo geral os jovens pesquisados preferem ler livros. Alguns alunos demonstram mais abertura em relação às adaptações como o ALUNO 2 que diz: “Se por acaso eu ver o filme antes de conhecer o livro, se eu nem sabia que tinha o livro, eu vejo o filme e depois leio o livro. ”, e a ALUNA 7, “[...] eu prefiro ler o livro, mas quando eu vejo o filme antes, daí depois eu procuro ler o livro para ver se tem alguma diferença.”.

A discordância aparece na fala da ALUNA 4, ao mencionar, “Se eu vejo um não fico com vontade de ver o outro, porque eu já sei mais ou menos a história, não vai haver tanta emoção. E normalmente o livro demonstra melhor que o filme, eu fico com mais vontade de saber o que vai acontecer. ”, demonstrando que a leitura do livro gera uma maior expectativa sobre a história, enquanto o filme pode limitar não só a expectativa, mas também a imaginação e atribuição de sentidos proporcionada pela leitura sem uma atribuição prévia de sentidos.

No GRUPO B, os comentários de dois alunos demonstram a percepção de que leitura da obra literária, permite uma maior quantidade de detalhes, mesmo que em outros momentos eles declarem não ter o costume de ler. A seguir a transcrição de trechos da fala desses alunos. De acordo com a ALUNA 12, “Ter tudo mais detalhadinho acho que no livro é muito mais do que no filme. ”, o ALUNO 13 fala que, “no filme tu já tem aquela ideia principal do livro, que te passaram e depois que tu já tem aquilo, o livro vai te dar mais detalhes ainda [...] sobre aquele universo que tu já conhece [...]”.

Segundo Duras o cinema atinge o texto em sua essência, que é o imaginário. No entanto sua própria virtude é essa, fechar, independentemente de ser bom ou ruim. O filme fixa a representação de maneira definitiva, enquanto o texto é portador

ilimitado de imagens. (DURAS²⁴, 1977, *apud* VIEIRA, 2016, p. 26). A partir disso pode-se considerar o cinema limitante, na medida em que traz uma leitura prévia, onde sentidos já foram atribuídos ao texto. Para Eco (2003), o cinema impede que o leitor descubra sozinho algumas nuances, que lhe são explicitadas através da interpretação do adaptador. No entanto ainda que o filme ofereça um conteúdo onde já houve uma leitura prévia, do texto escrito, é possível que uma ressignificação seja feita a partir do texto fílmico, visto que uma adaptação sempre será uma outra obra, permitindo assim novas leituras.

As questões seguintes buscaram saber se algum livro os motivou a buscar informações sobre aspectos apresentados na história, ou sobre o autor que a escreveu, ou ainda se buscaram outras obras de um autor que tenham apreciado. Houve bastante interação entre os jovens sobre a questão, tanto no GRUPO A, quanto no GRUPO B. Curiosidade e tarefa escolar foram alguns dos motivos que levaram os jovens pesquisarem sobre a vida do autor. Também pesquisam por outras razões, como interesse pela temática tratada no livro, pelo tipo de história, como fantasia, sagas e outros.

Iniciando pelos comentários aflorados no GRUPO A: a ALUNA 7, disse que pesquisou sobre a obra *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, “por que é bem antigo, né? [...] eu pesquisei sobre o autor, porque ele escreveu o livro, qual foi a inspiração.”.

O ALUNO 2 pesquisou sobre a obra de Dai Sijie, *Balzac e a Costureirinha Chinesa*, dizendo: “era o livro [...] *As Costureirinhas Chinesas*”, perguntei o que ele havia pesquisado, então ele disse: “se falavam uma coisa [no livro] e eu queria conferir[...]”, a ALUNA 4 complementa, “eu gostei muito de ler esse livro, sempre que ele [personagem] queria ler uma coisa mas não podia, sempre queria falar uma coisa, mas não podia.”, o ALUNO 2 acrescenta, “ele [o livro] representou um pouco da...foi do... tanto da ditadura como do...”, o ALUNO 3 interrompe: “do Mao [Tse Tung]”, o ALUNO 2 continua: “do não poder ler outros tipos de livros, repressão, tudo num livro, daí deu vontade de investigar, de saber se era verdade mesmo.”.

Então o ALUNO 6 disse que este foi um livro que leu e posteriormente viu o filme. E que não só relembrou a história, mas também percebeu várias coisas diferentes entre o livro e a adaptação cinematográfica. Essa obra gerou bastante

²⁴ DURAS, M. **O Caminhão**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

participação por ter sido lida por quase todos os integrantes do grupo para uma tarefa escolar.

Já o ALUNO 8, diz que gosta de todos os livros da Agatha Christie, e que leu outros livros de histórias policiais, como Sherlock Holmes, personagem de Conan Doyle e Maigret, personagem de George Simenon, “mas não tenho tanto interesse quanto os da Agatha [Christie]”.

O ALUNO 2, disse ter lido o A Culpa é das Estrelas de John Green, e depois leu o Cidades de Papel e Teorema de Katherine do mesmo autor. A ALUNA 4 interrompe dizendo que adorou o último livro mencionado, e a ALUNA 5 disse que começou a ler alguns livros do Nicholas Sparks, mas que não conseguiu terminar. As obras desses dois autores citados são muito apreciadas pelo público jovem, e também foram mencionadas pelos alunos do GRUPO B.

No GRUPO B, sobre pesquisar sobre autores, a ALUNA 12 fala que:

[...] pesquisei [...] porque era trabalho de escola, lá onde eu estudava, tinha leituras que a gente tinha que fazer durante o ano, e um dos livros que a gente tinha que ler era A Metamorfose, a gente tinha que pesquisar sobre a vida do autor, eu não me lembro o nome.

O ALUNO 13 cita, “tem o Tolkien, que eu tinha me interessado, através do filme [O Senhor dos Anéis], por causa do universo. E aí através do Senhor dos Anéis, que eu descobri que tinha outras obras dele [...]”. Esse aluno pesquisou não somente sobre o autor e a temática, mas também se interessou em ler outras obras de J. R. R. Tolkien. Na sequência disse também ter se interessado por “um [autor] que eu não me lembro o nome, que escreveu [sobre] o Rei Arthur. [...] a sinopse me interessou, eu queria ver a série de livros que ele escreveu, os livros têm aqui na biblioteca”.

Mencionei duas séries de livros sobre a lenda do Rei Arthur, As Brumas de Avalon de Marion Zimmer Bradley, e As Crônicas de Artur, de Bernard Cornwell, então o aluno interrompe, “É ESSE! Bernard Cornwell!”.

O ALUNO 16, então diz:

Eu já li livro, mas nunca busquei [...] do autor, mas tipo li um livro que tinha uma continuidade [...] o título é meio idiota, mas o livro é bem interessante, é Confusões, Confidências e garotas e fala do... atual, como é que funciona, [...] sobre a juventude [...] eu tava lendo a parte dois e eu não li a parte um.

Então perguntei se havia interesse em ler a primeira parte, e ele disse que sim. A obra mencionada pelo aluno é de um autor de livros para público juvenil, chamado Gustavo Reinz. Esse livro deve ter sido significativo para ele, pois no questionário objetivo, ele o mencionou também; no entanto, pode ter sido a única experiência de leitura que ele tinha para relatar.

O ALUNO 10, disse que leu A Última Música de Nicholas Sparks, “eu tinha que fazer uma resenha, [...] minha irmã tinha o livro, [...] ela ia fazer o trabalho para mim, porque eu não ia ler o livro, só que comecei a ler o livro e gostei, daí continuei lendo, [...] e depois eu procurei o filme para fazer o trabalho”. Esse comentário retoma a questão percebida no início entre os alunos deste grupo de que eles parecem necessitar mais da imagem para compreender ou fixar a história.

O aluno necessitava ler a obra para fazer uma resenha, certamente para a escola embora isso não tenha sido formalmente dito. Ele relutou em ler, talvez por ser um livro bastante popular entre as meninas, ainda assim ele disse ter assistido ao filme ‘para’ fazer o trabalho, mesmo que tenha afirmado gostar da história, e acrescentado que assistiu Querido John, uma outra história adaptada para o cinema a partir de uma obra deste mesmo autor, ele utilizou o cinema como um complemento do livro.

Em relação à motivação no momento de escolha de leituras de lazer pelos jovens, no GRUPO A, o ALUNO 3 menciona que a descrição do livro o motiva; já a ALUNA 4, é motivada pela capa, enquanto o ALUNO 8, menciona, “Capa, título e sinopse, eu tenho que gostar da capa, se eu não gostar não compro o livro, [...]daí eu baixo o e-book, e o título tem que ser marcante.”. Para a ALUNA 5 a escolha ocorre através das, “[...]indicações das minhas amigas ou até da internet, eu me apaixonei por uma autora, [chamada] Paula Pimenta, que eu conheci através das minhas amigas e sou apaixonada até hoje.”.

No GRUPO B, a motivação ocorre para a ALUNA 9, “sempre pela introdução, pela história em si, eu vejo se a história me interessa, eu vou.”, a ALUNA 11 diz “eu já não gosto muito dessas coisas imaginárias, eu gosto de uma coisa real”, perguntei qual tipo de livro ela gostava, ela respondeu que os românticos.

Como surgiu um certo silêncio no grupo, disse: ele gosta de fantasia, me referindo ao ALUNO 13, pois o aluno já havia mencionado isso, então o jovem retomou a palavra dizendo,

Eu tenho três critérios e dois estão bem próximos, [...]um é o nome do livro, se a sonoridade dele me interessa, aí eu vou ler a sinopse. Mas se eu vejo a sinopse [primeiro], tanto faz o nome do livro depois. [...] se interessou, eu começo a ler, se o livro consegue me fazer ficar dentro da história eu continuo.

Enquanto eu prestava a atenção no comentário acima percebi que o ALUNO 10, falava baixinho com uma das meninas enquanto eu escutava o colega, pedi então que repetisse, o que havia falado, então ele disse: “eu tava falando sobre o tipo de livro, é que eu gosto de biografias, [...] eu li sobre [incompreensível] do Caldeirão do Huck, conta a história da vida dele de como ele começou e tal”. E a ALUNA 9 disse, se referindo ao biografado mencionado pelo colega, “eu nunca li, mas me chamou a atenção [...], a ALUNA 13 completa, “acho legal, [biografias]”.

As motivações de escolha nos dois grupos mencionam o tipo de história, sinopse ou descrição, sendo que a capa também parece ter uma influência grande sobre os alunos no momento da escolha.

A seguir, mais alguns dados sobre a motivação no momento de escolha. No GRUPO A, seis jovens baseiam sua escolha na indicação de amigos, dois alunos atribuem sua escolha à propaganda, dois alunos assinalaram *sites* na internet e três alunos se baseiam na indicação de professores. Houve dois alunos que atribuíram a escolha respectivamente ao “[...]enredo e tipologia da obra”, e “intuição, título e capa”.

No GRUPO B, sete alunos indicaram a sugestão de amigos como base de sua escolha, cinco alunos se baseiam na propaganda, quatro alunos atribuem suas escolhas a *sites* na internet, e um jovem atribuiu sua escolha ao “conhecimento sobre o filme”.

Nos dois grupos a indicação dos amigos é a mais destacada como motivação para escolha tanto de livros quanto de filmes. Isso foi demonstrado também em vários momentos da discussão, indicando claramente que o grupo ao qual o aluno está inserido, independente de escola, influencia em suas escolhas.

Se considerarmos as falas isoladas de alguns alunos, a indicação dos amigos, talvez não pareça inicialmente a motivação mais significativa dentre as apontadas, no entanto, acredito que essas indicações são um fator preponderante no momento da escolha de livros ou filmes pelos jovens.

Para complementar a questão sobre o que motiva os jovens na escolha das leituras de lazer, perguntei se compartilhavam ou trocavam opinião com os colegas

sobre leituras e filmes, como forma de verificar se a opinião dos amigos é realmente significativa.

Somente dois alunos do GRUPO A emitiram opinião sobre este tema, o ALUNO 6 diz, “não vou muito pelo que as pessoas falam, na verdade eu quase nunca peço opinião sobre livros para ler, eu só leio o que tem mais próximo e mim e acho que é isso.”.

O ALUNO 8 disse que os amigos e colegas não gostam dos mesmos filmes e livros que ele, então perguntei se ele não discutia sobre cinema e literatura com os colegas, ele fala, “[...] eu discuto, eu falo sobre o que li, o que assisti, mas não recomendo, porque sei que eles não vão atrás, e eles falam o que assistiram mas sabem que eu não vou atrás também.”, este aluno exemplifica, “quando todo mundo estava na febre de Divergente, acho que foi no ano passado, eu estava vendo “Minhas tardes com Marguerite”, eu comentava com as pessoas e ninguém, ninguém se interessava”.

Justamente os dois alunos que comentaram sobre o tema, são os que parecem sofrer menos influência dos amigos sobre suas opiniões, gostos, leituras ou filmes preferidos, e pareceram também mais maduros do que outros.

Quando perguntei sobre compartilhamento de opiniões entre os colegas, e outras pessoas, aos alunos do GRUPO B, o ALUNO 16 fala que participa de um grupo que é bem isolado, a ALUNA 11 concorda dizendo “a nossa sala é um pouco dividida, o grupo deles é o deles [se referindo à três meninos], o nosso é aqui [indica duas meninas e um menino], e o dele...[não conclui a frase, sobre o menino que resta]”.

Reformulei a questão, perguntando se dentro dos pequenos grupos que participam eles trocam ideias, a ALUNA 11 responde “é, eu acho que a partir daí também. Por exemplo se a [...] fala que assistiu um filme que é legal, a gente vai lá, pesquisa, vê se é bom, assiste. Acho que vai nessa de falar também. Ah! É bom, ah olha que tu vai gostar”. O ALUNO 13 acrescenta opinião de professores como estímulo dizendo, “quando algum professor acaba citando algum livro que eu tinha interesse, o interesse acaba aumentando, mas se for algum que eu nunca tinha ouvido falar não.”.

No GRUPO B, ficou fácil perceber as divisões em pequenos grupos. Durante a discussão, eles mesmos admitiram que isso ocorre. Ao visitar a sala de aula, quando fui convidá-los para participar da pesquisa foi possível observar isso, alunos de grupos diferentes não se misturam uns com os outros. Também pude observar tanto na visita à sala de aula quanto durante a entrevista, que em cada grupo parece haver alguém

que serve como o formador de opinião. Apenas o ALUNO 13, me pareceu não pertencer a nenhum dos pequenos grupos, e sua participação no grupo focal ocorreu por sugestão da professora dizendo que achava que ele iria gostar de participar, pois ele não se ofereceu espontaneamente.

Por fim, os comentários que foram registrados ao final da entrevista com Grupo A, sobre leituras de livros na escola:

É que... [...] eu tenho muita vontade de ler mais livros, mas por causa do colégio eu não tenho vontade; porque é tanto livro que eu tenho que ler, e são tantos que não me interessam, que eu fico meio traumatizada, sabe, tem aquele negócio. Ah! Tenho que ler outro livro, e daí nas férias é poucos que eu leio, e agora que eu estou lendo um livro, mas parei ele porque tem que ler o Dom Casmurro e o Alienista, e agora vou ter que parar de novo para ler O Cortiço, e depois vou ter que ler O Continente 2, então eu não consigo me aprofundar na leitura e ler com tranquilidade, nem sentir prazer. [...] porque é bem assim, tem que ler correndo, [tem] um cronograma para leitura então tu não consegue aproveitar a própria leitura. (ALUNA 4).

O ALUNO 1 observa: “porque é obrigatório”. O ALUNO 6 acrescenta, “acaba sendo uma coisa penosa [...] e lendo tão rápido tua acaba não entendendo como deveria”. Para finalizar os comentários de dois alunos relacionados com uma leitura solicitada pela a escola,

A gente teve que ler Dom Casmurro, que eu já li duas vezes, que eu adoro, só que tu pega um aluno que não gosta de ler tu não tem que dar Dom Casmurro, tu tem que dar uma coisa um pouco mais faixa etária, que tu acha que vai prender mais a atenção dele e aos poucos vai refinando esse gosto, não já de cara botar um Machado [de Assis]. (ALUNO 8).

[...] é tipo o Dom Casmurro, eu acho que é um livro incrível, só que por ter uma data, um tempo para ler, a gente não consegue aproveitar, porque a gente tem que fazer tal coisa, então a gente tem que ir atrás de resumo, porque não dá tempo de acabar o livro, então tu acaba não aproveitando o livro. (ALUNA 4).

Eco (2003, p.9), refere-se à literatura como, “complexo de textos [...] que se lêem por deleite, [...], para ampliação dos próprios conhecimentos, talvez por puro passatempo, sem que ninguém nos obrigue a fazê-lo (com exceção das obrigações escolares)”. A escola transforma algo que deveria ser feito por prazer em uma obrigação, colocando os jovens numa relação de amor e ódio com a literatura, em especial aos clássicos, pois ao mesmo tempo que gostam de determinadas leituras,

sentem-se pressionados pela escola, e pela iminência do vestibular que cobrará sua parcela de leituras literárias obrigatórias.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos em leitura para adolescentes relacionamos em primeiro lugar com o ensino da literatura realizado na escola. Sendo que nos currículos escolares brasileiro, o ensino de literatura tem sido bastante reduzido, e diretamente relacionado com leituras de literatura voltadas para o exame de vestibular. Parte da resistência dos jovens em relação à leitura de literatura está relacionada às obras com caráter de leitura obrigatória, seja para tarefas escolares ou para o vestibular.

Espaço de integração dentro da escola, a biblioteca escolar deve realizar um trabalho conjunto entre bibliotecários e professores, de promoção da leitura, através de atividades diferenciadas, como leitura de outros materiais além do livro, fazendo o uso de outras linguagens como o cinema. Atividades que visem aproximar os jovens de mais de um tipo de forma de arte. É preciso refletir a respeito do impacto positivo que a literatura, o cinema ou ainda outras formas de arte poderão causar nos jovens. Relações entre várias formas de leitura proporcionadas pela ou na biblioteca só tem a contribuir com o aprendizado do jovem, em ambiente que pode ser mais descontraído que a sala de aula.

O mundo pode ser lido, através de diversas linguagens, como a oral, a escrita e a visual, que por sua vez podem ser transmitidas através de vários suportes, como livros, obras de arte, filmes e computadores. A tecnologia possibilita a conversa entre diversas linguagens, através um texto único que pode ser lido, visto e ouvido ao mesmo tempo.

O que leva o jovem a ler são várias motivações e interesses correspondentes ao seu desenvolvimento intelectual, mas também com a sua personalidade, não necessariamente o reconhecimento da importância da leitura. O professor ao apresentar material de leitura adequado, proporcionará o desenvolvimento de boas habilidades de leitura, e também despertará um interesse duradouro por leitura. Ao trabalhar a leitura de acordo com o interesse dos jovens, o mediador, seja o bibliotecário ou o professor, fará com que os jovens se sintam motivados a ler. Não basta identificar os interesses do leitor, é preciso oferecer opções, abrir possibilidades. Uma aparente falta de interesse do jovem leitor pode ter origem no desconhecimento de seus gostos ou de suas preferências.

As temáticas que preocupam os jovens na adolescência, como autoconhecimento, conhecimento de mundo, responsabilidades sociais, poderão ser

passíveis de interesses. Além disso a separação feita entre a leitura da escola e a leitura de lazer, pode levar os jovens associarem as leituras realizadas para escola às tarefas ou a nota que lhe será atribuída, podendo ainda considerá-la sem relação com seus interesses.

Trabalhar textos mais próximos das expectativas dos alunos, seja em termos de linguagem ou de conteúdo, pode possibilitar à escola abrir um diálogo entre o conteúdo presente no currículo escolar e os interesses dos jovens. Na medida em que for despertado o interesse do jovem para a leitura independente do meio ou suporte apresentado, podem ser introduzidos temas que não fazem ainda parte de seu universo. O grande desafio dos bibliotecários e professores é aproximar os interesses opostos, dos jovens e do currículo escolar, para que se estabeleça uma relação mais equilibrada entre esses, quem sabe através do uso de textos alternativos.

Esses textos alternativos, podem ser pensados ainda como textos em linguagens alternativas. A leitura da linguagem do cinema interagindo com a leitura do texto escrito. O diálogo entre a literatura e o cinema poderia ser dar através da análise de filmes e livros. Comparação entre as linguagens, escrita e cinematográfica, busca por semelhanças e diferenças, entre outros. São vários aspectos possíveis de entrar em discussão, e que poderiam trazer contribuições significativas para o leitor.

Discutir textos ou filmes em aula pode gerar uma reflexão mais fácil, e ainda abrir a possibilidade de relações com outros textos literários. A interação entre aluno e texto, o estímulo à percepção de multiplicidade de sentidos, pode fazer com que seja superada a resistência oferecida pelo aluno à leitura, por identificar essa como tarefa. Tais discussões poderiam ser realizadas também na biblioteca, não só incluindo o bibliotecário nessas, mas possibilitando a ele trazer outras propostas ou contribuições à discussão, como orientação de leituras afins, integrando seu trabalho ao do professor.

Mais que entretenimento ou exercício intelectual, a leitura, a literatura e o cinema são fontes de conhecimento, que podem ser compartilhados, ainda que o caminho percorrido na aprendizagem seja fruto do esforço individual, onde somente o aluno poderá realizar esse percurso, a mediação proporcionada pelo bibliotecário e o professor indicará caminhos.

Surgido como uma atração dirigida à classe média, o cinema, rapidamente passou a ser uma atividade voltada às classes trabalhadoras, devido à popularização proporcionada pela ampliação dos espaços de exibição, posteriormente expandiu seu

alcance a todas classes; sendo hoje a forma artística que alcança ao maior número de pessoas. Enquanto a literatura acompanha a história da humanidade, o cinema é uma arte recente, porém sua função básica, a de contar histórias, continua sendo o principal motivo de aproximação com o público.

Ao se falar em adaptação de obras literárias para o cinema, é preciso se levar em conta as possíveis afinidades e divergências de linguagem. Embora sejam amplamente realizadas, as opiniões sobre as adaptações de obras literárias para o cinema são bem diversas. É verdade que na adaptação para o cinema o leitor recebe o auxílio da interpretação do adaptador. Algo que aparece como nuances no texto escrito, pode ser mostrado de maneira mais explícita na linguagem cinematográfica. No entanto precisamos ter em mente que a adaptação oferece uma ideia geral da obra literária, mas é uma nova obra, gerada a partir de um texto que já existia, onde os autores, traduzem um texto produzido em uma linguagem para uma outra linguagem artística.

A biblioteca escolar existe para ser utilizada pela comunidade escolar, e por fazer parte desta, o aluno necessita ter essa percepção, de que a biblioteca existe para ser utilizada. E para que isso ocorra, é necessário um trabalho conjunto, que envolva educadores, pais, bibliotecários e autoridades governamentais. Ao proporcionar um ambiente onde o aluno tenha liberdade criativa, como satisfazer sua curiosidade, construir seu próprio conhecimento, a biblioteca poderá exercer um papel mais ativo no ensino e na vida dos alunos. Mas, além disso, a biblioteca escolar deve atuar em seu caráter recreativo, onde o aluno ou os demais usuários possam ler ou pesquisar por vontade própria.

O universo da pesquisa contemplou duas escolas que, ainda que próximas em termos geográficos, apresentam realidades sociais bem diferentes. O estudo comparativo, permitiu verificar diferenças entre os jovens, mas serviu também para apontar suas semelhanças. Foi possível apurar que os adolescentes de um grupo leem maior quantidade de livros, independente do objetivo. Enquanto os jovens do segundo grupo preferem outros tipos de materiais de leitura, se dedicando pouco a leitura de livros, sejam de literatura ou não; nesse grupo apenas uma aluna afirmou ler livros habitualmente. A narrativa longa, o romance, é a preferida entre os jovens. Os contos também são lidos, assim como livros de não ficção, e entre os tipos de enredo mais lidos figuram a aventura, a ficção científica, o fantástico e o amor.

Como era esperado todos, gostam de assistir filmes, devido ao cinema ser um tipo de arte que atrai um público muito diversificado, além de ser uma atividade que pode ser realizada em grupo. Os jovens possuem um gosto bem variado para filmes. Os gêneros mais assistidos entre os dois grupos, são comédia e suspense, seguidos por ação e aventura. Isso indica semelhanças de gosto entre os jovens de ambos grupos. A comédia é o gênero favorito em ambos os grupos.

Enquanto os alunos de um grupo dão preferência aos livros, pois atribuem a ele uma possibilidade de aprofundamento e, possuem ciência de que uma adaptação pode realizar modificações na história, assim como cortes de partes que eles considerem importantes, há ainda consenso que o livro é melhor que sua adaptação para o cinema. Os alunos do segundo grupo, têm preferência pelos filmes, por serem mais resumidos e não haver a necessidade de imaginar os personagens como a partir do texto escrito. Isso foi constatado mesmo entre os alunos que indicaram a percepção de modificações significativas em determinadas adaptações de obras literárias para o cinema.

Sobre a percepção do cinema como uma forma de leitura, entre os alunos do primeiro grupo a maioria afirma ser o cinema uma forma de leitura, inclusive comparando com a leitura de literatura. Isso porque há necessidade de atribuir significados ao lido, e ainda que os conteúdos apreendidos podem agregar algo para a vida; sobre isso apenas dois não concordam. No segundo grupo três alunos se manifestaram sobre o assunto, mas esses consideram que é uma forma de leitura, na medida em que houver uma mensagem a ser interpretada.

A maioria dos jovens de um dos grupos ainda prefere o livro impresso como suporte de leitura, mas os suportes digitais foram indicados como alternativos ao impresso. Já entre os participantes do outro grupo a preferência está dividida entre suporte digital, representado pelo celular, e o livro impresso. Os dois grupos apresentam semelhança quanto aos meios utilizados para assistir filmes. Quase todos os jovens vão ao cinema, mas também utilizam outros meios para assistir filmes, principalmente os meios conectados à internet, como o *site YouTube* e o serviço por assinatura *Netflix*.

No que diz respeito à importância da leitura livros, todos os jovens em ambos os grupos consideraram importante ler. E quanto à importância de assistir filmes apenas um dos jovens do primeiro grupo nega a importância de assistir filmes. Ele

destacou um aspecto que pode ser considerado relevante no cinema, a aprendizagem ou aprimoramento de línguas estrangeiras, tendo sido o único a mencionar isso.

Os filmes que motivaram os jovens a ler a obra que lhes deu origem, e os porquês disso fazem parte das temáticas centrais da pesquisa. Todos os filmes que motivaram os jovens a ler o texto escrito, são baseados em literatura infantil ou juvenil, sendo alguns com extenso número de páginas. Os filmes mais indicados tinham por temática o fantástico, a aventura ou ficção científica, personagens adolescentes são frequentes, assim como temas da adolescência tais como a descoberta do amor, amadurecimento, desafios, encontrar seu lugar no mundo, entre outros, aparecem em maior ou menor medida nas histórias.

A principal crítica dos jovens com relação às adaptações literárias para o cinema é a falta de fidelidade. Na prática os jovens querem ver no cinema aquilo que está no livro, talvez até mesmo por questões relacionadas à identificação, com os personagens ou com a história, modelos a serem seguidos, e as modificações podem tornar os modelos indefinidos.

Algumas vezes os jovens utilizam o cinema como um completo à leitura do texto escrito, ainda que considerem a linguagem escrita melhor, quando não conseguem compreender algo a partir deste, para ter uma ideia geral sobre a história, ou ainda para procurar as diferenças entre uma obra e a outra. Porém há alunos que parecem necessitar da imagem proporcionada pela linguagem cinematográfica para compreender ou fixar a história. Esses têm dificuldade maior de dar sentido ao texto a partir da linguagem escrita e entre esses a preferência de linguagem é dada ao cinema.

Com relação ao acervo da biblioteca das escolas, alunos de ambos os grupos afirmaram que existem livros no acervo que foram adaptados para o cinema, mas não há divulgação nas bibliotecas sobre isso. O acervo das bibliotecas das duas escolas foi considerado bom pelos alunos, diversificado e contempla tanto literatura mais clássica como atual. Mas não há um trabalho da biblioteca relacionando as duas linguagens, literatura e cinema, o que poderia ser um atrativo a mais para os jovens frequentarem a biblioteca. Os jovens ficam sabendo se os filmes são adaptações da literatura através da internet, *trailer* de filmes, cartazes publicitários e ainda conversas com amigos ou com outras pessoas.

Com relação a atividades ligadas a filmes na escola, os alunos dizem que eventualmente há recomendações de filmes pelos professores, mas não é uma coisa

frequente, e também não há exibição de filmes na escola. Quanto à influência, de atividades relacionadas ao cinema na escola, eles acham que isso não gera muito influência em quem não gosta ou não tem interesse. Talvez possa influenciar uma pequena parcela de alunos, ou ampliar o interesse daqueles alunos que já gostam de ler ou de filmes.

A respeito do que motiva os jovens a ler um livro após ter assistido ao filme adaptado a partir da obra escrita, as opiniões são divididas. Há os que dizem que tal motivação não ocorre, por darem preferência ao texto escrito, mas nem todos os jovens pensam assim. Alguns são mais abertos, ora leem o texto literário, ora preferem a versão cinematográfica, principalmente nos casos em que descobrem a existência da obra a partir do lançamento do filme. Alguns alunos, no entanto, após efetuar a leitura em uma das linguagens, não se sentem motivados para conhecer a versão em outra linguagem da mesma história, pois segundo eles a emoção não será a mesma. Esses alunos consideram que a expectativa provocada pela linguagem literária é maior, além do fato que essa trabalha a imaginação do leitor e ainda fornece muito mais detalhes do que uma adaptação.

A respeito dos livros ou autores que os motivaram a realizar pesquisas, a motivação foi variada. E a motivação no momento de escolha de leituras de lazer pelos jovens, ocorre por fatores como a descrição ou sinopse da história, capa, título, tipos de enredo, histórias que considerem envolventes, independentemente de ser ficção ou biográficas. As indicações dos amigos e trocas de informação entre os jovens também servem como motivação, assim como *sites* da internet, propaganda e indicação dos professores e bibliotecários.

A imposição de leituras ao jovem leitor não fará com que ele desfrute do prazer da leitura. Muitas vezes a resistência do leitor jovem a uma determinada obra, parte pura e exclusivamente da ideia preconcebida que ele possui dessa, como a de que livros clássicos são antigos, então são longos, são chatos, são obrigações da escola, entre outras ideias. É verdade que muitos clássicos apresentam uma linguagem que o adolescente não compreende, palavras que não fazem parte do vocabulário atual, principalmente dos jovens, mas sua temática, seus conteúdos permanecem atuais, por isso são clássicos.

No entanto, se ele for incentivado a ler o que lhe interessa, ou seja, a literatura atual, com temas com os quais ele se identifica, haverá muito mais possibilidades que ele tenha despertado o desejo de ler, de conhecer. Despertar esse desejo de leitura

no adolescente, pode oportunizar a ele se permitir conhecer algo diferente daquilo a que está acostumado. Ao dar liberdade ao adolescente para que ele leia e discuta o tipo de literatura com a qual ele se identifica, a escola deixará a aberta a porta, para o ingresso de outras leituras, quem sabe até aquelas que a academia aponta como clássicos ou cânones da literatura mundial.

Como a escola às vezes pode transformar algo que deveria ser prazeroso em uma obrigação, coloca os jovens numa relação de amor e ódio com a literatura, em especial aos clássicos, pois ao mesmo tempo que gostam de determinadas leituras, sentem-se pressionados pela escola. Prazos os assombram e a quantia de obras a serem lidas num período breve os assoberba.

Abrindo discussões sobre cinema e principalmente sobre as adaptações de obras literárias em filmes na biblioteca escolar, o filme pode servir como intermediário ao jovem, fazendo com que ele conheça autores ou histórias pelos quais ele não se interessaria de outra forma. Ao vê-las adaptadas para o cinema, o jovem pode ter a curiosidade e o desejo de ler a obra que deu origem aquele filme. Nem toda adaptação para o cinema fará despertar o desejo de leitura no jovem, mas uma obra que o cativa poderá, quem sabe conquistar, um leitor para toda a vida.

O bibliotecário, por sua vez, deve atrair o jovem para a biblioteca propondo atividades, como oficinas de leitura, cinema na biblioteca, dramatização teatral, debates com temáticas sugeridas pelos jovens, convidar autores para palestras. Podendo ainda divulgar listas com sugestões de livros de gêneros e tipos diversos, bem como listas contendo sugestões de filmes, mesmo que a biblioteca não disponha de um acervo de vídeo.

Conhecendo os alunos que frequentam a biblioteca escolar assim como seus gostos e preferências, o bibliotecário pode propor-lhes novas leituras. Sendo possível ainda trabalhar com os jovens *habitués* de forma que sirvam como multiplicadores entre os colegas, pois os jovens que já são leitores podem servir como modelo ou influência aos outros membros dos grupos que frequenta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, Mediação e Apropriação da Informação. In: Santos, Jussara Pereira (Org.). **A Leitura como Prática Pedagógica**: na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.
- BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995 (Série Educação em ação).
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BERG, Katharina. Competência em Informação e Bibliotecas Escolares: entrevista. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: nova série, São Paulo, v. 7, n.1, p. 92-97, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/177/192>>. Acesso em: 21 maio 2016.
- BONOTTO, Martha E. K. Kling. Reflexões sobre a Biblioteca Escolar. In: PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Saberes Específicos. Porto Alegre: SMED, 2007. (Coleção Conversações pedagógicas na cidade que aprende, v. 3). p. 161-176.
- BRITO, João Batista de. **Literatura no Cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.
- COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.) **História do Cinema Mundial**. 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2012. p. 17-52.
- COUTINHO, Kátia Soares; XERXENESKY, Filipe. Biblioteca Escolar no Século XXI. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva, et al. (Org.) **Biblioteca Escolar**: presente!. Porto Alegre, Evangraf, 2011. p. 177-192.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CURADO, Maria Eugênia. Literatura e Cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação? In: **Temporis[ação]**. Goiás, v. 1, nº 9, jan/dez 2007. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/viewFile/18/26>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FAILLA, Zoara. Leitura dos Retratos: o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 3**. São Paulo. Instituto Pró-Livro/Imprensa Oficial, 2012.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 27. ed. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 4).

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <
https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 10 maio 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: desafios metodológicos. In: **Paidéia**, Salvador, v.12, n. 24, p. 49-161, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2016.

GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como Produção de Sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107-116.

HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

IDRUSIAK, Elaine Barros. Adaptação Cinematográfica: revitalizando o legado literário em polissemias culturais convergentes. In: BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas; Schmidt, Rita Teresinha. (Orgs). **Fazeres Indisciplinados**: estudos de literatura comparada. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 2013. p. 111-116.

JOBIM, José Luís. A Literatura no Ensino Médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker Rösing. (Orgs.). **Escola**

e Leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação). p. 113-137.

JOHNSON, Randal. Literatura e Cinema, Diálogo e Recriação: o caso de Vidas Secas. In: PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

LAJOLO, Marisa. **O Que é Literatura**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros passos, v. 53).

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros passos, v. 123).

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema entre Realidade e Artifício**. 4. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

MODRO, Nelson Ribeiro. Literatura e Cinema: artes complementares. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Salve o Cinema II: leitura da linguagem cinematográfica**. Joinville: Ed. UNIVILLE, 2011. p. 31-38.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Bibliotecas Escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva, et al. (Org.) **Biblioteca Escolar: presente!**. Porto Alegre, Evangraf, 2011. p. 13-70.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Ler e Escrever na Biblioteca. In: NEVES, Iara, et al. (Org.) **Ler e escrever: compromisso em todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: ed. da Universidade/UFRGS, 2007. p. 221-231.

ORDINE, Nuccio. **A Utilidade do Inútil:** um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PETIT, Michele. **Os Jovens e a Leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

RASTELLI, Alessandro. **Mediação de Leitura em Bibliotecas Públicas**. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

SANFELICI, Aline Mello; SILVA, Fábio Luiz da. Os Adolescentes e a Leitura Literária por Opção. In: **Educar em Revista**. Curitiba, n. 57, p. 191-204, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602015000300191&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 30 ago. 2016.

TARGINO, Maria das Graças. Acesso ao Texto: Alternativas Metodológicas: o caso da biblioteca. In: **LEITURA: teoria e prática**. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, v. 7, n. 10, p. 11-14, dez 1987.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2016.

VARGAS LLOSA, Mario. Elogio de la Lectura y la Ficción. **El País**. Madrid, 08 dez. 2010. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2010/12/08/cultura/1291762802_850215.html>. Acesso em: 01 maio 2016.

VERNE, Júlio. **20.000 Léguas Submarinas**. São Paulo. Melhoramentos. 2008.

VIEIRA, André Soares. O Cinema da Literatura: quando a página se torna tela. In: **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 16, p. 21-33, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/111117/114151>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

YUNES, Eliana. Leitura como Experiência. In: YUNES, Eliana, OSWALD, Maria Luiza (Org). **A Experiência da Leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 7-15.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino da Literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010. (Série Literatura em Foco).

APÊNDICE A – Questionário para os jovens

Este questionário faz parte do trabalho de Conclusão de Curso: **LITERATURA E CINEMA: a leitura dos jovens em diferentes linguagens**. Através desta pesquisa, espera-se *verificar se a motivação dos jovens*, com idades entre 14 e 17 anos, *para a leitura do texto escrito parte da adaptação cinematográfica ou vice-versa*. Este trabalho visa uma reflexão sobre o espaço que a literatura o cinema e a leitura possuem na vida dos jovens, com intuito de contribuir positivamente com a biblioteca escolar, e seu trabalho interdisciplinar e conjunto entre bibliotecários e professores. Para isto será muito importante sua participação, respondendo este questionário e participando do debate que será realizado em sala de aula. Os dados obtidos através deste questionário e do debate, posteriormente serão analisados sem que seus participantes sejam identificados.

Idade:

1) Gosta de ler? () Sim () Não

Se gosta de ler, o que prefere?

() Livros () Revistas () Blogs () Outros. Quais?

2) Costuma ler? () Sim () Não

Se costuma, qual gênero?

() Romance () Novela () Conto

De que tipo?

() Aventura () Amor () Ficção científica () Fantástico

() Suspense () Policial () Terror

3) Acha importante ler? () Sim () Não. Por quê?

4) Em que tipo de suporte você prefere ler?

() Livro impresso () Celular () Tablet () E-reader () Computador

5) Gosta de assistir filmes? () Sim () Não

Se gosta, como assiste?

() Cinema () TV () Blu-ray () DVD () YouTube

() Netflix () NOW () Outros. Quais?

6) O que você costuma assistir?

- Ação Aventura Comédia Drama Ficção Científica
 Romance Suspense Terror Animação Animes
 Outro. Quais?

7) Tem algum gênero favorito? Qual?**8) Acha importante ver filmes? Sim Não. Por quê?****9) A biblioteca da escola possui livros que foram adaptados para filmes?**

- Sim Não Não sabe

10) Ao escolher um filme ou um livro, no que baseia sua escolha?

- Propaganda Sites na internet Indicação de professor/bibliotecário
 Indicação de amigos Premiações como o Oscar
 Blogs de cinema Blogs de literatura Outros. Quais?

11) Dê exemplos de livros que gostou ou que não gostou. Por quê?**12) Dê exemplos de filmes que gostou ou que não gostou. Por quê?**

Muito obrigada por sua colaboração!

APÊNDICE B – Roteiro para grupo focal

- a) Como vocês preferem conhecer uma história, através de um livro ou de um filme? Qual o motivo de sua preferência?
- b) Já leram algum livro que os motivou, a buscar mais informações, sobre a história ou sobre o autor? Ou então procurar outros livros sobre o mesmo tema.
- c) Algum autor já o motivou a procurar mais livros que ele tenha escrito?
- d) Vocês percebem o cinema como uma forma de leitura? Por quê?
- e) Qual sua opinião sobre as adaptações de livros para o cinema?
- f) Como é composto o acervo da biblioteca da escola?
- g) Como você fica sabendo se os filmes são adaptações de livros?
- h) A biblioteca da escola faz algum tipo de divulgação dos livros através de relação com as adaptações para o cinema?
- i) A escola, a biblioteca ou os professores promovem alguma atividade que envolva o cinema ou filmes?
- j) Essas atividades relacionadas ao cinema ajudam vocês a se interessarem mais pelo cinema ou pela leitura de livros?
- k) Qual tipo de atividade e como funciona?
- l) Caso não ocorram atividades relacionadas ao cinema, vocês acham que a existência dessas os ajudaria a se interessar mais por cinema ou pela leitura de livros?
- m) Quando vocês escolhem uma leitura por conta própria, de lazer, o que motiva a escolha?
- n) O que os motiva a ler um livro, depois de assistir ao filme?
- o) Quais filmes o motivaram a ler a obra que lhe deu origem? Por quê?
- p) Vocês costumam compartilhar e trocar sugestões sobre livros e filmes?

APÊNDICE C – Lista de obras apresentada aos jovens

Assinale os livros já lidos e, ou os filmes vistos no quadro abaixo:

Quadro 2 – Lista de obras literárias

AUTOR	OBRA	ANO	LIVRO	FILME
ALLENDE, Isabel	A Casa dos Espíritos	1982		
AMADO, Jorge	Mar Morto	1936		
AMADO, Jorge	Capitães de Areia	1937		
ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de	As Virtudes da Casa	1985		
ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de	Um Quarto de Légua Em Quadro	1976		
ASSIS, Machado de	Dom Casmurro	1899		
ASSIS, Machado de	Memórias Póstumas de Brás Cubas	1881		
AUSTEN, Jane	Orgulho e Preconceito	1813		
AUSTEN, Jane	Razão e Sensibilidade	1811		
AZEVEDO, Alúcio	O Cortiço	1890		
BRADBURY, Ray	Fahrenheit 451	1953		
BRADLEY, Marion Zimmer	As Brumas de Avalon (Coleção)	198-		
BRONTE, Emily	O Morro dos Ventos Uivantes	1847		
BRONTE, Charlotte	Jane Eyre	1847		
BROWN, Dan	O Código Da Vinci	2003		
BURGESS, Anthony	Laranja Mecânica	1962		
CALVINO, Italo	O Barão nas Árvores	1957		
CALVINO, Italo	O Visconde Partido Ao Meio	1952		
CAPOTE, Truman	A Sangue Frio	1959		
CARROL, Lewis	Alice no País das Maravilhas	1865		
CHEVALIER, Tracy	O Azul da Virgem	1997		
CHEVALIER, Tracy	Moça Com Brinco de Pérola	1999		
COLLINS, Suzanne	Jogos Vorazes (Coleção)	200-		
COOPER, James Fenimore	O Último dos Moicanos	1826		
CORNWELL, Bernard	A Busca do Graal (Coleção)	200-		
DEFOE, Daniel	Robinson Crusoe	1719		
DEFOE, Daniel	Moll Flanders	1722		
DOSTOIEVSKI, Fiodor	Crime e Castigo	1866		
DOURADO, Autran	Uma Vida em Segredo	1964		
DUMAS, Alexandre	O Conde de Montecristo	1843		
DUMAS, Alexandre	Os Três Mosqueteiros	1844		
DURAS, Marguerite	O Amante	1984		
ECO, Umberto	O Nome da Rosa	1980		
ESQUIVEL, Laura	Como Água para Chocolate	1992		
FIELDING, Henry	A História de Tom Jones	1749		

FITZGERALD, F. Scott	O Grande Gatsby	1925		
FLAUBERT, Gustave	Madame Bovary	1856		
GARCÍA MARQUEZ, Gabriel	Cem Anos de solidão	1967		
GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel	Ninguém Escreve ao Coronel	1968		
GARCIA MARQUES, Gabriel	Amor no tempos do cólera	1985		
GREEN, John	Cidade de Papel	2008		
GREEN, John	A Culpa é das Estrelas	2012		
GUIMARÃES, Josué	Camilo Mortágua	1980		
GUIMARÃES, Josué	Os Tambores Silenciosos	1977		
GUIMARÃES, Josué	Tempo de solidão	1972		
GUIMARÃES, Josué	Enquanto a Noite Não Chega	1978		
HATOUM, Milton	Dois Irmãos	2000		
HAWTHORNE, Nathaniel	A Letra Escarlata	1850		
HEMINGWAY, Ernest	O Velho e o Mar	1951		
HESSE, Hermann	O Lobo da Estepe	1927		
HUGO, Victor	O Corcunda de Notre-Dame	1831		
HUGO, Victor	Os Miseráveis	1862		
ISHIGURO, Kazuo	Os Vestígios do Dia	1989		
KAFKA, Franz	O Processo	1915		
KAFKA, Franz	Na Colônia Penal	1919		
KING, Stephen	O Iluminado	1977		
KING, Stephen	A Espera de um Milagre	1996		
LACLOS, Choderlos de	Ligações Perigosas	1782		
LEROUX, Gaston	O Fantasma da Ópera	1909		
LEWIS, C. S.	As Crônicas de Nárnia	195-		
LISPECTOR, Clarice	A Hora da Estrela	1977		
LUFT, Lya	O quarto Fechado	1984		
LUFT, Lya.	Reunião de Família	1982		
MACHADO, Dionelio	Os Ratos	1935		
MANN, Thomas	A Morte em Veneza	1912		
MELVILLE, Herman	Moby Dick	1851		
MELVILLE, Herman	Bartleby, o Escriturário	1856		
MEYER, Stephanie	Crepúsculo (Coleção)	2005		
MEYER, Stephanie	A Hospedeira	2008		
MITCHELL, Margaret	E o Vento Levou	1936		
MUNIZ, Flávia	Os Noturnos	1995		
NABOKOV, Vladimir	Lolita	1955		
ORWELL, George	1984	1949		
ORWELL, George	A Revolução dos Bichos	1945		
POE, Edgar Allan	Os Assassinatos da Rua Morgue	1841		
POMPÉIA, Raul	O Ateneu	1888		
POZENATO, José Clemente	O Quatrilho	1985		
PUZO, Mario	O Poderoso Chefão	1969		
QUEIROZ, Raquel de	Memorial de Maria Moura	1992		
QUEIROZ, Raquel de	O Quinze	1930		
RAMOS, Graciliano	Angústia	1936		

REGO, José Lins do	Menino de Engenho	1932		
RIBEIRO, João Ubaldo	Sargento Getúlio	1971		
RIORDAN, Rick	Percy Jackson (Coleção)	20--		
ROTH, Veronica	Divergente (Coleção)	201-		
ROWLING, J. K.	Harry Potter (Coleção)	1997		
SALINGER, J.D.	O Apanhador no Campo de Centeio	1951		
SARAMAGO, José	Ensaio Sobre a Cegueira	1995		
SARAMAGO, José	Memorial do Convento	1982		
SHERWOOD, Ben	A Vida e a Morte de Charlie St. Cloud	2004		
SCHLINK, Bernhard	O Leitor	1995		
SCLIAR, Moacyr	O Centauro no Jardim	1980		
SCLIAR, Moacyr	Os Deuses de Raquel	1975		
SHELLEY, Mary	Frankenstein	1818		
SPARKS, Nicholas	A Última Música	2009		
SPARKS, Nicholas	Um Homem de Sorte	2008		
SPARKS, Nicholas	O Melhor de Mim	2011		
STENDHAL	O Vermelho e o Negro	1830		
SWIFT, Jonathan	As Viagens de Gulliver	1726		
SÜSKIND, Patrick	Perfume: a história de um assassino	1985		
TOLKIEN, J. R. R.	O Senhor dos Anéis (Col.)	1954		
TOLKIEN, J. R. R.	O Hobbit	1937		
TOLSTOI, Liev	Guerra e Paz	1869		
TOLSTOI, Liev	Anna Karenina	1977		
TOLSTOI, Liev	A Morte de Ivan Ilitch	1886		
VARGAS LLOSA, Mario	Pantaleão e as Visitadoras	1973		
VERÍSSIMO, Érico	Olhai os Lírios do Campo	1938		
VERÍSSIMO, Érico	O Tempo e o Vento	194-		
VERNE, Júlio	Viagem ao Centro da Terra	1864		
VERNE, Júlio	20 Mil Léguas Submarinas	1870		
VERNE, Júlio	Volta ao Mundo em Oitenta Dias	1873		
WELLS, H. G.	A Máquina do Tempo	1895		
WELLS, H. G.	A Guerra dos Mundos	1898		
WILDE, Oscar	O Retrato de Dorian Gray	1890		
WILDE, Oscar	O Fantasma de Canterville	1887		
WOOLF, Virginia	Passeio ao Farol	1927		
ZAFÓN, Carlos Ruiz	A Sombra do Vento	2001		
ZOLA, Émile	Germinal	1885		
ZUSAK, Markus	A Menina que Roubava Livros	2005		

Elaborado pelo autor, 2016.

As datas são referentes à publicação do livro, nas coleções a data indicada é a do lançamento do primeiro volume. Algumas obras não possuem, adaptação para o cinema.

Muito obrigado por sua colaboração!

APÊNDICE D – Levantamento de livros lidos e filmes vistos pelos alunos do GRUPO A

Será apresentado a seguir o levantamento das leituras realizadas pelos jovens do GRUPO A. Os números nas colunas livro e filme, indicam respectivamente quantos jovens assinalaram cada obra literária ou sua adaptação cinematográfica a partir da lista previamente oferecida. Na Tabela 1 abaixo, os dados apurados:

Tabela 1 – Levantamento de livros lidos e filmes vistos realizado no GRUPO A

AUTOR	OBRA	ANO	LIVRO	FILME
AMADO, Jorge	Capitães de Areia	1937	1	2
ASSIS, Machado de	Dom Casmurro	1899	5	2
ASSIS, Machado de	Memórias Póstumas de Brás Cubas	1881	2	
AUSTEN, Jane	Orgulho e Preconceito	1813		5
AZEVEDO, Alúcio	O Cortiço	1890	2	
BRADBURY, Ray	Fahrenheit 451	1953	4	1
BRADLEY, Marion Zimmer	As Brumas de Avalon (4 v.)	198-	1	1
BROWN, Dan	O Código Da Vinci	2003		4
BURGESS, Anthony	Laranja Mecânica	1962		2
CALVINO, Italo	O Visconde Partido Ao Meio	1952	1	
CARROL, Lewis	Alice no País das Maravilhas	1865	4	8
COLLINS, Suzanne	Jogos Vorazes (3 v.)	200-	1	8
COOPER, James Fenimore	O Último dos Moicanos	1826		1
CORNWELL, Bernard	A Busca do Graal (3 v.)	200-	1	
DEFOE, Daniel	Robinson Crusoe.	1719	1	1
DUMAS, Alexandre	O Conde de Montecristo	1843	2	1
DUMAS, Alexandre	Os Três Mosqueteiros	1844	1	7
ECO, Umberto	O Nome da Rosa	1980		1
FITZGERALD, F. Scott	O Grande Gatsby	1925		2
GREEN, John	Cidade de Papel	2008	2	2
GREEN, John	A Culpa é das Estrelas	2012	3	2
HEMINGWAY, Ernest	O Velho e o Mar	1951	5	
HUGO, Victor	O Corcunda de Notre-Dame	1831	2	2
HUGO, Victor	Os Miseráveis	1862	1	1
KING, Stephen	A Espera de um Milagre	1996		3
LEROUX, Gaston	O Fantasma da Ópera	1909	2	2
LEWIS, C. S.	As Crônicas de Nárnia	195-		7
MELVILLE, Herman	Moby Dick	1851	1	
MEYER, Stephanie	Crepúsculo (4 v.)	2005		5
MEYER, Stephanie	A Hospedeira	2008		1
ORWELL, George	A Revolução dos Bichos	1945	1	2
POE, Edgar Allan	Os Assassinos da Rua Morgue	1841		1
PUZO, Mario	O Poderoso Chefão	1969		3
RIORDAN, Rick	Percy Jackson (5 v.)	20--	1	6
ROTH, Veronica	Divergente (3 v.)	201-	2	6
ROWLING, J. K.	Harry Potter (7v.)	1997	4	6

Continuação				
SARAMAGO, José	Ensaio Sobre a Cegueira	1995	1	
SCLIAR, Moacyr	O Centauro no Jardim	1980	1	
SHELLEY, Mary	Frankenstein	1818	6	4
SPARKS, Nicholas	A Última Música	2009		1
SPARKS, Nicholas	Um Homem de Sorte	2008		2
SWIFT, Jonathan	As viagens de Gulliver	1726	2	5
SÜSKIND, Patrick	Perfume: a história de um assassino	1985		2
TOLKIEN, J. R. R.	O Senhor dos Anéis	1954		4
TOLKIEN, J. R. R.	O Hobbit	1937		4
TOLSTOI, Liev	Guerra e Paz.	1869		1
TOLSTOI, Liev	Anna Karenina	1977		1
VERÍSSIMO, Érico	O Tempo e o Vento	194-	4	3
VERNE, Júlio	Viagem ao Centro da Terra	1864		4
VERNE, Júlio	20 Mil Léguas Submarinas	1870		1
VERNE, Júlio	Volta ao Mundo em Oitenta Dias	1873	1	3
WELLS, H. G.	A Máquina do Tempo	1895		1
WELLS, H. G.	A Guerra dos Mundos	1898		2
WILDE, Oscar	O Retrato de Dorian Gray	1890	1	1
WILDE, Oscar	O Fantasma de Canterville	1887	1	
ZUSAK, Markus	A Menina que Roubava Livros	2005		3

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

APÊNDICE E – Levantamento de livros lidos e filmes vistos pelos alunos do GRUPO B

Será apresentado a seguir o levantamento das leituras realizadas pelos jovens do GRUPO B. Os números nas colunas livro e filme, indicam respectivamente quantos jovens assinalaram cada obra literária ou sua adaptação cinematográfica a partir da lista previamente oferecida. A Tabela 2, apresenta os dados apurados:

Tabela 2 – Levantamento de livros lidos e filmes vistos – GRUPO B

AUTOR	OBRA	ANO	LIVRO	FILME
ASSIS, Machado de	Dom Casmurro	1899	1	
BRONTE, Emily	O Morro dos Ventos Uivantes	1847	1	
BROWN, Dan	O Código Da Vinci	2003	1	3
BURGESS, Anthony	Laranja Mecânica	1962		1
CARROL, Lewis	Alice no País das Maravilhas	1865	1	6
CHEVALIER, Tracy	Moça Com Brinco de Pérola	1999		1
COLLINS, Suzanne	Jogos Vorazes (3 v.)	200-	2	8
DUMAS, Alexandre	Os Três Mosqueteiros	1844		2
GREEN, John	Cidade de Papel	2008		1
GREEN, John	A Culpa é das Estrelas	2012		4
HUGO, Victor	O Corcunda de Notre-Dame	1831		1
HUGO, Victor	Os Miseráveis.	1862		1
KING, Stephen	O Iluminado	1977		2
KING, Stephen	A Espera de um Milagre	1996		3
LACLOS, Choderlos de	Ligações Perigosas	1782		1
LEROUX, Gaston	O Fantasma da Ópera	1909		1
LEWIS, C. S	As Crônicas de Nárnia	195-		3
MELVILLE, Herman	Moby Dick.	1851	1	1
MEYER, Stephanie	Crepúsculo (4 v.)	2005		6
ORWELL, George	A Revolução dos Bichos	1945		1
PUZO, Mario	O Poderoso Chefão	1969		2
RIORDAN, Rick	Percy Jackson (5 v.)	20--	2	8
ROTH, Veronica	Divergente (3 v.)	201-		5
ROWLING, J. K.	Harry Potter (7 v.)	1997	1	7
SHELLEY, Mary	Frankenstein	1818		3
SPARKS, Nicholas	A Última Música	2009	1	1
SWIFT, Jonathan	As viagens de Gulliver	1726		2
SÜSKIND, Patrick	Perfume: a história de um assassino	1985		1
TOLKIEN, J. R. R.	O Senhor dos Anéis	1954	2	4
TOLKIEN, J. R. R.	O Hobbit	1937	2	4
VERÍSSIMO, Érico	O Tempo e o Vento	194-		4
VERNE, Júlio	Viagem ao Centro da Terra	1864		3
VERNE, Júlio	Volta ao Mundo em Oitenta Dias	1873		1
WELLS, H. G.	A Guerra dos Mundos	1898		3
ZUSAK, Markus	A Menina que Roubava Livros	2005		3

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

**APÊNDICE F – Livros acrescentados pelos jovens do GRUPO A
à lista distribuída**

Quadro 3 – Livros acrescentados à lista pelos jovens do GRUPO A

AUTOR	OBRA	ANO
ASSIS, Machado de	O Alienista	1881
AZEVEDO, Álvares de	Noite na Taverna	1855
CHAPMAN, Gary	As Cinco Linguagens do Amor	1995
CHOPRA, Deepak	Super Cérebro	2012
COTUGO, Katie	Duas Vezes Amor	2014
CHRISTIE, Agatha	The Monogram Murders	1923
CUNHA, Marcelo Carneiro	Ímpar	2002
DASHNER, James	Maze Runner (6 v.)	200-
DOYLE, Arthur Conan	O Cão dos Baskervilles	1902
GIMENES, Bruno; CÂNDIDO, Patrícia	O Criador da Realidade	20-?
GARCIA MARQUES, Gabriel	Memórias de Minhas Putas Tristes	2004
GOLDING, William	O Senhor das Moscas	1954
GOMES, Helena	Tristão e Isolda	2010?
GREEN, John	Quem é você Alasca?	2005
GREEN, John	O Teorema de Katherine	2006
HAHN, Trich Nhat	Meditação Andando: guia para paz interior	19--?
JAMES, Erika Leonard	Fifty Shades of Gray	2011
JAMES, Steven	Placebo	2014
KAFKA, Franz	A Metamorfose	1915
PALACIO, R. J.	Extraordinário	2013
PIMENTA, Paula	Fazendo o Meu filme (4 v.)	200-
PIMENTA, Paula	Minha Vida Fora de Série	2011
SHAKESPEARE, William	Sonhos de uma Noite de Verão	1605
SIJIE, Dai	Balzac e a Costureirinha Chinesa	2000
SNICKET, Lemony	Desventuras em Série (13 v.)	199-
STOKER, Bram	Drácula	1897
STEVENSON, Robert Louis	Strange case of Dr. Jackyll and Mr. Hyde	1886
TELLES, Carlos Queiroz	A Cama que Sonhava	1993?
VARELA, Gabriella Hammes	O Mundo Numérico	201?
WILDE, Oscar	The Canterville Ghost	1887
WILLIAMS, Mark; PENMAN, Danny	Atenção Plena: mindfulness	2015?

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

**APÊNDICE G – Livros acrescentados pelos jovens do GRUPO B
à lista distribuída**

Quadro 4 – Livros acrescentados à lista pelos jovens do GRUPO B

AUTOR	OBRA	ANO
ANDRADE, Mário	Macunaíma	1928
CASS, Kiera	A Seleção	2012
FRANK, Anne	O Diário de Anne Frank	1947
KIRKMAN, Robert; BONANSINGA, Jay	The Walking Dead: a ascensão do governador	2011
PATRÍCIA (Espírito)	Violetas na Janela	1993
REINZ, Gustavo	Confidências, Confusões e mais...Garotas!	2010
SAINT EXUPÉRY, Antoine de	O Pequeno Príncipe	1943
SPARKS, Nicholas	Querido John	2010

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

APÊNDICE H – Filmes citados no questionário pelos jovens do GRUPO A

Quadro 5 – Filmes citados no questionário pelos jovens do GRUPO A

TÍTULO	DIRETOR	ANO
A Dama de Ferro	Phyllida Lloyd	2012
A Vida é Bela	Roberto Benigni	1997
Diário de uma Paixão	Nick Cassavetes	2004
12 Anos de Escravidão	Steve McQueen	2014
Gente Grande	Denis Dugan	2010
Joana D'arc	Luc Besson	1999
O Patriota	Roland Emmerich	2000
Um Amor para Recordar	Adam Shankman	2002
Velozes e Furiosos	Rob Cohen	2001

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

APÊNDICE I – Filmes citados no questionário pelos jovens do GRUPO B

Quadro 6 – Filmes citados no questionário pelos jovens do GRUPO B

TÍTULO	DIRETOR	ANO
A Procura da Felicidade	Gabrielle Muccino	2006
Gol	Danny Canon	2006
Gol 2: vivendo o sonho	Jaume Collet Serra	2008
Gol 3	Andy Morahan	2008
Invencível	Angelina Jolie	2015
O Atirador²⁵		
Os Vingadores	Joss Whedon	2012

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

²⁵ Existem vários filmes com este título, não foi possível apurar qual foi citado.

APÊNDICE J – Carta de apresentação à direção da escola

Porto Alegre, de agosto de 2016.

À Direção da Escola

Prezados (as) Senhores (as)

Sou aluna do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sobre a percepção dos jovens a respeito das relações entre cinema e literatura, o objetivo da pesquisa é: **verificar se a motivação dos jovens para a leitura do texto escrito parte da adaptação cinematográfica ou vice-versa**. Tal estudo será realizado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e busca contribuir com a área da biblioteconomia relacionada à biblioteca escolar.

Como parte da pesquisa, será necessário entrevistar adolescentes entre 14 e 17 anos de idade. A entrevista ocorrerá através da técnica grupo focal, que consiste em um debate realizado com um grupo com seis a oito participantes, além do entrevistador e de uma pessoa para auxiliar no registro das informações mais importantes. A pesquisa será gravada para posterior transcrição e análise dos dados, será utilizada única e exclusivamente para fins acadêmicos, preservando a identidade dos entrevistados.

Para tal, solicito a permissão dos senhores para a realização da pesquisa com um grupo de alunos em vossa escola. A participação dos estudantes ocorrerá de forma voluntária e a pesquisa poderá ser realizada em local e horário que for mais conveniente para os senhores e os estudantes. Sem mais, coloco-me a disposição para maiores informações pelos telefones (51) XXXX.XXXX, (51) XXXX.XXXX ou ainda pelo endereço eletrônico gilbertaferreiradacosta@gmail.com.

Atenciosamente,

Gilberta Ferreira da Costa

APÊNDICE K – Termo de esclarecimento aos pais



TERMO DE ESCLARECIMENTO

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar de um estudo que visa analisar a percepção dos jovens sobre as relações entre o cinema e a literatura. Este estudo objetiva verificar se a motivação dos jovens para a leitura do texto escrito parte da adaptação cinematográfica ou vice-versa, buscando contribuir com os estudos na área de biblioteconomia relacionados à biblioteca escolar. Não será feito nenhum procedimento que traga desconforto ou risco à vida do menor. A participação do menor se dará através de um questionário e uma entrevista coletiva, sob a técnica grupo focal, realizada conjuntamente com outros adolescentes. Esta entrevista deverá ser gravada para posterior transcrição e análise dos dados e será utilizada única e exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, preservando a identidade dos entrevistados.

O(a) senhor(a) e o menor sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem, o menor poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento.

Para esclarecer quaisquer dúvidas, pode entrar em contato com a pesquisadora, Gilberta Ferreira da Costa, aluna do curso de Biblioteconomia, sob a matrícula n. 18121, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou à disposição para esclarecimentos que considerem necessário, através dos telefones (51) XXXX.XXXX, (51) XXXX.XXXX ou ainda através do e-mail: gilbertaferreiradacosta@gmail.com.

APÊNDICE L – Termo de consentimento



Estudo: LITERATURA E CINEMA: a leitura dos jovens em diferentes linguagens.

Eu, _____ (*nome do responsável*), li e compreendi para que serve o estudo ao qual o menor sob minha responsabilidade poderá participar. A explicação que recebi, esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu e o menor sob minha responsabilidade somos livres para interromper a participação dele na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada e que isso não acarretará qualquer prejuízo a ele. Sei que o nome do menor não será divulgado e que os dados coletados através da pesquisa serão utilizados apenas para fins acadêmicos e científicos. Eu concordo com a participação do menor no estudo, desde que ele também concorde. Por isso ele _____ (*nome do participante*) assina junto comigo este Termo de Consentimento.

Porto Alegre, ____/____/____.

Assinatura do responsável legal

Documento de Identidade

Assinatura do menor

Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador

Para esclarecer qualquer dúvida você pode entrar em contato com a pesquisadora, Gilberta Ferreira da Costa, aluna sob a matrícula n. 18121, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou a disposição para esclarecimentos que considere necessário através dos telefones (51) XXXX.XXXX, (51) XXXX.XXXX ou ainda através do e-mail: gilbertaferreiradacosta@gmail.com.

ANEXO A – Carta de apresentação de aluno

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA & COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

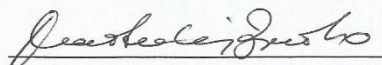
Porto Alegre, 11 de julho de 2016.

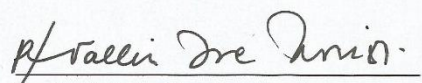
Prezado(a) Senhor(a):

Apresentamos GILBERTA FERREIRA DA COSTA, aluna do Curso de Biblioteconomia da UFRGS e solicitamos sua permissão para que a ela realize uma entrevista com um grupo de alunos do ensino médio, com a finalidade de coletar dados para seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é as relações entre o cinema e a literatura. Esses dados serão utilizados exclusivamente no seu TCC, sem identificação dos participantes. A previsão do período de realização do grupo focal, técnica de entrevista a ser realizada, com um pequeno grupo de adolescentes será o mês de agosto, em horários a serem previamente agendados.

Agradecemos antecipadamente pela sua colaboração.

Atenciosamente,


Prof^a. Martha E. K. Kling Bonotto
Professora Orientadora


Prof. Moisés Rockembach
Chefe do Depto. de Ciências da Informação

Valdir José Morigi
Chefe Substituto do DCI
FABICO/UFRGS